



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC**

RANIELI AMORIM CARVALHO

**“EU NÃO FUI PREPARADA, MAS EU ACHO ASSIM, QUE A FUNÇÃO DO
BIBLIOTECÁRIO É...”: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE BIBLIOTECÁRIAS DE
SEVERIANO MELO/RN**

**MOSSORÓ, RN
2017**

RANIELI AMORIM CARVALHO

**“EU NÃO FUI PREPARADA, MAS EU ACHO ASSIM, QUE A FUNÇÃO DO
BIBLIOTECÁRIO É...”: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE BIBLIOTECÁRIAS DE
SEVERIANO MELO/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Lima de Andrade.

**MOSSORÓ, RN
2017**

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Carvalho, Ranieli Amorim

“Eu não fui preparada, mas eu acho assim, que a função do bibliotecário é...”: As práticas pedagógicas de bibliotecárias de Severiano Melo/RN/ Ranieli Amorim Carvalho – Mossoró, RN, 2017.

100 f.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria da Conceição Lima de Andrade.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC.

1. Prática Pedagógica. 2. Práticas de Leitura. 3. Biblioteca Escolar. 4. *Habitus*. I. . II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/ BC

CDD 370.7

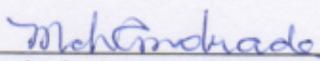
Bibliotecário: Aline Karoline da Silva Araújo – CRB - 15/783

RANIELI AMORIM CARVALHO

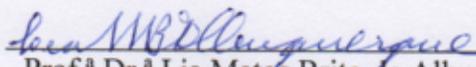
“EU NÃO FUI PREPARADA, MAS EU ACHO ASSIM, QUE A FUNÇÃO DO
BIBLIOTECÁRIO É...”: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE BIBLIOTECÁRIAS
DE SEVERIANO MELO/RN

DATA DE APROVAÇÃO: 28 / 08 / 2017

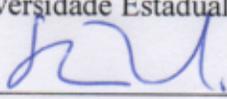
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Maria da Conceição Lima de Andrade
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



Prof.ª Dr.ª Lia Matos Brito de Albuquerque
Universidade Estadual do Ceará



Prof. Dr. Gilson Ricardo de Medeiros Pereira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

DEDICATÓRIA

Aos meus avós e aos meus pais *in memoriam*.

As minhas tias: Liduína, Neires, Saúde e
Socorro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por escrever a minha história e ter colocado o Mestrado e seus aprendizados nela;

Às minhas tias que souberam me amar e educar como verdadeiras educadoras da vida, obrigada por serem mães acima de tudo;

Ao meu noivo, amigo e companheiro Paulo Henrique, pelo incentivo e paciência constante e por apoiar este sonho;

Às professoras participantes desta pesquisa por aceitarem fazer parte deste trabalho;

Aos colegas de mestrado Francisco Donizete e Karla Kaliane, pelos conhecimentos, esperanças e sonhos compartilhados;

À minha orientadora, professora Dra. Maria da Conceição Lima de Andrade, por todos os ensinamentos e oportunidades proporcionadas;

Ao professor Dr. Gilson Ricardo de Medeiros, pelos conselhos pertinentes e por nos ajudar sempre a compreender Pierre Bourdieu;

Ao Ateliê Sociológico Educação & Cultura, pelas trocas de experiências;

Ao POSEDUC e à Adiza, pela prontidão em ajudar sempre;

À CAPES pelo apoio financeiro.

[...] não bastam espaços e livros guardados para caracterizar a existência de uma biblioteca escolar; não são os objetos físicos que dão a ela a existência e a vida [...].

Dagoberto Arena

RESUMO

O trabalho, a seguir, apresenta os resultados de um estudo destinado a analisar quem são as bibliotecárias de Severiano Melo/RN e tentar compreender como desenvolvem suas práticas e por quais razões as fazem de tal maneira, ou seja, o que orienta as práticas de professoras que não cursaram biblioteconomia, porém atuam nas bibliotecas escolares de Severiano Melo/RN. Parte-se do pressuposto de que as agentes da pesquisa possuem disposições que as orientam, bem como práticas que são marcadas por suas trajetórias formativas pessoais que constituem seu *habitus* e são determinadas por seu capital cultural e econômico, especificamente por suas práticas de leitura nas esferas pessoal e profissional. Procura-se perceber e compreender quais fatores levam professoras que atuam nas bibliotecas a desenvolverem suas práticas pedagógicas de determinada maneira. Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa e para a construção dos dados foram realizadas observações nos espaços das bibliotecas escolares, bem como aplicados questionários e entrevistas semiestruturadas com cinco bibliotecárias. O critério de seleção pelas bibliotecas escolares do município de Severiano Melo/RN deu-se pelo fato de que é a cidade natal da pesquisadora e, portanto, pela facilidade de acesso às colaboradoras da pesquisa. Para a análise do material empírico tomou-se como principal referência os conceitos de *habitus*, capital cultural e capital econômico de Pierre Bourdieu. Percebeu-se que a professora destinada a desempenhar a função de bibliotecário tende a desenvolver o seu trabalho considerando os conhecimentos que já possui como professora, visto não possuir uma formação específica para tal atuação. Quando não é docente, o conhecimento adquirido na prática é um dos principais saberes que dão suporte para o exercício diário. Todas as agentes reconhecem a necessidade e a importância que uma formação específica possibilita. O estilo de vida e a posse dos capitais cultural e econômico, bem como o hábito de ler das agentes são capazes de influenciar as suas práticas pedagógicas. São as trajetórias sociais que diferenciam e dão singularidade às ações de cada bibliotecária, razão pela qual por mais que tenham histórias de vida parecidas, pais com o mesmo grau de escolarização e dificuldades de acesso à cultura, cada agente realiza seu trabalho de uma determinada maneira. Esta investigação revela, ainda, a necessidade de que tanto os bibliotecários quanto a comunidade escolar precisam enxergar a biblioteca da escola como um lugar de mediação e contato com a leitura, podendo esse ser o único local a que crianças tenham acesso a esse bem cultural, sendo, portanto, importante que a biblioteca e os seus bibliotecários cumpram o seu papel formativo. Esta pesquisa contribui para um repensar as práticas desenvolvidas nestes espaços, chamando ao debate instituições públicas ou privadas, entidades e profissionais para a necessidade de promover a leitura e o acesso aos livros e, principalmente, considerar a relevância da mediação da leitura neste processo.

Palavras-chave: Prática Pedagógica; Práticas de Leitura; Biblioteca Escolar; *Habitus*.

ABSTRACT

The work following, presents the results of a study intended to analyze who are librarians of Severiano Melo/RN and trying to understand how to develop their practice and for what reasons make them in such a way, that is, what guides the practices of teachers who do not attend bibliotecas, however working in school libraries of Severiano Melo/ RN. Part of the assumption that the search agents have dispositions that orient them, as well as practices that are marked by their personal formative trajectories that constitute their habitus and are determined by their cultural and economic capital, specifically for their practice of reading in the personal and professional spheres. Seeks to realize and understand which factors lead teachers who work in libraries to develop their pedagogical practices in a particular way. This research has a qualitative approach and for construction of data was carried out observations in the spaces of the school libraries, as well as applied questionnaires and semi-structured interview with five librarians. The selection of criteria for the school libraries of the municipality of Severiano Melo/RN, gave by fact that it is the hometown of the researcher and, therefore, the ease of access to collaborators of the research. For analysis of the empirical material taken as main reference the concepts of habitus cultural capital and economic capital of Pierre Bourdieu. It was noticed that the teacher destined to fulfil the function of librarian tends to develop your work considering the knowledge that already have as a teacher, because do not have a specific training for such a performance. When is not teaching, the acquired knowledge in practice is one of the most important knowledge that support to the daily exercise. All the agents recognize the need and the importance of specific training allows. The lifestyle and the ownership of the cultural and economic capital, as well as are the habit of reading of the agents are able to influence their own pedagogical practices. Are the social trajectories that differentiate and give uniqueness the actions of every librarian, reason for more that have similar life history, parents with same degree of schooling and difficulties of access to culture, each agent performs the your work certain way. This research reveals the need for both librarians as the school community need to see the library as a place of mediation and contact with the reading, this may be the only place that children have access to this cultural object, being, therefore, important that the library and its librarians do your formative role. This research contributes to a rethink the practices developed these spaces, called to debate public or private institutions, entities and professionals to the need to promote reading and access to the books and, especially, to consider the relevance of mediation reading in the process.

Keywords: Pedagogical Practice; Reading Practice; School Library; Habitus.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 Calvin e Haroldo.....	15
Imagem 02 Biblioteca da Escola I.....	36
Imagem 03 Biblioteca da Escola I	52
Imagem 04 Biblioteca da Escola II	62
Imagem 05 Biblioteca da Escola II	69
Imagem 06 Biblioteca da Escola III	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
ALGUMAS NOÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR.....	16
OUTRAS LEITURAS RELEVANTES.....	24
ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS	28
METODOLOGIA E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	32
ESTRUTURA DO TRABALHO.....	35
2 RUTH – QUE CONTA UM CONTO	36
2.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA.....	41
2.2 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO	45
2.3 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS.....	49
3 CECÍLIA – QUE ANOTA UM PONTO	52
3.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA.....	55
3.2 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO	57
3.3 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS.....	59
4 ANA MARIA – QUE EMPRESTA OS LIVROS E PRONTO!.....	62
4.1 PRÁTICAS NA BIBLIOTECA E EXERCÍCIO DA FUNÇÃO	65
4.2 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS.....	67
5 LYGIA – QUE NÃO SE IDENTIFICA COM O POSTO	69
5.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA.....	71
5.2 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO	73
5.3 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS.....	73
6 ÂNGELA – QUE JÁ ENJOOU DOS CONTOS.....	75
6.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA.....	78
6.2 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO	79
6.3 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICES	91
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	92
APÊNDICE B – ENTREVISTA	99

1 INTRODUÇÃO

Não me satisfaz ver um livro numa vitrine, sem poder pegá-lo. Minha tese é que a gente deve poder tocar naquilo que gosta [...].

José Mindlin ¹

O meu primeiro contato com o tema da leitura/literatura infantil ocorreu durante a realização de uma pesquisa de Iniciação Científica, na qual investiguei sobre Educação e Virtudes em livros infantis (ANDRADE; CARVALHO, 2013a). O estudo, destinado a perceber como a pedagogia difusa, implícita na literatura infantil, incidiu sobre a formação moral do indivíduo. Para tanto, foi realizado um estudo bibliográfico para conhecer e compreender a história do surgimento dos livros infantis, os seus propósitos e um aprofundamento teórico sobre o que é virtude. O material empírico desta pesquisa se constituiu de livros infantis escolhidos em razão de sua pertinência ao objeto de estudo e, em função de sua abrangência geográfica e temporal, pois continham desde as fábulas de Esopo até contos estrangeiros e nacionais mais atuais. A análise dos livros infantis possibilitou a descrição das virtudes transmitidas pela educação informal, além de uma oportunidade para trazer à luz os mecanismos acionados pelas pedagogias difusas utilizados por pais e educadores para educar as crianças no caminho da virtude. Esta pesquisa possibilitou perceber, também, que a contação de histórias é um momento, no qual os adultos fazem uso da literatura para a construção do ser virtuoso na criança e esse momento tem grandes chances de êxito, uma vez que se dá num ambiente propício a trocas afetivas.

Naquela ocasião, foi possível realizar também uma pesquisa concomitante sobre as experiências de pais leitores em *sites* de livrarias na *Internet*, que me despertou a curiosidade em saber como acontecem as práticas de leitura na família (ANDRADE; CARVALHO, 2013b). Esta investigação foi realizada a partir de uma busca nos *sites* das maiores livrarias virtuais do Brasil para localizar comentários sobre as experiências de leitores com livros infantis, mais especificamente, obras edificantes cujo objetivo maior é o de ensinar virtudes. Foi possível observar, por meio dos comentários das leitoras, que as experiências de leitura

¹ José Mindlin (1914-2010) foi um bibliófilo brasileiro apaixonado por livros, eleito membro da Academia Brasileira de Letras, jornalista, advogado, empresário e patriarca. Possuiu uma das mais grandiosas bibliotecas brasileiras e é autor de *Uma vida entre livros*.

em espaços não escolares revelam virtudes, valores morais e comportamentos esperados pelos pais, avós, tios – leitores para as crianças – e pelos próprios escritores e organizadores dos livros infantis. Nesses momentos, que se realizam na família, acontece um processo educativo propiciado pelas trocas afetivas, que esse ambiente permite. Além disso, verificou-se a eficácia do uso de recursos tais como: as belas ilustrações, as rimas, a seleção de textos clássicos, assim como de produções recentes que abordam temas atuais, tornando as narrativas graficamente atraentes e literariamente agradáveis. Tudo isso culmina para potencializar a inculcação dos valores mais legítimos.

Desde então, passei a pensar nas relações entre leitura e família, entre a criança e o livro infantil. Penso, em especial, na minha infância e no fato de não ter tido pais leitores, mas penso também no fato de ter vivido rodeada por livros na casa dos meus avós paternos. Além disto, não posso esquecer, no entanto, a importância de uma tia de quem ganhei *O Pulo do Gato*, do qual me lembro até hoje com muito prazer e de outros vários livros. Estas memórias são extremamente significantes e influenciadoras das minhas práticas como estudante, pedagoga e pesquisadora.

O interesse em investigar as relações entre leitura, criança, família e escola me conduziu a pesquisar sobre as práticas de leitura na escola e na família, para a elaboração do trabalho monográfico do Curso de Pedagogia. O objetivo da pesquisa era identificar e compreender práticas de leitura na escola e na família por meio de um projeto de incentivo à leitura de uma escola da cidade de Mossoró/RN. Uma das ações do projeto tratava de promover a participação da família, criando momentos de integração entre pais e filhos por meio da leitura, a *Sacola Viajante*. A Sacola era uma estratégia criada para servir de suporte para conduzir livros e material de leitura da escola até a casa das crianças. Embora a ação da *Sacola Viajante* fosse desenvolvida em todos os anos da escola observada, a escolha pelo primeiro ano do ensino fundamental se deu pelo fato de que, nele, estudavam crianças na fase de alfabetização e que ainda necessitavam do acompanhamento dos adultos para ler as histórias.

Essa pesquisa chegou à conclusão de que são muitas as políticas de incentivo à leitura no nosso país, mas, embora exista incentivo e distribuição de material, é necessário que o costume da leitura seja incorporado pelas pessoas, que exista o hábito da leitura. A *Sacola Viajante* é uma estratégia que a escola estabelece para aproximação das famílias no cotidiano escolar. Nas observações e nas entrevistas, foi possível perceber que a *Sacola Viajante* é uma oportunidade de levar a leitura para casas em que não possuem livros, aumentar o repertório

daqueles que já possuem alguns e, ainda, é convidativo para que a família faça parte desse momento na vida da criança.

As crianças que apresentaram disposição à prática da leitura eram reflexos de um adulto leitor. De acordo com esse estudo, as crianças que tinham a prática regular da leitura tinham pais leitores. As crianças que não possuíam uma prática de leitura e a família afirmava ler para a criança, esta leitura era realizada de forma não regular, dificultando a inculcação de uma disposição, pela criança, para tal prática. Portanto, concluiu-se que, embora exista o acesso ao material, políticas de incentivo e escolas que procuram ter a família como parceira, é preciso que a família contribua de forma eficaz na formação do hábito da leitura.

Ainda durante a construção do trabalho monográfico, tive acesso a um curta-metragem na internet chamado *The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore*² (*Os fantásticos livros voadores do Sr. Morris Lessmore*), lançado nos EUA em 2011. A partir de então, a biblioteca passa a ter mais sentido e a animação me provoca inúmeras inquietações.

A animação conta a história do poder que os livros têm de mudar a vida de quem os lê. A trama se passa em uma cidade após a passagem de um furacão, que a deixa devastada, mas, a história não dá lugar à catástrofe, mas à vida, que renasce em meio aos problemas. O Sr. Morris, personagem principal do curta-metragem, ganha vida novamente ao se deparar com uma jovem que, carregada por livros voadores, lhe indica um lugar para ir. Este lugar, onde a trama se passa, é uma biblioteca, cheia de livros, que também ganham vida após a chegada do Sr. Morris, pois os livros passaram a ser lidos e cuidados. A biblioteca tornou-se um lugar vivo, cheio de cor, de histórias tristes, alegres, de acontecimentos e onde outras pessoas tinham a satisfação e entusiasmo de frequentá-la e de usufruir das suas maravilhas. Naquele lugar, tudo era feito com prazer. Talvez pelo fato de que o Sr. Morris cuidasse com todo carinho dos livros, “os alimentava”, “trocava as suas roupas”, “curava as suas feridas”, eles eram vivos!

A história do Sr. Morris e os livros voadores despertaram em mim inúmeros sentimentos e um deles foi a curiosidade em saber como, na vida real, os livros vivem e dão vida às pessoas por meio dos bibliotecários ou responsáveis por esta função e, mais especificamente, como isto acontece nas bibliotecas escolares.

Durante as observações necessárias para o trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, alguns momentos foram vivenciados na biblioteca escolar. A professora, da sala

² O vídeo é uma realização dos Estúdios Moonbot, criado e ilustrado por William Joyce e co-dirigido por Brandon Oldenburg. O curta tem influências da obra “O Mágico de Oz”, “Buster Keaton” e a tragédia do furacão Katrina, que destruiu New Orleans, nos EUA, em 2005.

de aula observada, costumava, em alguns momentos, levar os alunos até lá e orientá-los em suas escolhas. A leitura dos livros era realizada em casa e na sala de aula, pois as visitas à biblioteca eram apenas para a escolha de um livro, nunca para a leitura neste espaço. No que se refere à bibliotecária desta escola, na maioria das vezes, ela ficava na Secretaria e sempre que algum aluno queria levar um livro para casa, ela ia até à biblioteca e os anotava em fichas de controle de empréstimos destinado para cada sala. As orientações ficavam a cargo da professora da sala, como mencionado.

Tudo isso me fez lembrar a minha própria experiência. No que se refere ao meu percurso estudantil, nas cinco escolas em que estudei desde criança, apenas duas possuíam biblioteca e as lembranças dos momentos de frequentar tal espaço só se referem a uma delas. Era um espaço pequeno, organizado, cheio de livros, revistas, mapas e jogos, três mesas em média e uma senhora mal humorada que parecia detestar a presença dos alunos ali. Sempre que terminávamos as avaliações ou tínhamos aula vaga íamos ver revista e folhear alguns livros. Além disto, naquele espaço, eu costumava tomar alguns livros emprestados. Estas são algumas lembranças sobre a biblioteca escolar e os bibliotecários, nomenclatura esta comumente atribuída aos professores que exercem a função no espaço da biblioteca. A tirinha, a seguir, ilustra sentimentos e ideias comuns a respeito de bibliotecárias, mas, este trabalho pretende compreender as disposições destas agentes e o que são capazes de orientar as suas práticas.



Imagem 01 – Calvin e Haroldo, 2017

Fonte: Google imagens

Visto que a biblioteca é um espaço composto por livros e materiais para pesquisa e leitura, meu interesse é saber quem trabalha neste espaço, o que fazem e como desenvolvem sua prática pedagógica ao exercer tal função. Tão significativo quanto ter biblioteca em uma escola é saber que tipo de prática educativa se desenvolve nela, por quem e como é

desenvolvida. Neste trabalho, a concepção de prática pedagógica utilizada é a defendida e fundamentada por Veiga (1988, p. 28) que a compreende como:

[...] uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática, e é essencialmente nosso dever, como educadores, a busca de condições necessárias à sua realização.

Portanto, a pergunta de partida desta pesquisa é: quem são as bibliotecárias de Severiano Melo/RN e como desenvolvem suas práticas e por que razões as fazem de tal maneira?

ALGUMAS NOÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

No que se refere a programas relacionados à biblioteca na escola e ao trabalho a ser desenvolvido neste espaço, este tópico objetiva elucidar algumas noções fundamentais para a sua compreensão. Tratando-se de programas e leis que garantem a oferta de materiais de leitura nas escolas do país, existe um programa de distribuição de obras e materiais de apoio a todos os níveis de ensino da educação básica: o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Esse programa foi instituído pelo Ministério da Educação e do Desporto em 28 de Abril de 1997. No Art. 1º está estabelecido o programa e suas características básicas:

Art. 1º Instituir o Programa Nacional Biblioteca da Escola, com as seguintes características básicas:

- a) aquisição de obras da literatura brasileira, textos sobre a formação histórica, econômica e cultural do Brasil, e de dicionários, atlas, enciclopédias e outros materiais de apoio e obras de referência;
- b) produção e difusão de materiais destinados a apoiar projetos de capacitação e atualização do professor que atua no ensino fundamental;
- c) apoio e difusão de programas destinados a incentivar o hábito da leitura;
- d) produção e difusão de materiais audiovisuais e de caráter educacional e científico (BRASIL, 1997).

O PNBE se detém à distribuição de acervo. Nos anos ímpares, as escolas beneficiadas são as dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio; e nos anos pares, é a vez das escolas de educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos.

O programa divide-se em: *PNBE Periódicos* que tem o objetivo de distribuir material pedagógico para auxiliar professores e gestores; *PNBE Temático*, destinado a alunos e

professores dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio e tem o intuito de colaborar na formação de uma cultura cidadã e de combate ao preconceito e, ainda, o *PNBE do Professor*, que tem a finalidade de adquirir e distribuir obras para auxiliar os professores da educação básica e da educação de jovens e adultos nos planos de aula e atividades de sala.

Além do PNBE, programa de fomento à leitura, existe a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010 que dispõe sobre a *Universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País*. Em um dos seus artigos decreta:

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998 (BRASIL, 2010).

A lei visa garantir a universalização de bibliotecas e, também, garantir o respeito à profissão de bibliotecário, estabelecida na Lei Nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regulamenta o seu exercício. Em um de seus artigos determina as seguintes atribuições ao profissional:

Art 6º São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia, a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes:

- a) o ensino de Biblioteconomia;
- b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação;
- c) administração e direção de bibliotecas;
- d) a organização e direção dos serviços de documentação;
- e) a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência (BRASIL, 1962).

A administração e direção de bibliotecas é atribuição do profissional bacharel em Biblioteconomia, no entanto não é essa a realidade consolidada nas bibliotecas escolares do país. Em geral, são profissionais da educação, professores, supervisores, orientadores educacionais, entre outros, que atuam nestes espaços.

No que diz respeito à biblioteca escolar, em 2007, o Ministério da Educação elaborou um documento sobre o assunto. O material faz parte de um curso de formação para profissionais da educação a fim de ampliar os conhecimentos sobre a biblioteca escolar e, então, atuar na escola “[...] contribuindo para a promoção e a democratização da leitura” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 5). Os autores afirmam que a biblioteca escolar:

Localiza-se em escolas e é organizada para integrar-se com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar. Funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação. Poderá servir também como suporte para a comunidade em suas necessidades (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 23).

Ainda segundo os autores, é comum que a escola tenha um espaço destinado à leitura. Geralmente, tais espaços são chamados de biblioteca escolar ou sala de leitura. O documento faz um breve histórico da escrita, da leitura e do livro; caracteriza o que é uma biblioteca, discute sua organização e sua localização na escola; formação e organização do acervo, além da classificação, catalogação e dinamização desse espaço.

Quanto à localização da biblioteca escolar, os autores afirmam que nem sempre elas estão instaladas em espaços que atendam às necessidades dos leitores, por exemplo, o silêncio necessário. Muitas funcionam em espaços adaptados quando “[...] o ideal é que as instalações da biblioteca fossem abrigadas em um prédio próprio, projetado para esse fim, em local de pouco barulho e de fácil acesso às pessoas” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 28).

No que se refere à formação do acervo, é necessário considerar as necessidades da comunidade escolar, assim como a política da instituição. Os autores ainda advertem que só a oferta de materiais não é suficiente para a formação do leitor.

É importante lembrar que, nem sempre, oferecer acesso ao livro contribui para a prática efetiva da leitura. **A biblioteca precisa ser dinâmica, buscar estratégias que atraiam** os alunos, os professores e os demais funcionários da escola, para favorecer as mais diversas formas de expressão cultural e apropriação de linguagens (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 78, grifo nosso).

O material do MEC para o profissional, que atua neste espaço, usa o termo *mediador de leitura*, ou seja: “[...] o agente que apresenta e aproxima o livro de forma prazerosa ao leitor. Ele introduz o leitor no mundo mágico da leitura e compartilha com o leitor o prazer de ler, de conhecer e de descobrir o que os livros têm a oferecer” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 84). O mediador também é:

[...] um agente cultural de leitura e tem diversas funções na biblioteca. Ele conta histórias para crianças, ou simplesmente as lê, seleciona e expõe livros de interesse para adolescentes, faz recital de poesias, planeja rodas de leituras para os adultos, divulga recados, opiniões, dicas e textos literários em murais, promove debates, apresenta as novidades do mercado editorial, enfim, ele dinamiza a leitura (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 84).

Segundo os autores, esse profissional tem um perfil característico, qual seja, “[...] o perfil de quem quer ser um mediador de leitura na biblioteca escolar deve ser, antes de qualquer coisa, de um leitor” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 86). E, além disto, “[...] o mediador antes de qualquer outra coisa deve conhecer seu produto: o livro. Ele deve saber quais são os principais títulos de sua biblioteca, quais obras podem seduzir melhor seu leitor, ou seja, a comunidade escolar” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 86-87).

Os autores afirmam, ainda, que “o mediador de leitura deve estar bem informado e buscar a solução dos problemas que impedem o leitor de encontrar a leitura. É preciso que ele tenha uma sensibilidade para a criação de um ambiente adequado e prazeroso ao seu público” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 87). Desta forma, ao mediador de leitura cabem várias atribuições cujo maior objetivo é o de aproximar a leitura dos alunos e da comunidade escolar.

Outro documento interessante sobre o assunto são as Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar (MACEDO; OLIVEIRA, 2005), que enfocam a missão da biblioteca escolar, sua política, organização e recursos. Além disto, apresentam o papel e os deveres do bibliotecário escolar entre outros assuntos sobre o tema.

As diretrizes determinam algumas características que a biblioteca deve ter para ser considerada apropriada:

Uma biblioteca escolar apropriadamente equipada deve ter as seguintes características:

*segurança

*boa iluminação

*ser planejada para:

- acomodar mobiliário resistente, durável e funcional, de acordo com os requisitos específicos de espaço, atividades e usuários da biblioteca;
- atender aos requisitos especiais da comunidade escolar da maneira menos restritiva possível;
- atender às mudanças nos programas da biblioteca, nos programas da escola e nas tecnologias de informação e comunicação;
- possibilitar o uso adequado e seguro do mobiliário, dos equipamentos, dos suprimentos e dos materiais;
- estar preparada e administrada de tal modo a possibilitar o acesso equitativo e em tempo hábil a uma coleção organizada e diversificada de recursos;
- ser esteticamente agradável, com orientação e sinalização claras e atrativas, de modo a proporcionar boa ambientação de lazer e aprendizagem para os usuários (MACEDO; OLIVEIRA, 2005, p. 9).

Em relação ao bibliotecário escolar, as diretrizes afirmam que o “bibliotecário escolar é o profissional qualificado da equipe, responsável pelo planejamento e gerenciamento da

biblioteca escolar [...] Trabalha em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e, ainda, estabelece contatos com a biblioteca pública e outras” (MACEDO; OLIVEIRA, 2005, p. 11). O recurso de pessoal disponível fora e dentro da biblioteca escolar determina o valor e a qualidade dos serviços que são prestados. Esse pessoal além de ser treinado deve ser motivado. É completa que “deve haver também pessoas de apoio, como professores, técnicos, pais e outras categorias de voluntários. Os bibliotecários escolares devem estar profissionalmente treinados e capacitados [...]” (MACEDO; OLIVEIRA, 2005, p. 11-12).

A principal função do bibliotecário escolar, segundo as diretrizes, “é a de contribuir para [o cumprimento] da missão e dos objetivos da escola, em que se incluem os processos de avaliação, implementação e desenvolvimento [da missão e dos objetivos] da biblioteca” (MACEDO; OLIVEIRA, 2005, p. 12). Esse profissional deve trabalhar em cooperação com a direção, administradores e professores e com todos os alunos, bem como possuir:

Conhecimento e habilidades necessárias para proporcionar o provimento e a solução de problemas de informação, além de ser um especialista no uso de todo o tipo de fontes, tanto na forma impressa como eletrônica. Seus conhecimentos, habilidades e especialidade devem atender às demandas de uma determinada comunidade escolar. Além disso, ele deve organizar campanhas de leitura e de promoção da literatura, dos meios de difusão e cultura infantis. O bibliotecário deve criar um ambiente de entretenimento e aprendizagem que seja atrativo, acolhedor e acessível para todos, livre de qualquer medo ou preconceito. Todos aqueles que trabalham na biblioteca da escola devem ter bom relacionamento com crianças, jovens e adultos (MACEDO; OLIVEIRA, 2005, p. 12).

As diretrizes ainda determinam que o bibliotecário, além do já descrito anteriormente, deve encarregar-se de algumas tarefas, quais sejam:

- *analisar os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar;
- *formular e implementar políticas para o desenvolvimento de serviços;
- *desenvolver políticas de aquisição e sistemas para os recursos da biblioteca;
- *catalogar e classificar materiais da biblioteca;
- *oferecer instrução no uso da biblioteca;
- *capacitar professores e alunos no conhecimento e uso da informação;
- *prestar atendimento a estudantes e professores no uso dos vários recursos da biblioteca e das tecnologias de informação;
- *responder a questões de referência e informação, utilizando materiais apropriados;
- *promover programas de leitura e eventos culturais;
- *participar do planejamento de atividades relacionadas à implementação do programa escolar;
- *participar do preparo, da implementação e avaliação de atividades de ensino;
- *promover a avaliação dos serviços da biblioteca escolar, como parte integrante do sistema geral de avaliação da escola;

- *efetuar parcerias com organizações externas;
- *preparar e implementar orçamentos;
- *desenvolver planejamento estratégico;
- *gerenciar e promover treinamentos da equipe da biblioteca (MACEDO; OLIVEIRA, 2005, p. 14).

Com todas essas tarefas, as diretrizes ainda ressaltam a importância da cooperação entre bibliotecário e professor, para que juntos, consigam agir em parceria para o cumprimento da missão da escola, atendendo a todos sem distinção a fim de satisfazer às necessidades do público.

O técnico de biblioteca faz parte dessa cooperação e trabalho conjunto. As diretrizes o descrevem como um profissional que se reporta ao bibliotecário e lhe auxilia.

A função do técnico requer conhecimento [do trabalho] de escritório, de [uso das] tecnologias e habilidades. O técnico de biblioteca deve ter um treinamento básico prévio. Caso contrário, a biblioteca deve proporcionar tal treinamento. Alguns dos deveres dessa função incluem atividades rotineiras, recolocação de livros nas estantes, operações de empréstimo e devolução, além [da participação em rotinas] do processamento técnico do material da biblioteca (MACEDO; OLIVEIRA, 2005, p. 13).

Há, ainda, mais uma nomenclatura para o profissional que atua neste espaço: *professor regente de biblioteca*, utilizado por Walda Antunes (2002), em seu livro *A biblioteca Escolar – Curso de Atualização para professores: Manual*. Trata-se de um manual com tarefas e atribuições do professor que atua na biblioteca escolar e ensina procedimentos diários tais como: organização, serviços, equipamentos, atendimento ao leitor, empréstimos, registro, responsabilidades e etc.

Para Antunes (2002), as principais características do professor regente de biblioteca são: dinamicidade, criatividade e iniciativa, além da participação ativa em todas as atividades desenvolvidas na escola, principalmente, no planejamento e elaboração de planos, sem esquecer que, ele deve ser um leitor.

O conhecimento da biblioteca escolar, sua forma de atuação plenamente integrada à sala de aula, as condições de seu espaço físico, a organização interna, móveis, equipamentos e acervo, a dinamização de atividades e a prestação de serviços aos leitores, são conhecimentos imprescindíveis ao professor regente de biblioteca (ANTUNES, 2002, p. 12).

Segundo Antunes (2002), o sucesso das atividades desenvolvidas na biblioteca está relacionado às ações do professor regente de biblioteca. Para a autora:

[...] o professor regente de biblioteca deve tomar a iniciativa e, se antecipando, desenvolver programas especiais, oferecer informações ainda

não solicitadas, prevendo necessidades de informação de seus usuários. É também sua tarefa identificar os usuários potenciais da biblioteca e descobrir os caminhos e as formas mais adequadas de atraí-los, para que se transformem em usuários reais (ANTUNES, 2002, p. 100).

Tanto as diretrizes da IFLA, quanto o documento elaborado pelo MEC e o Manual, destacam atribuições ao profissional que atua na biblioteca escolar, qualquer que seja a sua nomenclatura, e alertam para a necessidade de que a biblioteca seja um espaço apropriado para atender a leitores e comunidade escolar; destacam a importância de que esse trabalho seja desenvolvido por um profissional qualificado, disposto a alcançar os objetivos da escola e capaz de possibilitar um espaço atrativo e agradável ao público. As diretrizes determinam mais atribuições ao bibliotecário, e o documento do MEC e o Manual de Antunes (2002) são mais didático-pedagógicos e voltados para a realidade das escolas, portanto, dão mais ênfase aos métodos que possibilitem o ato da leitura e as alternativas para lidar com a falta de profissionais habilitados nesta área.

No artigo *Bibliotecário: um essencial mediador de leitura*, os autores Almeida Júnior e Sueli Bortolin (2009) destacam as principais tarefas atribuídas aos profissionais que atuam nas bibliotecas e afirmam que “o cotidiano dos profissionais que estão alocados nas bibliotecas escolares, principalmente as vinculadas a escolas públicas, é marcado pelas tradicionais tarefas de emprestar livros e organizar as estantes” (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2009, p. 205). Mas, é necessário destacar e não esquecer que, “[...] além da mediação pedagógica, o bibliotecário é responsável pela mediação da leitura literária e a mediação da informação” (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2009, p. 210). Emprestar livros e organizar as estantes é apenas uma das inúmeras funções do profissional que atua na biblioteca segundo os autores.

Sobre a organização e o funcionamento da biblioteca, Rovilson Silva (2009), no artigo *Biblioteca escolar: organização e funcionamento*, apresenta os benefícios da biblioteca escolar e da sua organização para possibilitar o acesso de todos da comunidade escolar a livros e à leitura.

Desde a criação, em 1997, do Programa Nacional da Biblioteca da Escola (PNBE), a ação governamental tem se mantido praticamente na distribuição de livros para as escolas. Porém, a essa estratégia devem ser acrescentadas as políticas públicas de melhoria e implantação de bibliotecas, e de formação do profissional que medeia a leitura, bem como informação nesse espaço. Nesse contexto, não se pode esquecer que dificilmente encontramos nas escolas públicas brasileiras uma biblioteca que possua espaço, mobiliário e acervo adequados além de profissional bibliotecário habilitado para realizar o trabalho (SILVA, 2009, p. 119).

O autor destaca a necessidade de material, de pessoal capacitado e de espaços de leitura adequados. Ele valoriza a política de distribuição, mas alerta para outros fatores que contribuem e culminam para aproximar a leitura das pessoas.

Ainda segundo Silva (2009, p. 133), “[...] para que a biblioteca escolar possa cumprir a sua função de integrar-se ao ensino numa escola, faz-se necessário que o mediador, professor e/ou bibliotecário, seja um profissional dinâmico, pois caberá a ele estabelecer a ponte entre a biblioteca e os conteúdos”.

Se a escola não possuir bibliotecário, com formação específica, deverá selecionar um profissional apto a realizar esse trabalho que possua algumas características tais como: gostar de ler, relacionar-se bem com os alunos e com o corpo docente, e que compreenda a biblioteca da escola não como um espaço para descansar da sala de aula, mas como local de muito trabalho a ser realizado. [...] O profissional destinado a mediar a leitura e a informação na biblioteca escolar não pode ser anualmente substituído por outro, como acontece nas escolas públicas. A mudança constante desestrutura a sedimentação das estratégias realizadas anteriormente e a biblioteca torna-se, a cada ano, um recomeço. Assim, até o novo profissional aprender o trabalho e conhecer o acervo, o ano letivo praticamente terminou (SILVA, 2009, p. 133, grifo nosso).

O autor propõe uma alternativa para as escolas que não possuem um profissional capacitado ou formado em biblioteconomia, destacando a necessidade de que esse profissional seja dinâmico e tenha como principal característica gostar de ler, assim como, ter uma boa relação com a comunidade escolar.

Nesta pesquisa, busca-se identificar esse profissional, que tipo de formação possui e como desenvolve sua prática em bibliotecas escolares de Severiano Melo/RN. Procura-se, ainda, compreender os fatores levam estas agentes, que atuam nas bibliotecas, a desenvolverem suas práticas de determinadas maneiras.

Parte-se do pressuposto de que as bibliotecárias desta pesquisa possuem disposições que as orientam e práticas que são marcadas por suas trajetórias formativas pessoais, que constituem seu *habitus* e são determinadas por seu capital cultural e econômico, especificamente, por suas práticas de leitura nas esferas pessoal e profissional.

Neste trabalho, as agentes que atuam no espaço da biblioteca escolar serão chamadas de bibliotecárias a fim de não categorizar ou classificar tais profissionais, nas nomenclaturas utilizadas pelos manuais e diretrizes mencionadas. Embora, saibamos que essa nomenclatura é destinada aos profissionais com formação específica em biblioteconomia.

OUTRAS LEITURAS RELEVANTES

Considerando a perspectiva adotada nesta pesquisa, durante a revisão de literatura foram encontrados, ainda, outros estudos que merecem ser, aqui, mencionados tais como: o de Eliana Felipe (2001), cujo trabalho teve como *locus* uma biblioteca comunitária de um assentamento agrário. Dentre várias questões levantadas, uma delas era o interesse em compreender o papel das professoras da sala de leitura, na mediação da escolha das obras que as crianças tomavam de empréstimo. Embora a ênfase do trabalho seja outra, a autora evidencia a contribuição de diferentes sujeitos na produção do valor social da leitura.

De forma geral, há uma expectativa social que os pais e os professores cumpram a função de mediação do ‘gosto pela leitura’. Isso é válido para muitas, não para todas as realidades. No grupo pesquisado, diferentes agentes participam da produção do valor social da leitura, entre eles, as próprias crianças. Ao lado de outros agentes, tomados no seu sentido literal de ‘pessoa ou algo que produz ou desencadeia uma ação ou efeito’, elas acionam meios, alguns bastante sutis, de convite à leitura. Pelas fontes que acessei esses meios envolvem o olhar, a palavra e o ato em si (FELIPE, 2001, p. 9).

É comum que a função de mediação do gosto pela leitura seja confiada ao bibliotecário/professor de biblioteca/mediador de leitura. Essa atribuição é destaque nos documentos e manuais citados no tópico anterior, em especial, pelo próprio Ministério da Educação.

Outra obra tomada como referência foi a intitulada *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*, de organização de Renata Souza (2009). O livro traz uma compilação de textos de diversos autores sobre o tema. Os principais assuntos discutidos são: leitura literária na escola; formação do leitor; programas de leitura; biblioteca escolar; organização e funcionamento da biblioteca; função mediadora do bibliotecário e incentivo à leitura. Vale salientar que esse livro foi encontrado em uma das escolas desta pesquisa e faz parte do material da biblioteca disponível para empréstimos e foi distribuída pelo Ministério da Educação (PNBE do Professor).

No artigo *Programas de leitura na biblioteca escolar: a literatura a serviço da formação de leitores*, as autoras Caroline Santos e Renata Souza (2009) levantam uma discussão sobre a necessidade de professores e bibliotecários conhecerem alguns aspectos do material que possuem para que possam guiar as crianças. Para as autoras, “os professores e os bibliotecários devem conhecer tanto suas crianças, quanto o potencial do material disponível, além de compreender a estrutura da literatura; a partir daí eles estarão aptos a fazer a correspondência correta entre criança e livro” (SANTOS; SOUZA, 2009, p. 99). Além disto,

segundo as autoras, é relevante que o bibliotecário possibilite a interação da criança com o livro e valorize os potenciais de cada um.

Aparecida Paiva (2009), em *A trama do acervo: a literatura nas bibliotecas escolares pela via do Programa Nacional Biblioteca da Escola*, enfoca a aquisição da leitura e as práticas de leitura literária, considerando-as como um capital cultural, destacando a relevância do acesso a esse bem simbólico que a escola é capaz de possibilitar. A autora afirma que, além do acesso, a qualificação do mediador também é importante.

[...] sabe-se que muitas crianças brasileiras só têm ou terão acesso a livros de literatura por meio da escola. A primeira garantia que se deve ter, portanto, é a de acesso, a possibilidade de o aluno/a criança poder olhar e manusear esse objeto, complementada – e não menos importante –; pela constituição de espaços literários (bibliotecas bem organizadas e equipadas com acervos atualizados e de qualidade) e pela qualificação do mediador dessa formação literária que, no espaço escolar, se define prioritariamente por bibliotecários, auxiliares de biblioteca e/ou professores (PAIVA, 2009, p. 142).

A qualificação do mediador é sempre um ponto de discussão e relevância quando o assunto é biblioteca e formação de leitor. O mesmo assunto é retomado por Dagoberto Arena (2009) em *Leitura no espaço da biblioteca escolar*, que considera que a leitura nasce dos seus leitores e da mediação dos educadores de biblioteca. Segundo ele, o mediador/educador proporciona experiências inenarráveis ao praticar o ato cultural de ensinar nos espaços de leitura na escola. Embora sem formação específica de bibliotecário e impossibilitado de trabalhar em sala de aula, na maioria das escolas do país, esse é o perfil do profissional que atua na biblioteca. O profissional, o educador de biblioteca, quando não possui formação específica, procura desenvolver seu trabalho no limite de seus conhecimentos como professor, como “bibliotecário” e como leitor. Arena (2009, p. 176), ainda completa:

[...] situações encontradas na maioria das escolas brasileiras onde há um professor impossibilitado de trabalhar na sala de aula. Esse é, sem dúvida, o educador de biblioteca do século XX e da primeira década do século XXI. Portanto, faz-se necessário cuidar de sua formação e jamais ignorá-lo, dada a importância inegável de seu trabalho.

A expressão “*impossibilitado*” é comumente atribuída a um profissional que tenha um problema de saúde, que o impeça de exercer a docência em sala de aula, por exemplo, problema de voz. Tal situação é encontrada na maioria das escolas, portanto, é preciso saber lidar com ela e, segundo Arena (2009), é relevante levar em consideração a prática de tais profissionais, visto ser uma realidade na maioria das escolas brasileiras, procurando perceber

as potencialidades desenvolvidas pela experiência diária da função sem se esquecer da necessidade de uma formação específica.

Outra pesquisa, desta vez realizada por Gisele Massola e Iara Bonin (2011) apresenta um estudo sobre as práticas de leitura em uma biblioteca comunitária e os resultados mostram as ações desenvolvidas pela biblioteca não apenas ao que se refere à leitura de livros propriamente dita, mas ações com o objetivo de trazer para este espaço as pessoas da comunidade. Algumas estratégias para a melhoria do trabalho dos que promovem a leitura são propostas pela pesquisa onde o prazer é destacado como alternativa de constituir novas relações a fim de formar novos leitores.

[...] Essas experiências de leitura, mediadas pelo prazer, constituem novas relações com a escrita, outros desejos associados ao ato de ler, diferentes maneiras de nos tornarmos leitores. E aqueles que organizam e promovem a leitura são convocados a renovar suas práticas e a reconhecer os diferentes interesses de seus leitores para, então, conduzir eficazes estratégias para expandir e valorizar a leitura (MASSOLA; BONIN, 2011, p. 14).

Tomamos também como referência Teresa Colomer (2007), em *Andar entre livros: a leitura literária na escola*, e sua afirmação de que “[...] a possibilidade de acesso à leitura que a escola dá e o consumo posterior de bens culturais são duas coisas diferentes” (COLOMER, 2007, p. 47). Para a autora, é necessário “[...] levar em conta definitivamente que os hábitos culturais da sociedade não dependem apenas da instituição escolar e que as decisões neste âmbito devem basear-se em uma análise mais complexa do fenômeno de diferentes agentes sociais” (COLOMER, 2007, p. 48).

Ao refletir sobre a leitura e os livros, Colomer (2007), apresenta sua preocupação sobre a relevância do *capital cultural* necessário para que se produzam situações de leitura, para além da oferta. O capital cultural, que será explicado mais à frente, se refere à posse de bens simbólicos incorporados ao indivíduo em forma de disposições. A autora destaca a relevância da disposição para apropriação para que se produzam situações de leitura. As práticas de leitura não podem se restringir, apenas, à oferta de livros e materiais. A disposição para apropriação de tais bens garantirá a produção de tais situações. E completa:

Todos estão de acordo, é claro, em que sem livros não há leitura. Porém aí se perpetua a ideia de que basta dar livros às novas camadas sociais que não os possuem, como se estas estivessem conscientemente ansiosas por tê-los, tal como se dizia nos discursos sociais do século XIX. Bem ao contrário, não basta incrementar a oferta na sociedade atual. Sabemos da importância dessa espécie de *capital cultural* que se deve possuir para que se produzam situações de leitura. Essa constatação é uma das principais novidades dos últimos anos, de maneira que as campanhas das administrações públicas não se detêm na doação de livros, mas inclui agora muitos programas

diversificados de dinamização da leitura. Especialmente, ampliou-se a preocupação com a formação dos professores através da atenção à sua própria experiência de leitura adulta, uma mudança particularmente interessante (COLOMER, 2007, p. 105).

A oferta de livros é, portanto, apenas um dos aspectos necessários para a promoção da leitura, bem como a formação de professores ou de um profissional capaz de lidar com a dinâmica, que esse processo exige.

Sobre a escolha dos livros pelos profissionais da biblioteca, Colomer (2007, p. 128), afirma que “[...] selecionar quais merecem ocupar o tempo das crianças e um espaço na lista selecionada constitui uma das principais preocupações dos adultos responsáveis por colocar os livros nas mãos infantis”. Segundo a autora, são inúmeras as atribuições que os profissionais têm a desempenhar e esta é apenas uma delas.

A preocupação em formar leitores é assunto recorrente no âmbito escolar, segundo Colomer (2007, p. 101):

‘Estímulo’, ‘intervenção’, ‘mediação’, ‘familiarização’ ou ‘animação’ são termos associados constantemente com a leitura no âmbito escolar, bibliotecário ou de outras instituições públicas e que se repetem sem cessar nos discursos educativos. Todos esses termos se referem à intervenção dos adultos encarregados de ‘apresentar’ os livros às crianças. Se o tema preocupa tanto na atualidade é porque existe essa consciência generalizada, a que antes aludimos, de que o objetivo de formar o leitor não tem obtido o êxito esperado, de modo que vão aparecendo diferentes hipóteses sobre as causas desse desajuste.

No processo de formação de leitores, é inevitável falar sobre biblioteca e o mediador de leitura/bibliotecário/professor de biblioteca, qualquer que seja a nomenclatura e uma das preocupações diz respeito ao seu trabalho.

O estudo que mais se assemelha com a proposta desta pesquisa foi o realizado por Ester Rosa (2011) sobre as práticas pedagógicas de professoras que desenvolvem a docência em bibliotecas da Rede Municipal de Ensino do Recife. A autora justifica, assim, a relevância de se investigar esse tema, pois, “[...] além de pouco presente nas escolas, a biblioteca tem se constituído num espaço vulnerável, desorganizado, sem profissionais qualificados e carente de projetos de leitura integrados aos programas de distribuição de acervos [...]” (ROSA, 2011, p. 1). A autora afirma que, para as professoras participantes do seu estudo, a finalidade da sua intervenção pedagógica na biblioteca é a formação de leitores, entre outras coisas, “[...] elas reconhecem que é parte das suas atribuições selecionar fontes, identificar material e disponibilizar informação para colegas professores e estudantes” (ROSA, 2011, p. 9). As professoras investigadas ainda reconhecem que seu trabalho na biblioteca se caracteriza como uma regência, com atuação pedagógica que tem suas singularidades e que “[...] ao se inserir

na nova função, a professora de biblioteca mobiliza saberes de sua experiência profissional para organizar sua intervenção pedagógica na biblioteca escolar, mas precisa também elaborar novos saberes teórico-práticos” (ROSA, 2011, p. 11). As professoras do estudo, além de reconhecerem todas as atribuições, que lhe cabem, afirmam que a participação de um profissional habilitado não pode ser descartada.

Uma reflexão que também emergiu no grupo operativo foi concernente à ausência de bibliotecários como parte da equipe de atuação na biblioteca escolar. Esta realidade coloca para a professora de biblioteca o desafio de intervir numa área para a qual não tem qualificação profissional, no que se refere à organização, catalogação, disponibilização e empréstimo do acervo (ROSA, 2011, p. 12).

Ainda segundo Rosa (2011), as professoras reconhecem que “sua função não se confunde com a do bibliotecário e que esses profissionais precisam ter seu espaço garantido nos sistemas educacionais” (ROSA, 2011, p. 12). É interessante a percepção que as professoras têm sobre sua atuação e sobre a relevância de um profissional habilitado no dia a dia da biblioteca, bem como que cada profissional tem uma contribuição e função dentro deste espaço.

Todas as obras aqui referenciadas serviram de inspiração, cada experiência teve seu significado para este trabalho e cada estudo abordou um aspecto importante deste vasto tema. A relevância desta pesquisa se encontra na investigação da prática pedagógica no campo da educação com ênfase na Sociologia da Educação e na possibilidade de ampliar o debate e contribuir para análise e compreensão de práticas desenvolvidas em bibliotecas escolares por profissionais não habilitados para esta função.

ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Para a análise dos dados, serão tomados como base os parâmetros do campo da Educação e da Sociologia, especificamente, conceitos elaborados por Pierre Bourdieu. Além de outros autores com estudos nesta perspectiva, tais como: Roger Chartier, Teresa Colomer e Kátia Bueno.

A leitura, neste estudo é compreendida como um consumo cultural. Para Bourdieu e Chartier (1996, p. 231), “[...] a cada vez que a palavra leitura for pronunciada [...] ela pode ser substituída por toda uma série de palavras que designam toda espécie de consumo cultural [...] este consumo cultural, que é apenas um entre outros, tem suas particularidades”. Assim como tem suas particularidades, esse consumo cultural não nasce da noite para o dia. Ele é resultado

de um longo processo de inculcação, de um convívio prolongado, de incorporação do capital cultural e mobilização do capital econômico.

Ainda segundo Bourdieu e Chartier (1996), a leitura é mais diretamente ensinada pelo sistema escolar, diferente de outras práticas culturais e também mais relacionada ao nível de instrução.

No caso da leitura, hoje, o peso do nível de instrução é mais forte. Assim, quando se pergunta a alguém seu nível de instrução, tem-se já uma previsão concernente ao que ele lê, ao número de livros que leu no ano, etc. Tem-se também uma previsão concernente à sua maneira de ler. Pode-se rapidamente passar da descrição das práticas às descrições das modalidades dessas práticas (BOURDIEU; CHARTIER, 1996, p. 237).

O nível de instrução de alguém nos permite prever a sua disposição para a leitura, o que lê e com que frequência. É capaz até de nos permite perceber e antecipar, por exemplo, suas práticas, seu estilo de vida, seus gosto e disposições.

Para Hébrard (1996), na escola, as maneiras de ler se revelam. Além disso, a leitura faz parte da produção de sentido e é mais pensada como um processo de confirmação cultural do que mesmo como processo de progressão. A capacidade de aprender a ler ganha relevância se passar a fazer parte de um hábito cultural novo.

Para a sociologia das práticas culturais, a leitura é uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende. E, por essa razão, ela tem mais frequentemente valor de sintoma de enraizamento nos grupos sociais que praticam as formas dominantes da cultura, do que valor de instrumento da mobilidade cultural em direção a esses mesmos grupos. [...] na escola, não é a leitura que se adquire, mas são maneiras de ler que aí se revelam (HÉBRARD, 1996, p. 36).

A leitura é uma prática cultural que se constitui, assim como o *habitus*, nos grupos sociais de origem e convívio. Na escola, ela se revela, ganha força, progressão como o autor destaca, pois está mais relacionada à herança do que a um hábito adquirido na escola.

Compreende-se aqui, na perspectiva do sociólogo Pierre Bourdieu, o conceito de *habitus* relacionado às disposições dos indivíduos. Para o autor, o *habitus* é “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações*” (BOURDIEU, 1983, p. 65). Estas disposições são socialmente construídas e incorporadas ao longo da vida.

O *habitus* corresponde, portanto, às disposições que orientam o pensar, sentir e agir dos agentes sociais. O *habitus* é uma “[...] espécie de senso prático do que se deve fazer em

dada situação” (BOURDIEU, 1996, p. 42). E o que orienta este senso prático são as relações estabelecidas no espaço social desde a infância.

Uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes [...]. O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas (BOURDIEU, 1996, p. 21).

Quando nos referirmos aqui ao capital econômico e ao capital cultural, estamos tomando como referência os conceitos de Pierre Bourdieu. O *capital econômico* está ligado à posse de recurso financeiro e bens materiais conversíveis em dinheiro, “[...] é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto de bens econômicos: renda, patrimônios, bens materiais”. (BONNEWITZ, 2003, p. 53). Já o *capital cultural* está relacionado à posse de bens simbólicos, apropriação e incorporação de disposições. Para Bourdieu (2007b, p. 74), o capital cultural é “um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*”.

Ainda segundo Bourdieu (2007b), o capital cultural, divide-se em três estados: estado incorporado, objetivado e institucionalizado. No *estado incorporado*, o capital cultural está relacionado ao corpo e a sua incorporação é intransferível e, a sua apropriação depende do indivíduo e do tempo investido por ele, além disto, é adquirido inconscientemente. No *estado objetivado*, o capital existe em forma de bens culturais que é transmissível em sua materialidade como: obras de arte e escritos. No *estado institucionalizado*, os títulos e certificados servem de garantia do domínio de determinada prática e atribui, assim, competência cultural ao seu detentor.

Nesta pesquisa, portanto, investigaremos as práticas de bibliotecárias que atuam em escolas, com o objetivo de perceber as suas disposições na apropriação de determinados bens simbólicos e como estas disposições correspondem a seus interesses e são capazes de influenciar as suas práticas. Para Bourdieu (1996, p. 15), “[...] não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada [...]”. E é isto que pretendemos fazer, tentar capturar a lógica das práticas das bibliotecárias a partir de uma análise das suas disposições, levando em consideração a sua realidade e o seu mundo social.

Como estudaremos a prática pedagógica de bibliotecárias, consideramos tal prática como uma habilidade, portanto, faz-se necessário compreendermos do que se trata. É comum atribuirmos o substantivo *habilidade* a uma característica de pessoas que conseguem executar

determinadas atividades. Para Kátia Bueno (2007), em *Construção de habilidades: trama de ações e relações*, a habilidade está associada a sua construção social e cultural. Para a autora e segundo o estudo por ela realizado, a constituição das habilidades é resultado de disposições e do *habitus*.

A habilidade e seus aprendizados estão intimamente associados às classes sociais: “[...] nossas ações e nossos modos de ser estarão sempre ligados às ações socializadoras que os constituíram. As práticas e ações humanas não se dão fora das mediações, interações e trocas simbólicas” (BUENO, 2007, p. 30). Nos casos analisados por Bueno (2007), as habilidades investigadas tais como: o futebol e o hipismo eram atividades que necessitavam de um investimento econômico diferenciado, distinguindo assim as possibilidades de seu exercício, por exemplo, entre outros investimentos como o apoio emocional e o incentivo diário que são relevantes e capazes de influenciar positivamente, visto que, as relações afetivas também têm um importante papel nesta construção. Ainda segundo a autora, a posse dos meios, das condições e disposições para a apropriação de uma habilidade pode ser um elemento diferenciador. A relação afetiva é um dos fatores sociais envolvidos na construção de habilidades, bem como as experiências e interações pelas quais passamos exercem efeitos socializadores. Embora as mobilizações e influências sejam relevantes, a autora deixa claro que o eixo condutor será sempre o próprio sujeito, os efeitos socializadores terão maior eficácia com a sua colaboração.

[...] Todas as experiências e interações pelas quais passamos podem exercer efeitos socializadores. Seus agentes podem ser os pais, membros da família extensa, pares, vizinhos, professores, empregados, etc.; porém, nem todos terão a mesma influência, presença, sistematicidade de interação, acrescentando variações e nuances a esse processo (BUENO, 2007, p. 40).

Quando falamos de disposição, tomamos por base a ideia de Bueno (2007) que, fundamentada em Pierre Bourdieu, afirma: “[...] ao atribuir uma disposição a um indivíduo, designa-se maneiras de ser, uma inclinação, uma propensão a, um sentido, uma possibilidade de que ele venha a agir (pensar, sentir) de certa maneira, em certas condições” (BUENO, 2007, p. 41). Em outras palavras, disposição “é a composição complexa e original das múltiplas experiências sociais e socializadoras que atravessamos que dará a forma singular ao ser individual que somos e, de modo específico, às habilidades que dominamos” (BUENO, 2007, p. 41).

[...] cada habilidade [qualquer que seja ela] traz a marca e a história de suas relações e da estrutura da rede humana em que emergiu e se desenvolveu. Ela pode ser compreendida por meio da rede de interdependências em que se

constitui, como resultado de uma trama que se tece com múltiplos fios em processos variados. É a configuração resultando da combinação singular desses traços que opera como propiciadora e facilitadora das habilidades. As habilidades são realidades resultantes daquelas combinações, a partir de uma lógica de processo e composição. É interdependência das condições, ações, relações e interações sociais, sua tessitura, seus efeitos combinatórios, que se mostra fecunda, que gesta e é constitutiva das habilidades. As habilidades estão enraizadas em suas histórias, nos processos socializadores, nos valores e afetos que as suportam, nas condições de existência de cada sujeito (BUENO, 2007, p. 340).

Nos casos pesquisados por Bueno (2007), todos os indivíduos foram objeto de socialização precoce em seu respectivo espectro de habilidades de acordo com as condições de existência de cada um.

Sobre as disposições práticas dos agentes, Bourdieu (1996, p. 138) afirma existir uma razão que justifica as suas ações.

[...] a sociologia postula que há uma razão para os agentes fazerem o que fazem (no sentido em que falamos de razão de uma série), razão que se deve descobrir para transformar uma série de condutas aparentemente incoerentes, arbitrárias, em uma série coerente, em algo que se possa compreender a partir de um princípio único ou de um conjunto coerente de princípios. Nesse sentido, a sociologia postula que os agentes sociais não realizam atos gratuitos.

Neste estudo, com base no material empírico, nas observações, questionários e entrevistas, buscaremos perceber e analisar a que ponto as ações socializadoras pelas quais os agentes da pesquisa passaram desde a infância até hoje, são capazes de influenciar e determinar suas práticas e ações. Ou seja, perceber a razão pela qual agem de tal modo.

METODOLOGIA E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa e para a construção dos dados foram realizadas observações nos espaços das bibliotecas escolares, bem como aplicados questionários e realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco agentes. Os instrumentos citados serão utilizados com base no que afirmam Bogdan e Biklen (1994), May (2004), e Richardson (1999) sobre a pesquisa qualitativa e seus instrumentos de coleta de informações. O uso de tais recursos tem o objetivo de aproximar o investigador dos colaboradores da pesquisa e estabelecer uma relação de diálogo, assim como a construção dos dados porque como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p. 51):

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de produção de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de forma neutra.

Assim sendo, cada colaboradora da pesquisa foi observada em seu ambiente de trabalho durante dias indeterminados até a obtenção das informações necessárias para a pesquisa. Sobre a observação, Bogdan e Biklen (1994, p. 48) afirmam que “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”. O nosso objetivo ao utilizarmos este instrumento é o de acompanhar e perceber as práticas desenvolvidas pelas bibliotecárias, o que fazem no dia a dia, sua rotina de trabalho e as relações estabelecidas com as crianças e os professores na biblioteca.

Contamos também com a aplicação de questionários (Apêndice A) com questões do tipo abertas e fechadas que se justifica pela necessidade de obter informações sobre o perfil social, econômico e cultural das bibliotecárias. Para Richardson (1999), o questionário permite observar características de um indivíduo ou grupo. As perguntas do tipo fechadas são “[...] destinadas a obter informação sociodemográfica do entrevistado [...] e respostas de identificação de opiniões [...], e as perguntas abertas, destinadas a aprofundar as opiniões do entrevistador [...]” (RICHARDSON, 1999, p. 193).

Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as pesquisadas. A entrevista semiestruturada é um dos instrumentos da pesquisa qualitativa, visto a relevância da sua utilidade neste tipo de investigação. Para May (2004, p. 149), esse tipo de entrevista permite que o pesquisador esteja mais livre e possa ir além das respostas do entrevistado, “dado o maior espaço oferecido ao entrevistador no método semiestruturado e uma necessidade de entender o contexto e o conteúdo da entrevista [...]”.

Bogdan e Biklen (1994, p. 134) afirmam que “[...] a entrevista é utilizada para recolher dados na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo social”.

Nesta pesquisa, a entrevista tem o intuito de ouvir as bibliotecárias sobre suas práticas de leitura, tentando fazê-las recordar os primeiros contatos com o livro e a leitura na família e na escola, bem como, saber a sua opinião sobre a função do bibliotecário: como é trabalhar neste espaço, o que significa a leitura para esse profissional, por que motivo trabalha nesse lugar da escola, entre outras perguntas que estão nos apêndices deste trabalho

(Apêndice B). A entrevista ainda pôde esclarecer e complementar informações e questões surgidas durante as observações a fim de compreender e analisar tais ações.

A escolha pela cidade de Severiano Melo/RN deu-se pelo fato de que é a cidade natal da pesquisadora e, desta forma, facilitar o acesso aos agentes da pesquisa.

Vale destacarmos alguns aspectos da cidade que contribui para a compreensão da análise que esta pesquisa pretende realizar. Severiano Melo é uma cidade de pequeno porte, localizada no oeste potiguar, com 53 anos de emancipação política e com pouco mais de 5 mil habitantes, segundo o censo do IBGE (2010). A economia da cidade é movimentada pelo setor agrícola – principalmente pelo cultivo de feijão e do caju, que foram reduzidos drasticamente devido à seca que atinge a região nos últimos cinco anos e às pragas, que destroem a plantação – por funcionários públicos municipais e estaduais, agricultores e funcionários aposentados, bem como por programas sociais como: bolsa-família e seguro-safra.

Recentemente, a cidade diminuiu seu índice populacional por motivos territoriais e quase metade da população passou a pertencer a municípios vizinhos, logo, a cidade e a população são prejudicadas com a diminuição considerável dos repasses de recursos públicos. Segundo o IBGE (2015), o município teve a maior redução populacional do país, entre 2014 e 2015, o equivalente a 9,01%. Outros fatores colaboram para a redução do número de habitantes, por exemplo: a migração para cidades vizinhas em busca de emprego e uma melhor qualidade de vida e, óbitos, decorrentes do envelhecimento da população.

No que diz respeito aos aspectos culturais, a cidade não dispõe de teatro, cinema e museu. Nem de biblioteca municipal e nem livraria. As atividades culturais que a população tem acesso são as tradicionais quadrilhas juninas, danças folclóricas, espetáculos de dança amadora em praça pública promovidos por escolas ou academia de dança, festas tradicionais nos meses de junho e outubro e procissões religiosas.

Para a realização da pesquisa, inicialmente, estabelecemos contato para fazer um levantamento prévio sobre os possíveis colaboradores da pesquisa, com os diretores e coordenadores pedagógicos das escolas da cidade de Severiano Melo/RN a fim de saber quais escolas da cidade, na zona urbana e rural, possuíam bibliotecas e bibliotecários ou profissionais responsáveis por essa função. Segundo informações obtidas com o diretor das unidades de ensino rural, na zona rural desta cidade, existem seis unidades de ensino e em nenhuma delas existe biblioteca. Embora existam livros disponibilizados para empréstimos em algumas unidades, o responsável por essa ação de empréstimo é um funcionário da instituição que desempenha outra função além desta. Na zona urbana, existem duas escolas

municipais e uma estadual. Todas elas possuem biblioteca e alguém responsável pelo trabalho desenvolvido neste espaço. As informações obtidas de início revelam, portanto, que as escolas que possuem bibliotecas são apenas as localizadas na zona urbana da cidade.

Assim sendo, esta pesquisa foi realizada com as cinco bibliotecárias que atuam nestas escolas. A Escola I e II possui um responsável por este trabalho para cada turno – matutino e vespertino – e a escola III, na época da pesquisa, contava apenas com uma agente, pois a outra bibliotecária estava afastada por motivos de saúde e não retornou à escola durante o tempo da pesquisa.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está organizado em *Introdução*, que objetiva sistematizar os primeiros passos dados, a literatura revisada, a fundamentação teórica, a metodologia e as agentes da pesquisa e um capítulo destinado para cada bibliotecária. É preciso mencionar que os nomes aqui utilizados serão uma homenagem às escritoras da literatura infantil brasileira³ e a escolha aconteceu de modo aleatório.

Cada capítulo tenta traçar um perfil de cada agente e faz uma relação entre práticas pedagógicas na biblioteca, exercício da função de bibliotecário, trajetória de vida, posse de capital cultural e capital econômico e disposição para a leitura a fim de compreender tais práticas. Partimos do pressuposto teórico de que determinadas práticas pedagógicas e ações podem ter sua origem nas socializações primárias e na posse e mobilização dos capitais que possuem.

Nas *Considerações finais* tentamos fazer um apanhado, uma análise minuciosa de todas as informações e dados obtidos durante a pesquisa.

³ Ruth Rocha, Cecília Meireles, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga e Ângela Lago.

2 RUTH – QUE CONTA UM CONTO...



Imagem 02 – Biblioteca da Escola I, 2016
Fonte: Pesquisa direta

Minha vida é isso aqui: eu tenho que contar história, cantar, sorrir [...].
 (Ruth)

Este capítulo apresenta o local de trabalho de Ruth, informações relativas à participante da pesquisa, as práticas por ela desenvolvidas e a interpretação dessas práticas. Os demais capítulos estão estruturados de modo semelhante.

A biblioteca escolar em que Ruth trabalha está localizada em uma antiga sala de aula da escola. A escola, por motivos administrativos, dividiu seus alunos entre os dois turnos e, conseqüentemente, liberou uma de suas salas de aula, que passou a ser utilizada para o funcionamento da biblioteca, visto a necessidade de um lugar específico para organizar os livros e mais adequado para a visita de crianças e professores. Antes de funcionar neste espaço, a biblioteca era organizada na metade da sala dos professores e, desde o início do ano letivo de 2016, passou a ter um lugar próprio. Esta escola possui 311 alunos matriculados nos turnos matutino e vespertino, divididos em 19 turmas, da creche ao 5º ano do Ensino Fundamental.

No início das observações, ainda, foi possível ver a biblioteca, tomando nova forma e ganhando vida. Tal mudança durou alguns meses e consegui ver as práticas de Ruth nesse período de mudança: organizando livros, carimbando outros, pensando em como ficariam

melhor posicionados, recobrando caixas antigas que serviriam de suporte para guardar livros específicos, colocando ficha de identificação nas estantes, arrumando mesas, pedindo doação de livros a colegas e familiares. Tive a oportunidade de participar desse processo ajudando Ruth, no que fosse possível e, até o final das observações, pude com a ajuda de colegas, doar quase trinta livros para a biblioteca.

Essa biblioteca tem aproximadamente de 1.700 livros segundo Ruth. Os livros estão organizados em três estantes, em caixas coloridas no chão, em um suporte de ferro e outro de tecido. Os livros são organizados de acordo com o gênero literário e estão arrumados de forma que é fácil o acesso e localização pelo leitor.

No acervo da biblioteca, existem livros de literatura clássica, literatura infantil, livros de imagens, cordéis, gibis, revistas e jornais impressos. Há também cds, dvds, fantoches, jogos e aparelhos de som e tv que são guardados no espaço, bem como jogos e materiais de apoio pedagógico que estão arrumados e expostos em uma mesa. A biblioteca dispõe de uma mesa em que Ruth guarda seu material e realiza suas atividades e outra com cadeiras para os visitantes. Com todos esses móveis no espaço, ainda é possível circular por ele. No ano de 2016, o espaço passou a ser climatizado, bem como toda a escola.

No que se refere à bibliotecária, que atua nesse espaço, o seu nome é Ruth. Ela é pedagoga, possui especialização em Psicopedagogia, atuou na docência por 18 anos e está desempenhando sua função na biblioteca escolar há quatro anos consecutivos, sem formação específica para atuar nesse espaço.

Ruth tem idade entre 41 a 50 anos, é solteira, não tem filhos, mora com uma irmã, que é professora aposentada, na cidade em que nasceram e em residência própria. A renda aproximada da família é de três a quatro salários mínimos e sua renda individual gira entre um e dois salários mínimos. Ruth é filha de pai agricultor e de mãe do lar, ambos possuíam o ensino fundamental incompleto. Seus avôs eram agricultores e avós do lar, todos analfabetos. Seus oito irmãos possuem ensino superior e são todos professores.

Ruth viaja esporadicamente e já conheceu cidades tais como: Fortaleza/CE, Salvador/BA, Campina Grande/PB, Caruaru/PE, Recife/PE, Natal/RN e Mossoró/RN. Em seus passeios, inclui atividades tais como: ida ao shopping e livrarias, ao mercado da cidade, a museus, feira livre e a Igrejas. Nos finais de semana, tem o hábito de ficar em casa, sentar na calçada para conversar com familiares e amigos e ir à igreja. É coordenadora de um grupo religioso na cidade – Grupo de Santa Terezinha.

Perguntada sobre visitas a teatros ou apresentações teatrais, a professora afirmou que costuma assistir a apresentações uma vez ao ano e o último espetáculo assistido foi em 2015,

referindo-se a uma encenação realizada na semana pedagógica da Rede Municipal de Ensino da cidade de Severiano Melo/RN, que todos os anos, costuma promover atividades deste tipo. Ela não se refere, especificamente, ao espaço físico do teatro, que só existe em cidades vizinhas.

Ruth afirma que idas ao cinema e ao circo acontecem uma vez ao ano e as últimas datam de 2013 e 2014. Espetáculos de dança e shows musicais também são assistidos com frequência anual e os últimos datam de 2015. Assistir dvd religioso, infantil e palestra educacional para trabalhar com as crianças é a atividade que mais realiza, em média, três vezes por semana. A todos esses programas, exceto as últimas atividades citadas, Ruth costuma usufruir na companhia de familiares e amigos.

No que se refere à leitura, a primeira lembrança que Ruth tem foi aos 11 anos quando ganhou um sorteio de livros na escola no dia do estudante. Uma de suas irmãs mais velhas, que mora em outra cidade, é a pessoa de sua família que ela mais costumava ver lendo livros, revistas e jornais.

Eu não tinha esse hábito de leitura. Eu acho que foi a partir da minha graduação praticamente que a leitura se tornou um hábito. Na minha casa não tinha livros. Além da faculdade, foi com essa irmã que tinha contato com os livros [...] com ela aí eu descobri que a gente tem que ler. Hoje, eu agradeço a ela. Foi ela que me incentivou e eu passei a gostar de livros, porque esses livros de literatura, de cordel, lá em casa não existiam, eram simplesmente os livros da escola. Na infância, só tínhamos o livro da escola e eu me lembro do livro Gigante de botas, eu fui premiada com esse livro. Eu fiquei muito feliz. Eu sempre lia e eu nunca esqueci. (Ruth, maio de 2016).

Na escola, no período em que era estudante, Ruth descreve o contato com a leitura da seguinte forma:

Na minha infância praticamente não existia [livros]. As dificuldades eram muito grandes, e além das dificuldades, eu acho que era assim, o acesso também. Aqui, só existia uma biblioteca que era a municipal, que era da prefeitura, nas escolas não existiam. A gente nunca era motivada a ir lá, e aqueles livros não eram pra ser “bulidos”. Era pra ser tudo guardado, arrumadinho, ninguém podia mexer, tenho vaga lembrança de ter visitado a biblioteca. Vagamente eu tenho lembrança de ter ouvido histórias na escola quando criança. Eram aqueles textos mesmo de livros, aqueles tradicionais. Não tinha sala de leitura, biblioteca, roda de leitura. Isso eu comecei a ver quando eu fiz o magistério, que fomos aprender com a professora como era que fazia a roda de leitura. Aí foi quando eu comecei a lecionar e fui começando a por em prática. Também aprendi muito com o Proformação. Foi ali que dei um grande passo, comecei a valorizar a leitura. Hoje, eu sou apaixonada por livros, por leitura. (Ruth, maio de 2016).

Ruth afirma gostar muito de ler e a leitura significa prazer para ela. Perguntada com que frequência lê, ela afirma que todos os dias.

Eu gosto muito de ler. Gosto mais de ler quando eu estou só, no meu quarto, na cama. Meu negócio é estar mexendo em livro, em papel, em coisas da escola. Eu tenho prazer em estar mexendo, estar buscando, fazendo um projeto, trazendo uma coisa, é assim. Geralmente, leio meia hora, uma hora, mas, quando é uma leitura bem atrativa eu passo mais tempo. A leitura significa prazer para mim, porque eu acredito que a gente sem a leitura não fica informada, a gente fica uma pessoa parada. Nossa mente é como um computador: é preciso ficar movimentando para funcionar. (Ruth, maio de 2016).

Ela costuma comprar livros religiosos, de literatura infantil e de alguns teóricos para fundamentar e facilitar a sua prática, por mais que não esteja mais em sala de aula. Tal compra é realizada, principalmente, em catálogos de vendas, comum e de fácil acesso na cidade. Em ordem de frequência, estão os livros de religião de sua propriedade, revistas tais como: Nova Escola e Ciência Hoje, jornais impressos e gibis tais como: Chico Bento, Zé Carioca e Tio Patinhas, comuns na biblioteca em que trabalha. A professora afirma que entre os assuntos que mais lê estão religião e educação.

Eu tenho muitos livros. Tenho muito ciúme deles. Uma vez eu ganhei uma coleção de livros do meu sobrinho, sobre um padre, eu os adoro. Não gosto de emprestar não, porque uma vez emprestei à minha irmã e ela perdeu. Às vezes, ela pergunta se tenho livros novos, digo que não [risos]. Tenho o maior cuidado com os meus livros. (Ruth, maio de 2016).

O fato de ter tido pouco ou nenhum acesso a livros em casa, na infância, fez com que Ruth hoje tenha um apego a este bem material e simbólico a ponto de querer preservá-lo e mantê-lo sobre seus cuidados. Além de livros, na sua casa, Ruth tem acesso à internet por meio de um dispositivo móvel de sua propriedade, televisão com canais abertos, livros, revistas, jornais impressos, que ganha de um colega de uma cidade vizinha e que doa para a biblioteca da escola em que trabalha e, além disto, também tem acesso a rádio por meio de um aparelho de som. Os programas televisivos que mais assiste, por ordem de frequência, são: telejornais, programas religiosos, programas educativos e novela.

Quando criança, Ruth lembra das atitudes dos seus pais em relação aos estudos, tais como: acompanhamento das notas, cobrança de respeito ao professor, participação em reunião de pais e controle de horários e companhias.

Tudo foi conseguido com muito esforço: família pobre, vivia da agricultura, tivemos uma boa criação, minha mãe controlava a hora de sair, de chegar em casa, com quem a gente andava, nós tínhamos todos os limites, fomos criados assim. Tinha uma irmã minha que era danada na escola, quando chegava uma reclamação mamãe a colocava de castigo, dava umas chineladas e dizia: quero ver você amanhã responder a professor. Mamãe não sabia ler, mas, quando a gente chegava da escola, ela perguntava se tinha dever, se tivesse ia logo fazer. Tinha limite de tudo. Ela gostava de perguntar aos professores como a gente estava. Por 15 anos, ela nos criou sem nosso pai, mas, nós filhos obedecíamos aos dois. Todos nós tínhamos responsabilidade, nossa mãe ensinou de tudo. Eu sempre gostei muito de trabalhar. Mamãe

sempre ensinou a gente a comprar só o que precisava e que tinha condições de pagar. Fomos acostumados a gastar só o que nós ganhamos, a poupar. Eu acredito muito na criação. Agradeço muito a mamãe, era muito rígida, mas hoje somos o que somos graças a essa criação. [...] Meus pais eram analfabetos, mas eles não queriam que nós fôssemos também. Eu nunca perdi um dia de escola. Graças a Deus, minha mãe sempre colocava a gente para ir para escola. Em primeiro lugar, respeitar o professor. Ela sempre gostava de acompanhar as nossas notas, não perdia reunião. Quando minhas irmãs terminaram o segundo grau, eles [os pais] fizeram de tudo pra comprar uma casa em Mossoró pra elas irem estudar lá. Eles sempre incentivavam. Mamãe [até] comprou aquelas máquinas de datilografia pra gente fazer os trabalhos. (Ruth, maio de 2016).

Ruth reconhece a importância da educação familiar recebida dos pais. Para Lahire (2008), esse tipo investimento empreendido pela família chama-se ordem moral doméstica, que consiste em investimentos e estratégias educativas que a família mobiliza para manter a ordem em casa e fazê-la transcender para o âmbito escolar.

Uma boa parte das famílias das classes populares pode outorgar uma grande importância ao ‘bom comportamento’ e ao respeito à autoridade do professor. Como não conseguem ajudar os filhos do ponto de vista escolar, tentam inculcar-lhes a capacidade de submeter-se à autoridade escolar, comportando-se corretamente, aceitando fazer o que lhes é pedido, ou seja, serem relativamente dóceis, escutando, prestando atenção, estudando e não brincando... Os pais visam, desse modo, a uma certa ‘respeitabilidade’ familiar da qual seus filhos devem ser os representantes. Em casa podem exercer um controle exterior direto da escolaridade dos filhos: sancionar as notas baixas e os maus comportamentos ‘escolares’, assegurar-se de que as tarefas tenham sido feitas... Indiretamente, também, podem controlar o tempo consagrado aos deveres escolares, proibindo ou limitando as saídas noturnas, restringindo o tempo que passam diante da televisão... Através dos controles de amigos, do controle entre o tempo que levam da escola para casa (os filhos podem ser levados e trazidos), os pais podem, igualmente, controlar as situações de socialização nas quais estão colocados os filhos, para evitar que ‘não degridem’. (LAHIRE, 2008, p. 25).

A presença constante, o apoio moral, o controle dos horários e das amizades, o respeito exigido para com o professor, o acompanhamento de notas e a presença em reuniões são ações que a família desenvolveu para suprir a ausência de outros aspectos e esses atos influenciaram de forma positiva na escolaridade dos filhos. Pelas lembranças de Ruth, seus pais e, especialmente, a sua mãe mobilizaram esforços nesta perspectiva. O fato de comprar uma casa em outra cidade e adquirir uma máquina de datilografar são exemplos de investimento econômico, fruto de esforço e planejamento familiar para oferecerem aos filhos melhores condições para os estudos.

2.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA

As visitas dos alunos à biblioteca, na qual Ruth trabalha, acontecem da seguinte forma: as turmas da Educação Infantil [cinco turmas] frequentam o espaço semanalmente e as crianças não levam os livros para casa. Segundo Ruth, o objetivo da visita é possibilitar às crianças o contato com os livros e com a leitura para além do espaço da sala de aula, introduzindo-os neste universo e tornando-os familiarizados com este ambiente. Durante esse momento, além do contato com os livros, há também contação de história por professores, alunos e por Ruth. A cada visita, a professora da turma assina um livro de frequência em nome de todos e Ruth faz um pequeno relato da visita como registro, logo abaixo da assinatura.

Segundo um cronograma elaborado por Ruth e de conhecimento de professores e alunos, exposto em cada sala, duas turmas visitam a biblioteca a cada dia da semana. Assim sendo, cada turma vai ao espaço uma vez por semana. Do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental, as crianças podem pegar livros emprestados. Quanto às crianças da Educação Infantil, é uma estratégia de Ruth que a elas sejam apresentados os livros, seu objetivo é de que comecem a vivenciar o espaço pelas contações de histórias e, futuramente, possam tomar livros emprestados.

Além de tomarem um livro emprestado, os alunos do Ensino Fundamental costumam compartilhar a experiência da leitura com Ruth que faz questão de ouvi-los. Ela afirmou que elabora ou procura na internet fichas de leitura e as entrega na hora do empréstimo para que as crianças possam responder após a leitura e devolvê-la juntamente com o livro. Nos dias observados, as crianças ainda não estavam recebendo tais fichas. Como era o início das visitas, ela gostaria de conhecer inicialmente o nível de leitura de cada turma para elaborá-las ou selecioná-las. Estas fichas após serem respondidas são guardadas e organizadas no relatório elaborado por Ruth ao final de cada ano.

Antes que as crianças cheguem, Ruth organiza o espaço para recebê-las. Às vezes, coloca um lençol sobre o chão e distribui alguns livros nele ou arruma-os sobre a mesa. Estes livros não são escolhidos aleatoriamente, são livros de imagens ou livros com histórias pequenas, por exemplo, que são previamente selecionados com base no que acredita ser ideal ou de preferência de cada turma, pois sempre atende turmas nestes níveis de ensino. Para Silva, Ferreira e Scorsi (2009), a preparação e conhecimento por parte do bibliotecário sobre o que apresentar à criança é primordial, visto que, “para escolher o que se vai apresentar, ler ou

propor é preciso conhecer e poder apreciar o que está disponível” (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009, p. 53). Ruth afirma que conhece muitos livros do acervo.

A atitude de Ruth, ao selecionar os livros, indica que ela os conhece e que tem uma razão para escolhê-los. Outra informação relevante que deve ser considerada é o fato de Ruth trabalhar na biblioteca há quatro anos consecutivos. Isto pressupõe que ela já conheça boa ou grande parte do acervo e as crianças a tenham como uma referência na hora de buscar um livro e, até mesmo, ouvir suas orientações. Para Silva (2009), o profissional que atua na biblioteca não pode ser anualmente substituído por outro, pois a mudança desestrutura a organização do trabalho, visto que “[...] a biblioteca escolar precisa de trabalho contínuo que acumule ações pedagógicas promovedoras do conhecimento de sua comunidade” (SILVA, 2009, p. 134).

Perguntada se costuma indicar livros, Ruth afirma que sim, mas, que estabelece critérios tais como: familiaridade, confiança e respeito ao gosto da criança.

Eu indico, mas no início eu não indico, não gosto de impor ‘pegue esse livro’. Nas primeiras vezes, eu os deixo [os alunos] à vontade, para que eles possam se familiarizar com a biblioteca e comigo também, eles levam os grandes, os pequenos, com muita leitura, com pouca leitura, quando passa umas duas semanas, eu vou ajudar, vou dizer que ‘esse é mais bonito’, ‘eu li esse livro aqui e ele é legal e tal’. Aí, eles vão vendo que eu tenho razão e levam aquele livro que eu tô indicando, mas muitos ainda levam tempo para aceitar. Eu quero que eles tenham aquela vontade de escolha própria. (Ruth, maio de 2016).

Ruth ainda comentou sobre a indicação aos professores.

É muito difícil os professores procurarem um livro. Às vezes, eles chegam e dizem assim: eu tô dando a letra M, procure aí uma história de macaco, será que tem? Eu antes entregava, hoje eu não entrego. Isso aí é para o professor vir procurar, vir na biblioteca, sentar aqui, ver e saber quais livros tem. (Ruth, maio de 2016).

As visitas das crianças são realizadas com muito mais frequência que as visitas dos professores. Estes raramente vão ao espaço e alguns deles nunca visitam. Isso pode ser confirmado pelas observações e pelas falas de Ruth.

No dia do livro, comemorado no dia 18 de abril, Ruth, juntamente com a equipe da escola – coordenadora pedagógica, diretora e equipe administrativa – organizou todo o espaço da escola. Na biblioteca, teve contação de história e ela escolheu diferentes histórias para cada nível de ensino e para cada história utilizou diferentes recursos para esse momento tais como: animais de pelúcia, fantoches, expressão corporal, mudança de voz e caracterização. Por turma, as crianças vinham até à biblioteca ouvir uma história e conhecerem o espaço pela primeira vez após as mudanças.

Algumas professoras parabenizaram o trabalho desenvolvido por Ruth e destacaram a importância de ações como esta. No entanto, algumas outras não acompanharam as crianças alegando que o espaço já estava muito cheio. Ao recepcionar as crianças, Ruth apresenta-se: – (Eu sou tia Ruth, a professora da biblioteca!) Após as contações, ela agradece a participação e aconselha as crianças sobre a importância da leitura e de frequentarem o espaço. Após as apresentações, Ruth comentou como o trabalho exige esforço físico, requer muito tempo em pé e fôlego para falar, por causa de problemas de saúde, sentiu-se cansada. Mas, o que mais lhe desanima, segundo ela, é a falta de reconhecimento de algumas professoras. É um trabalho interessante e indispensável para Ruth: – “a contação não deve acontecer apenas na biblioteca, é preciso que aconteça também na sala de aula”. A pedagoga comenta ainda que sente falta da parceria e do trabalho coletivo que deveria existir com a leitura na sala de aula. (Diário de Campo, 9º Dia de Observação, 18/abril/2016).

A contação de história é um momento relevante de contato com a leitura. Para Girotto e Souza (2009), a escolha de recursos e técnicas tende a enriquecer esse momento. Para os autores, “a contação de histórias [...] pode acontecer de diversas formas com o uso de diversos recursos e técnicas, a diversificação é primordial a fim de enriquecer essa atividade e cativar o leitor em formação” (GIROTTTO; SOUZA, 2009, p. 33). Pela reação das crianças durante a apresentação de Ruth, foi possível perceber e constatar as vantagens da utilização de técnicas e recursos diversos.

Santos e Souza (2009) ressaltam que os professores e bibliotecários precisam conhecer o material disponível e o gosto das crianças para que possam orientar. Porque “somente quando um professor bibliotecário conhece o potencial da criança e de um livro, e está disposto a acreditar na interação dos dois, a aprendizagem acontece” (SANTOS; SOUZA, 2009, p. 103).

[...] Quando os professores bibliotecários nutrem consistentemente o interesse de seus alunos pela literatura, por meio da leitura em voz alta de livros bem selecionados, dando às crianças tempo para que elas possam ler e discutir esses exemplares em grupo, a capacidade delas de apreciação pela qualidade da literatura vai aumentar (SANTOS; SOUZA, 2009, p. 101).

O uso de recursos e técnicas, bem como a seleção de bons textos tende a enriquecer a contação de história. Além da contação, a seleção de textos auxilia na hora de indicar e/ou sugerir leituras aos usuários do espaço, de acordo com a suas preferências e procura.

Durante as observações, foi possível ver que, diariamente, no espaço da biblioteca, acontecia leitura compartilhada: as crianças tinham a oportunidade de contar e ouvir os próprios colegas, a professora de sala e Ruth. Como no 11º dia de observação:

Antes que as crianças do “Pré I A” cheguem, o espaço é organizado, sobre o chão é colocado um lençol e espalhado nele livros de imagem. Quando as crianças chegam são recepcionadas e convidadas a sentarem no chão para que possam folhear os livros à vontade. As crianças manuseiam o material, mostram uns aos outros, criam histórias e até pedem para contar para todos. Neste momento, a criança fica de pé e conta uma história que cria neste instante. A

professora e Ruth orientam em como mostrar as imagens para os colegas, questionam os ouvintes e assim todos interagem. Durante este primeiro momento, Ruth esteve junto das crianças orientando e ouvindo as histórias.

Ruth: – Cuidado crianças, não devemos pisar nos livros. Eles são nossos amiguinhos! Peguem com cuidado, não amassem!

A segunda turma a visitar a biblioteca, hoje, foi o 1º Ano ‘A’. As crianças, em grupos, sentam no lençol e escolhem um livro. Ruth informa que hoje irão levar livros de imagens porque gostaria de perceber a interpretação de cada um. A tarefa é ler o livro e contar a história na próxima visita.

Com o livro de registro aberto, Ruth aguarda que as crianças escolham e, enquanto isso, ela dá algumas orientações:

– Lavem as mãos para pegar no livro. Não podemos riscar ou amassar, nem dar para o irmãozinho rasgar.

– Olhem essas fichas de controle [mostrando o livro de empréstimos]: cada um de vocês tem uma ficha. Quem ler mais, no final do ano vai ganhar prêmios. Lembram que ano passado teve apresentações e prêmios?! (Diário de Campo, 11º Dia de Observação, 25/abril/2016).

Para Colomer (2007), as bases da educação literária são fixadas nos primeiros contatos com a leitura, por meio dos livros e das atividades realizadas. Os momentos de contação realizados pelas próprias crianças, com ajuda da professora da sala e da bibliotecária são exemplos de atividades possíveis de serem realizadas com os livros.

[...] Os primeiros contatos com a leitura se produzem, em grande parte, através de formas orais e, inclusive, mediante narrativas audiovisuais. Mas também os livros para crianças que ainda não sabem ler são uma realidade bem consolidada na atual produção de literatura infantil e, ao ampliar-se o sistema educativo para as primeiras idades, estes livros penetram nas creches e na fase pré-escolar. É, pois, através de distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária (COLOMER, 2007, p. 52).

Colomer (2007) ainda completa:

Desde muito cedo, meninos e meninas possuem muitos conhecimentos sobre a narração de histórias. Aos dois anos a maioria usa convenções literárias em seus solilóquios, jogos e relatos. [...] É um indício claro de que nessa idade as crianças já identificam a narração de histórias como um uso especial da linguagem. Essa consciência se desenvolverá até o reconhecimento das histórias como um modo de comunicação, uma técnica aceita socialmente para falar sobre o mundo real ou para imaginar mundos possíveis (COLOMER, 2007, p. 54).

A observação do dia 02 de maio de 2016 ilustra a ideia acima.

Ruth aguarda as crianças com um fantoche. Em fila, as crianças da pré-escola entram na sala, sentam ao redor dos livros, começam a folhear, conversam entre si e chamam a atenção uns dos outros para mostrar as imagens. Quatro crianças pedem para contar uma história e um de cada vez sobe em uma cadeira e, com auxílio de Ruth e do livro, conta espontaneamente. A segunda turma a visitar a biblioteca são as crianças do 1º Ano ‘A’, ao chegarem vão até Ruth, colocam sobre a mesa os livros de imagem que haviam levado para casa e uma criança por vez senta-se para contar a história. Ruth diz:

- Sente-se aqui, fale desta história. Do que falava?
- E aí, o que aconteceu?
- Você gostou?
- Que legal! Você sabia também que... [Ruth conversa sobre a história, relaciona com outros acontecimentos, procurando dialogar e instigar a imaginação da criança que conta]. Enquanto isto, as outras crianças escolhem livros com textos pequenos, ideal para leitores iniciantes, previamente selecionados e colocados sobre uma mesa maior.
- Procurem leituras pequenas! – Diz Ruth.
- Abram os livros. Como poderão escolher só pela capa? (Diário de Campo, 14º Dia de Observação, 02/maio/2016).

Além de participarem das contações, as crianças eram orientadas sobre o cuidado que deveriam ter com os livros e como mostrar as imagens. Algumas crianças estavam naquele espaço pela primeira vez, talvez mantendo o primeiro contato com um livro de literatura infantil. Portanto, existia o cuidado em apresentá-las ao livro e à leitura e, também, orientar em como cuidar deste bem material.

As crianças maiores, que haviam levado um livro para casa, participavam de outro momento: a socialização da história lida possibilitava que elas expressassem seus sentimentos em relação ao livro, tirando dúvidas e aprendendo novas coisas. Ruth convida os alunos a contar a história e a dividir a experiência com o livro na própria sala ou nas salas vizinhas, estimulando-os a compartilhar o conhecimento e incentivar os colegas a ler um livro.

2.2 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

Uma das práticas de Ruth, na biblioteca, é fazer um cronograma para que cada turma, semanalmente, tenha um dia destinado à visita ao espaço. No início das observações, ela estava dedicada à organização do espaço e à catalogação dos livros didáticos. Neste período, as crianças ainda não estavam frequentando o espaço.

Hoje, Ruth está empenhada em abrir o livro de ponto dos funcionários e carimbar os livros didáticos que estão chegando à escola para ser entregues aos alunos e professores o quanto antes. Assim que entro na biblioteca com a diretora, Ruth está a carimbar os livros, sentada e rodeada por eles. A diretora fala sobre a mudança [a biblioteca antes funcionava dentro da sala dos professores e desde que o ano letivo de 2016 começou, Ruth estava envolvida em arrumar os livros e demais materiais no novo espaço] e sobre o que ainda pretendem fazer no espaço. De antemão, já dizem que estão com poucos livros de literatura infantil e que adorariam doação. Sou convidada a fazer parte da ação. (Diário de Campo, 1º Dia de Observação, 14/março/2016).

Em conversa, Ruth diz que a biblioteca da escola foi ideia sua. Ao passar por problemas de saúde e ter que conviver com tais problemas até hoje, estava impossibilitada de atuar em sala de aula e sugeriu, então, à diretora da época, que montassem uma biblioteca. A

diretora a indagou sobre como fariam tal façanha, pois a escola dispunha de poucos materiais, de poucos livros e não tinha espaço para montarem uma biblioteca. Ela disse que isso não era problema, dariam um jeito: montariam em qualquer lugar e com os recursos que possuíssem e com o que fossem conseguindo aos poucos por meio de doações.

A princípio, a ideia não foi bem vista e aceita pelos demais professores da escola. Eles alegaram não ser necessário e que não deveria um funcionário exercer apenas a função de “cuidar dos livros”. Até hoje, pela fala de Ruth, ainda há alguns professores que não “aceitam” ou “enxergam” a necessidade desse espaço na escola, mas há também aqueles que admitem a necessidade do espaço e do trabalho desenvolvido. Os alunos, pelo seu relato, sentem-se felizes ao frequentar a biblioteca: espaço organizado com carinho para eles. São essas as expressões quando fala das práticas desenvolvidas:

Eu gosto de fazer meu trabalho aqui, de cuidar e fazer as pessoas felizes. Eu me sinto feliz também. Eu precisava fazer algo para me sentir útil. Eu sou educadora e gosto de ver os frutos do meu trabalho, gosto de contribuir. (Ruth, março de 2016).

Ruth afirma que sempre se identificou com a profissão docente e que os atestados médicos lhe garantiriam aposentadoria e afastamento da profissão, mas, essa não era sua vontade, por isso tomou a iniciativa de continuar trabalhando no ambiente escolar, rodeada por alunos e pela educação.

Eu gosto muito da minha profissão. Eu sempre amei, e é como eu sempre digo, é trabalhoso, árduo, mas é uma coisa que eu me identifico. [...] Eu não posso ensinar, mas eu tenho habilidade para outra coisa. Minha vida é isso aqui, eu tenho que contar história, cantar, sorrir, chegar em casa e contar o que um menino disse. Eu sinto prazer aqui, é como se eu tivesse na minha sala de aula. E sempre busquei trazer o diferente para que eles me valorizassem. Eu amo trabalhar com criança. É tanto que eu não faço trabalho de biblioteca, eu faço tudo. Eu gosto desse movimento, de estar na rua e uma criança dizer: ‘tia, a biblioteca vai ser que dia?’ É sinal que você tá fazendo alguém feliz. (Ruth, maio de 2016).

É perceptível o prazer e a empolgação nas suas falas.

Os livros de literatura, que servem de empréstimo para os alunos, não são livros muito novos, alguns são doados. Com frequência, Ruth traz livros, jogos, cds e jornais doados por ela própria e por amigos e familiares.

[Olhando para as estantes] – Aqui tem muita coisa minha, que eu trouxe, tem muito material bom, livros... (Diário de Campo, 16º Dia de Observação, 10/maio/2016).

Durante as observações, foi possível perceber que Ruth desempenha funções tais como: catalogar os livros, carimbar os materiais que estão na biblioteca, organizar a biblioteca, orientar alunos e professores, contar histórias, ouvir as histórias contadas pelas

crianças e registrar empréstimos e devolução. Além destas atividades, ainda no espaço da biblioteca, Ruth é responsável por abrir o livro de ponto e receber e organizar os atestados médicos dos funcionários da escola.

Em conversa, Ruth comentou estar um pouco cansada da função de abrir o livro de ponto de funcionário e coisas do tipo. E acredita não ser sua função. (Diário de Campo, 3º Dia de Observação, 18/março/2016).

As atividades desenvolvidas por Ruth, na biblioteca, são previamente planejadas. Ela costuma pedir ajuda à Coordenadora Pedagógica ou à Diretora para pesquisar algo na internet da escola, pois, não tem acesso além do celular e não possui computador em casa. Além disto, pesquisa nos livros da biblioteca fundamentação e ideias para desenvolver seus planos e projetos.

Ruth trouxe dois dos seus projetos já realizados para compartilhar comigo. No material continha, além do projeto, também os registros fotográficos, slides de apresentação e as fichas de leitura respondidas pelos alunos durante todo o ano. Organizou as fichas por turma e aluno, afirmando que tal distribuição tornava possível acompanhar e comparar o desenvolvimento da compreensão, da leitura e da escrita das crianças. Os objetivos do projeto eram: organizar as obras de forma acessível às crianças; sugerir livros para professores e crianças; divulgar os livros novos da biblioteca; fazer levantamento dos principais livros; atender as solicitações de crianças e professores; organizar clube de leitura; realizar um campeonato de leitura; incentivar o hábito da leitura e promover a leitura e a troca de ideias. (Diário de Campo, 10º Dia de Observação, 19/abril/2016).

A cada ano, ela elabora um projeto para desenvolver na biblioteca e, no final do ano letivo, promove uma socialização das atividades desenvolvidas com brincadeiras e sorteio de livros e prêmios, e, também, disponibiliza o projeto para crianças e professores, demonstrando que sente satisfação em compartilhar suas ideias e planos.

Durante as observações, foi possível perceber que Ruth organiza desde a biblioteca, os jogos, os livros, até seu próprio material. Uma de suas preocupações é possibilitar um espaço organizado e com materiais acessíveis aos alunos e professores. Essa sua característica pode ser resultado da ordem moral vivenciada ainda na infância. As regularidades e ordenamentos são capazes de gerar estruturas cognitivas ordenadas, porque “[...] o aluno que vive em um universo doméstico material e temporalmente ordenado adquire, portanto, sem o perceber, métodos de organização, estruturas cognitivas ordenadas e predispostas a funcionar como estruturas de ordenação do mundo” (LAHIRE, 2008, p. 27).

Assim que Ruth chega, já percebe que a estante onde algumas crianças do turno vespertino buscaram livros estava desarrumada, e aparentou não ter gostado da bagunça comentando ser função de cada responsável deixar a biblioteca em bom estado após o uso. (Diário de Campo, 7º Dia de Observação, 29/março/2016).

Em outro dia, deixou evidente o quanto gosta de organização.

– Eu gosto muito de organização, mas não significa que as crianças não possam mexer. Claro que podem. Depois, eu arrumo novamente. (Diário de Campo, 10º Dia de Observação, 19/abril/2016).

A organização do espaço físico diz muito do que se pretende fazer naquele ambiente. Silva, Ferreira e Scorsi (2009, p. 59) afirmam: “[...] o espaço físico, com tudo aquilo que colocamos dentro dele, a arrumação que fazemos, o cuidado que temos, adquire uma força que não podemos ignorar na comunicação que desejamos construir”. E ainda completam que:

Uma biblioteca não precisa (e não pode) ser um lugar de excessiva ordenação, normatização ou resguardo. Mas um lugar de variedade, do diverso, do plural, do desigual que, colocando em convivência diferentes autores, materiais, recursos, nacionalidades, se revela, de certa forma, desordenado (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009, p. 62).

O fato de Ruth gostar de organizar o espaço não quer dizer que ela não queira que os livros sejam manuseados. Ao contrário, os materiais são organizados de maneira estratégica para o acesso por parte dos leitores: são ordenados por tema e colocados a uma altura acessível. Dessa forma, crianças e adultos encontram facilmente o que procuram.

Em conversa, ela afirma considerar-se uma alfabetizadora mesmo atuando na biblioteca. Seu objetivo é ajudar às crianças a aprender a ler, embora, segundo ela, seu trabalho não seja valorizado e reconhecido por alguns professores, quando os resultados de leitura são alcançados. Em vários momentos, ela se ressentiu da falta de uma parceria maior com os professores, que não veem relação do trabalho desenvolvido na biblioteca com o da sala de aula.

Eu acho muito gratificante. Eu vejo por parte de muitos professores que eles não querem admitir, mas as crianças quando saem daqui não saem da maneira que chegaram. As crianças quando não saem lendo, saem sabendo de alguma coisa. Aqui, eles folheiam o livro, contam aquela história, desenvolvem a oralidade. Isso, para mim, é gratificante demais. Cabe a cada professor exigir. Eu começo a exigir aqui, mas se lá na sala de aula os professores não derem a continuidade da leitura, aquilo vai morrendo. Eu sou apaixonada pelo meu trabalho. Existem muitas dificuldades por parte dos professores. É necessário um elo entre eles [professores], eu e a família. Eu queria que eles levassem esse trabalho a sério: incentivar as crianças, avisar às crianças para não esquecerem os livros, porque as crianças pequenas precisam ser lembradas. [...] O meu querer era que quando eles levassem esses livros que fosse um dia trabalhado na sala de aula. Cada tarefa que eu passo é planejada: não é qualquer livro que as crianças pegam, é correspondente à série e à aprendizagem do aluno. (Ruth, maio de 2016).

Foi possível observar que Ruth tem um objetivo, um intuito ao atuar na biblioteca, mas ela mesma percebe que existem lacunas e desafios. Perguntada sobre o que ela acredita ser a função do profissional que atua neste espaço, ela respondeu:

Eu pensava antes que era só a criança chegar, pegar o livro, ir para sala e acabou-se. Hoje, eu sei que não é assim, é para incentivar, 'ah aqui tem um livro melhor', e sempre mostrar. Porque, às vezes, o aluno vem tirar um livro, mas, às vezes, ele vem só por vir, sem motivação. Tem que receber e orientar, porque é igual chegar a qualquer outro lugar, se você for mal recebida, você não volta mais. Eu sei que eu faço é tipo ensinar. Eu misturo biblioteca com brinquedoteca, sei que tem que desde cedo eles saberem o que é um livro. Esses alunos apreciam os livros do jeito que eles são: eu remendo, eu colo, eu passo fita e eles não reclamam do livro porque não seja novo. Eu acho que eles vêm mais pela motivação. Acho interessante deles não reclamarem. Eu já tô doidinha porque os livros já estão bem usados. (Ruth, maio de 2016).

Ela admite que possuía outra concepção do que era seu dever, mas, no dia a dia foi percebendo sua real função, nesse espaço, mudando, assim, a sua prática a fim de atender a todos que necessitam das suas orientações e do seu trabalho.

Embora não tenha formação para atuar na biblioteca, afirma sentir-se preparada para atuar nesse espaço. Ela é capaz de admitir suas dúvidas e também não descarta a relevância e necessidade que uma formação na área possibilita.

Eu me sinto [preparada, mas] deveria ter cursos. Ah! Se a gente tivesse cursos! Eu não sei se assim é o certo, como eu gosto que seja. Às vezes, eu pego um livro que fala sobre biblioteca, e vejo que o que eu faço tá parecido com o que é para ser trabalhado, mas, assim, um curso deveria ser bem melhor né? Para ver se realmente a gente tá fazendo certo. Quando você faz o que gosta e faz com prazer aquilo dá certo. (Ruth, maio de 2016).

Ruth investe no prazer e no gosto que desenvolveu pela função de bibliotecária como uma das alternativas para o seu trabalho dar certo e continuar em atividade na área da educação.

2.3 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS

As observações mostram como a função exercida por Ruth está marcada pela ordem moral doméstica inscrita em seu *habitus*. A pedagoga desenvolve ações pedagógicas, lançando mão do que dispõe, como por exemplo, a seriedade com que encara o trabalho e suas responsabilidades e o esforço em organizar e adquirir material para a biblioteca. Além disso, a perseverança em lutar pelo espaço de leitura na escola e, principalmente, pelo prazer [que desenvolveu] ao realizar esta função.

As dificuldades para realizar essa empreitada sempre estiveram presentes. No início, a falta de espaço, de livros novos e da parceria com a comunidade escolar foram apenas algumas delas. Hoje, com um espaço próprio, embora ainda adaptado, considerado uma vitória, ainda não conta com o apoio da maioria dos professores e, também, não se contenta com o número de livros disponíveis no acervo. Os problemas enfrentados no início e os atuais são desafios que impulsionam Ruth.

O fato de planejar atividade de contação de história, atentar em recepcionar bem as crianças, ler sobre a profissão de bibliotecário e utilizar vários recursos didáticos no dia a dia, mostram a preocupação e o esforço de Ruth para propiciar a leitura a alunos e professores. Convém considerar que Ruth é pedagoga e que, certamente, leva para o exercício da função de bibliotecária parte da sua experiência adquirida no exercício docente. As estratégias pedagógicas desenvolvidas diariamente são peças-chave para o seu trabalho e fundamentais para alcançar mais resultados.

Ruth desenvolveu disposições compatíveis com as suas condições. Suas disposições são engendradas pelas suas possibilidades e, principalmente, pela sua necessidade de continuar trabalhando na escola, a *necessidade feita virtude* de que fala Bourdieu (2009, p. 89).

Na infância, em casa, o contato com a leitura e com o livro foi tardio. Essa dificuldade de acesso ao livro pode ser o motivo pelo qual Ruth hoje gosta de cuidá-los, não apenas dos seus próprios livros, como também dos da biblioteca. O seu primeiro contato aconteceu na escola, depois por uma irmã mais velha, passando a ganhar força na graduação e no exercício da profissão. No que se refere ao modo de apropriação da leitura por Ruth, este está intimamente relacionado à necessidade que teve de atender às demandas do ensino superior. A pedagoga afirmou que desenvolveu o hábito de ler, neste período da vida, em que foi “obrigada” pelas circunstâncias.

Atualmente, ela tem a posse de bens necessários ao desenvolvimento da habilidade leitora – livros, revistas, jornais – e, além disto, tem a prática de ler todos os dias, hábito esse que pedagoga considera ter adquirido durante o ensino superior. Da infância até a graduação, o contato era restrito e/ou quase inexistente, o que nos leva a perceber que as disposições leitoras de Ruth foram desenvolvidas e inculcadas de acordo com o que lhe era possível, por conseguinte, tais disposições foram desenvolvidas de acordo com as suas necessidades e possibilidades. As possibilidades e impossibilidades engendraram disposições compatíveis com as condições que possuía. Para Bourdieu (2009, p. 89),

[...] as disposições duravelmente inculcadas pelas possibilidades e impossibilidades, liberdades e necessidades, facilidades e impedimentos que estão inscritos nas condições objetivas [...] engendram disposições objetivamente compatíveis com essas condições e de alguma forma pré-adaptadas à suas exigências, as mais improváveis práticas se encontram excluídas, antes de qualquer exame, na qualidade de *impensável*, por essa espécie de submissão imediata à ordem que inclina a fazer da necessidade virtude [...].

Durante a graduação, vale destacar o papel desempenhado por sua irmã com quem Ruth realizava suas atividades acadêmicas. Tal relação, além de afetiva, lhe motivava ao mesmo tempo, em que lhe pressionava a cumprir suas obrigações estudantis.

Embora seus pais não fossem escolarizados e não pudessem lhe possibilitar o contato com a cultura escrita, na infância, por exemplo, eles tinham capital familiar, ordem moral, esforço, estratégias de incentivo e apoio educacional. Com tais ações, Ruth alcançou o ensino superior e a pós-graduação no nível *lato sensu*. Ruth e mais oito irmãos possuem formação em nível superior.

No exercício da função de bibliotecária, os esforços retornam simbolicamente em forma de elogio de alguns professores e do reconhecimento por parte das crianças que lhe trazem o prazer de desempenhar essa função.

—Às vezes, eu venho no horário da tarde e as crianças dizem: Tia Ruth, era para a senhora trabalhar à tarde. Sinto tanta saudade da senhora na biblioteca! (Diário de Campo, 9º Dia de Observação, 18/abril/2016).

Uma professora da turma que visitou a biblioteca ontem passou para dizer a Ruth que as crianças adoraram e estavam todos criando histórias com os livros de imagem. A professora da turma que hoje visitou a biblioteca, após contar uma história com um livro de imagens, sugerido por Ruth, com a ajuda das crianças, reconheceu como seus alunos prestaram mais atenção do que quando costuma ler outras histórias, um dos motivos é o fato da criança fazer parte da criação do enredo. (Diário de Campo, 12º Dia de Observação, 26/abril/2016).

O exercício desta função é, para Ruth, algo que a realiza pessoalmente, como ela mesma resume: “Minha vida é isso aqui: eu tenho que contar história, cantar, sorrir [...]”.

As estratégias desenvolvidas e os esforços alcançados por Ruth são um resultado de quem aprendeu a conviver com as dificuldades e a lidar com os desafios na vida e na profissão. Muito provavelmente, em qualquer função que fosse desempenhar, apresentaria suas características: organização, dedicação e esforço, porque tais disposições fazem parte do seu *habitus*.

3 CECÍLIA – QUE ANOTA UM PONTO

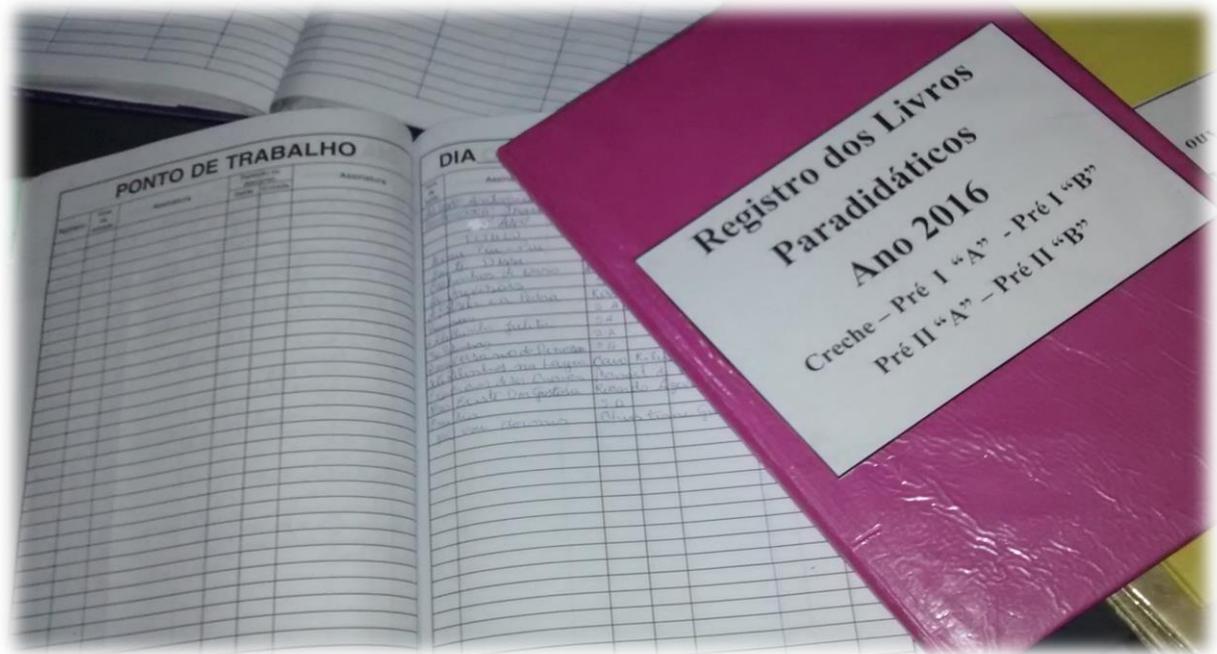


Imagem 03 – Biblioteca da Escola I, 2016
Fonte: Pesquisa direta

Eu acho que já tive o hábito de ler. Atualmente, eu não tô com hábito de leitura não.
 (Cecília)

A segunda bibliotecária é Cecília. Ela é pedagoga e possui especialização em Psicopedagogia. Atuou na docência há 24 anos e, na biblioteca escolar, há três anos não consecutivos, sem formação específica para estar nessa função. Cecília divide seu ambiente de trabalho com Ruth, portanto, o espaço da biblioteca é o mesmo descrito no capítulo anterior.

Cecília tem idade entre 41 a 50 anos, é casada, mãe de dois filhos, mora com o esposo na cidade de Severiano Melo/RN. Seus filhos moram e estudam em uma cidade vizinha. Atualmente, a renda aproximada da família é de três a quatro salários mínimos, que corresponde à renda individual de Cecília. Seus avós eram agricultores analfabetos. Seu pai serviu ao Exército e tinha escolaridade de ensino fundamental incompleto, bem como sua mãe, que era do lar. Dos três irmãos que possui, duas são pedagogas [uma já faleceu] e um é engenheiro agrônomo.

Cecília viaja esporadicamente e quando perguntada sobre quais cidades já conheceu, afirma que Mossoró/RN e algumas cidades vizinhas. Em seus passeios, inclui as seguintes

atividades: ida ao shopping, ao mercado da cidade e à Igreja. Nos finais de semana, tem o hábito de ficar em casa ou na casa da sua mãe, que já é idosa e necessita de seus cuidados. Além disto, costuma ir à Igreja.

Cecília afirmou ter acesso a programas culturais, tais como: teatro, circo, espetáculo de dança e show musical uma vez ao ano. Dos últimos espetáculos ou filmes assistidos não se lembra muito e comenta já fazer algum tempo. Quando frequenta essas atividades costuma ir acompanhada dos filhos e do esposo.

Em relação à leitura, a primeira lembrança de Cecília é de quando tinha a idade de sete anos e ganhou uma coleção de contos da mãe. Segundo ela, sua mãe era o membro da família que mais incentivava a leitura e os estudos, demonstrando assim, que existia um investimento familiar em relação à educação.

Na minha infância, eu fui incentivada por minha mãe, em casa mesmo, que comprava livrinhos, coleção de livros para gente ler. Minha mãe foi a pessoa que mais me incentivou. Na época, os livros eram meus e dos meus irmãos. Mamãe sempre foi uma pessoa muito organizada: a gente só estudava na mesa. Ela sempre teve cuidado com a educação da gente, tanto para vida assim, quanto na escola. Ela sempre foi uma incentivadora, tanto ela quanto papai. Depois que terminamos o ginásio, eles compraram uma casa em Mossoró para gente ir estudar lá. (Cecília, maio de 2016).

Vale destacar que o fato de comprar uma casa em outra cidade significa não só hoje, como principalmente naquela época, investimento econômico e preocupação com a educação dos filhos, bem como revela os esforços empreendidos pelos pais.

Ela informou, ainda, sobre sua rotina de estudos, a ajuda contínua da mãe e mais um investimento econômico, por parte dos pais, que pagaram aulas de reforço para os filhos.

Meus pais controlavam. Eu agradeço à minha mãe, tinha limites, minha mãe determinava o tempo para a gente estudar, de tanto a tanto, tinha que fazer as atividades de casa para depois brincar. Ela que ajudava, nas séries iniciais, ela que ajudava. Aí, depois, com a professora que ensinava na escola, a gente tinha aula particular com ela na casa dela, aula de reforço. Mamãe teve muito cuidado com a aprendizagem da gente [risos]. Ela regulava, fomos bem acompanhados. Nosso canto de estudar e fazer tarefa era sempre na mesa da sala de jantar, no horário que não era o de ir para escola. Além das atividades da escola, mamãe atribuía outras pra gente. Eu me formei antes de trabalhar e de me casar com 25 anos. Naquela época, muita gente só se formava depois que já trabalhava. (Cecília, maio de 2016).

O fato de comprar livros para os filhos e “ter cuidado com a educação” são também estratégias educativas que a família de Cecília utilizava. Para Bourdieu (1996), a família tende a investir mais na educação quanto maior for seu capital cultural, tendo assim:

[...] uma tendência a perpetuar seu ser social, com todos seus poderes e privilégios, que é a base das *estratégias de reprodução*, estratégias de

fecundidade, estratégias matrimoniais, estratégias de herança, estratégias econômicas e, por fim, estratégias educativas. Elas investem tanto mais na educação escolar [...] quanto mais importante for seu capital cultural e quanto maior for o peso relativo de seu capital cultural em relação a seu capital econômico e, também, quanto menos eficazes forem as outras estratégias de reprodução (particularmente, as estratégias de herança que visam à transmissão direta do capital econômico) ou relativamente menos rentáveis [...] (BOURDIEU, 1996, p. 35-36, grifo nosso).

As famílias das camadas populares tendem a perpetuar e utilizar-se do capital que possuem para reproduzir seus capitais, e a estratégia educativa é mais presente, neste caso, visto parecer ser a mais eficaz.

A família de Cecília intervém com as estratégias possíveis, de que dominam. Para Lahire (2008), este domínio não precisa estar voltado essencialmente para o domínio escolar, a intervenção pode acontecer de diversas formas:

[...] Através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança de alguma forma (por exemplo, através de um autoritarismo meticuloso ou uma confiança benevolente). Neste caso, a intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos. (LAHIRE, 2008, p. 26).

Outras mobilizações familiares foram citadas por Cecília e são considerados exemplos de ordem moral doméstica: os horários e lugares estabelecidos para a realização da tarefa de casa, regulação e acompanhamento da educação e atribuição de outras tarefas/atividades.

Sobre o contato com a leitura na escola, Cecília descreve da seguinte forma:

Na escola, na época, não tinha biblioteca na escola que eu frequentava. A gente só tinha livros se comprasse. A escola não tinha livros. Algumas vezes eu ia à biblioteca municipal quando precisava fazer algum trabalho e os professores orientavam. Na minha época, não costumava ouvir histórias, a não ser da minha mãe, aquelas histórias que as mães gostavam de contar, mesmo sem livros, geralmente à noite. (Cecília, maio de 2016).

A mãe de Cecília se fazia presente não só na oferta de livros como na contação de histórias orais, no incentivo aos estudos e no acompanhamento diário, ou seja, no aspecto moral e afetivo.

A leitura significa, para Cecília, conhecimento e cultura. Atualmente, afirma não ter o costume de ler, que “perdeu o hábito” e, que quando lê, geralmente, o faz nos finais de semana. O fato de afirmar que o hábito de ler foi adquirido ou tinha maior ênfase no período da faculdade significa que o exercício da leitura foi uma tarefa desse período de escolaridade, portanto, poderia estar associada a uma necessidade, a uma obrigação estudantil.

Agora não [pausa]. Eu já tive assim, na época da faculdade, assim, eu acho que agora eu tô tipo com preguiça de ler, e também acho que eu perdi o hábito de leitura. Eu acho que já tive o hábito de ler. Atualmente, eu não tô com hábito de leitura não. Quando eu leio, geralmente, é nos finais de semana. À noite, só gosto de ler só, em qualquer lugar da casa. (Cecília, maio de 2016).

Cecília quando deseja adquirir um novo exemplar realiza compras em livrarias físicas ou em catálogo de vendas e, geralmente, são livros de autoajuda. Em ordem de frequência, costuma ler os livros de autoajuda que compra e, também, a revista *Veja*, assinatura de uma irmã. O fato de ler nos finais de semana, leva-nos a inferir que a leitura realizada pela pedagoga é motivada pela distração e não como uma obrigação. A leitura é realizada quando deseja e não tem fins escolares nem profissionais.

Quando solicitada para que destacasse os assuntos preferidos de leitura, lista os seguintes: religião, culinária, moda, decoração, educação e entretenimento. Cecília enumera muitos assuntos do seu interesse, mas, quando tem a oportunidade de adquirir livros, escolhe, apenas, os de autoajuda.

Na sua casa, Cecília tem acesso à internet por meio de um dispositivo móvel de sua propriedade, televisão com canais abertos, livros e revistas. Os programas televisivos que mais assiste são, em ordem de frequência: telejornais, novela, programas de auditório e programas religiosos.

3.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA

Uma das práticas de Cecília é elaborar um cronograma para que cada turma possa frequentar o espaço. A quantidade de turmas permite que possam visitar o espaço duas vezes por semana, diferente do outro turno, no qual Ruth trabalha. As crianças costumam ir até à biblioteca em grupos de três ou mais e escolhem livros. Após registrar a devolução do livro e o próximo empréstimo, é entregue a cada aluno uma ficha de leitura, elaborada ou retirada da internet, assim como as utilizadas por Ruth, com perguntas sobre a compreensão da história. Estas fichas são modificadas com o passar das semanas.

No início das observações, Cecília afirmou que a sua expectativa é de que as crianças retornem para buscar outro livro sempre depois de ler e responder à ficha. Ela comentou, ainda, que nesta ida à biblioteca, as crianças contam um pouco da história que leram ou até mesmo leem alguns trechos.

Segundo Cecília, o seu trabalho acontece em parceria com Ruth e que ambas costumam realizar projetos iguais, porém, adaptados para os anos de ensino. Cecília também

tem a prática de registrar os empréstimos em um livro de ponto usado para este fim, e atentar para a devolução, procurando sempre o motivo da ausência de leitura e devolução.

Além de registrar a devolução e os novos empréstimos, Cecília não perde a oportunidade de alertar às crianças sobre o cuidado que devem ter com os livros, lembrando-lhes que não devem riscar ou amassar e nem deixá-los em casa no dia de devolver. As suas orientações, no dia a dia resumem-se a isto. Mas, há também momentos de intervenção:

Um aluno pegou um livro de imagem e Cecília sugeriu que levasse um livro com texto escrito, não menosprezando a leitura de imagem, mas, incentivando o exercício de leitura escrita. [São alunos do 4º ano que querem levar livros de imagens ou com texto pequeno]. Foi perceptível que algumas crianças procuram por livros pequenos e com pouco texto. Em outro momento aconselha:

– Olha, é bom que vocês leiam em um lugar silencioso para compreender e lembrar-se da história. (Diário de Campo, 4º Dia de Observação, 22/março/2016).

Em algumas situações Cecília indica a leitura que julga ser mais apropriada para cada criança, mas, esses momentos são esporádicos. Normalmente, suas atividades resumem-se a registrar empréstimos, devoluções e receber as fichas de leitura. Perguntada sobre o que fazia com tais fichas, Cecília disse que as está guardando para, futuramente, mostrar aos pais e aos professores em reuniões as atividades que os alunos realizam após a leitura dos livros.

Cecília vai até a sala de aula lembrar a turma [algumas não vão à biblioteca, outras esquecem o livro em casa, o intuito de ir à sala é lembrar a turma de que ela está os aguardando] e as crianças começam a chegar. Cecília senta, apoia-se sobre a mesa e tem sob as mãos o livro de registro dos empréstimos. Assim que chegam, as crianças dirigem-se a ela e lhe entregam os livros e de imediato, ela pergunta a todos:

– Você leu? Conte um pouco dessa história. [Algumas crianças contam, outras não].

– Gostou da leitura do fim de semana? Qual o título? Vai escolher outro para ler?

As crianças vão para a mesa na qual os livros estão em quatro caixotes. A sala está sendo pintada e as caixas que estavam no chão precisaram ir para cima da mesa. Cecília, sentada, observa atentamente as crianças e dá algumas orientações:

– Vocês podem tirar os livros das caixas e colocar sobre a mesa, depois eu arrumo.

[...]

Em um dado momento, percebe que as crianças demoram a escolher os livros e conversam entre si. Então, ela se levanta e vai ajudá-las.

– Olha esse, como é legal!

– Vocês tem que levar livros assim [mostrando]: com letras boas para aprender a ler. Vamos escolher! A professora já está esperando por vocês na sala.

– Atenção! O importante é vocês lerem. Não importa a quantidade e, sim, a compreensão.

– Esse livro deve ser legal. [Diz ao registrar o empréstimo a uma criança].

Algumas crianças indagam sobre a ficha de leitura, e Cecília os orienta. (Diário de Campo, 7º Dia de Observação, 04/abril/2016).

Algumas crianças estavam acostumadas ao trabalho desenvolvido pela bibliotecária do outro turno, ou seja, acostumadas a contar ou, até mesmo, falar um pouco sobre a história lida. Cecília não tem a prática de ouvir o que a criança tem a dizer sobre o livro levado para casa,

exceto, no diário de campo descrito acima, razão pela qual em alguns momentos as crianças indagavam sobre a contação. A observação descrita a seguir ilustra este fato:

Cecília hoje registrou a devolução e o empréstimo dos alunos do 4º ano.

As primeiras três crianças que chegaram, entregam os livros e uma criança com espanto olha e diz:

– E não é para contar não como foi a história?

Cecília responde:

– Conte.

A criança começa: – Era a história de... [mal terminou de contar e foi convidado a escolher outro livro].

Outra criança contou uma história inteira para Cecília e para mim, que estava do lado. Não foi percebida empolgação por parte de Cecília nestes momentos de contação por parte das crianças. A sua preocupação estava nos registros dos empréstimos.

As crianças vêm à biblioteca em grupos e conversam entre si sobre os livros. Às vezes, levam alguns por indicação de colegas.

Alguns exclamam: – Tia, aqui só tem livro chato.

– Não, tem livros legais sim – responde Cecília.

– Maria, abra o livro, você não pode saber só pela capa – diz outra criança.

Outro grupo chega e entre elas uma criança logo se dirige para guardar o livro que havia tomado de empréstimo e, parecendo meio triste, diz:

– Eu pensei que era para contar a história.

Logo Cecília diz:

– Pode contar. Conte aqui para Ranieli. [Enquanto isso registra o empréstimo de outra criança]. (Diário de Campo, 8º Dia de Observação, 05/Abril/2016).

A necessidade de contar a história por parte das crianças foi percebida algumas vezes. Além disto, o semblante era de tristeza e desagrado ao perceber a desatenção de Cecília. Esse estranhamento por parte dos alunos talvez se deva ao fato de que os alunos do turno vespertino não tivessem esta prática da contação e os recém-chegados estavam acostumados à outra realidade.

Durante os dias observados não foi percebido a presença dos professores no espaço, a não ser os professores do turno matutino, que precisaram do espaço para fazer os planejamentos. Durante as observações e entrevista, Cecília não fez comentários sobre a ausência dos docentes no espaço.

3.2 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

O trabalho do bibliotecário ou professor de biblioteca, seja qual nomenclatura tenha, exige conhecimentos específicos. Para Santos e Souza (2009, p. 100), “[...] os professores bibliotecários devem conhecer alguns aspectos da estrutura da literatura para que possam oferecer às crianças referências que vão guiar suas descobertas”. Mais uma vez a discussão sobre a necessidade de conhecer o material que se oferece, para guiar assim o leitor até a leitura.

Perguntada sobre por que motivo trabalha na biblioteca, Cecília disse não saber ao certo e afirmou ainda que não foi por problemas de saúde, mas que acredita ser por causa da sua idade. Afirmou que embora goste de atuar na biblioteca, admite não estar preparada para desenvolver essa função e uma das suas principais dificuldades é o desconhecimento das obras do acervo para que possa indicar e orientar crianças e professores.

Eu acho até assim [...], não foi tanto por problemas de saúde, acho que foi porque eu já trabalhei há muito tempo e para dar a oportunidade a outras pessoas mais jovens [de atuarem na sala de aula]. Aí, eu fiquei na biblioteca mesmo sem estar preparada assim [risos]. Não me sinto preparada! Embora, sim, eu tenha muita vontade... Assim, é um lugar prazeroso, é [...], é um ambiente gostoso, ver que a criança está interessada. Eu não tô preparada assim, até porque eu não conheço todos os livros e sinto dificuldade até para indicar um livro. Como eu já iniciei o ano aqui, já tô tendo mais contato para indicar um livro, orientar. (Cecília, maio de 2016).

Perguntada qual é a função do bibliotecário, Cecília respondeu:

Assim [risos], eu não fui preparada, mas eu acho assim, que a função do bibliotecário é conhecer o acervo, ter algum conhecimento de todo o acervo e registrar os empréstimos. A gente registra a data que ele levou o livro e que devolveu, junto com as atividades, [fichas de leitura] e [isso] até ajuda a gente a conhecer o livro. (Cecília, maio de 2016).

Foi possível perceber que Cecília não costumava orientar ou indicar livros aos alunos. Quando perguntada sobre como agia nestes momentos, Cecília afirmou que não costumava indicar e a principal razão é por não conhecer todo o acervo.

Não [indico]! É isso que eu digo: que tenho dificuldade de não conhecer o acervo todo. Até certo ponto sim. Quando eu chego mais cedo, que dá tempo procurar um livro assim ideal para aqueles alunos, que eu já estou conhecendo mais o nível deles, quem lê, quem não lê, para ler aquele livro. Quando eu já os conheço, se são capazes de ler tal livro, se tá começando a ler, a gente indica aqueles menores. E os professores [eu indico] quando eles perguntam. (Cecília, maio de 2016).

A falta de segurança principalmente por não conhecer o acervo é a justificativa utilizada por Cecília e parece ser um dos principais empecilhos para o exercício desta função.

Perguntada sobre como é atuar neste espaço e quais dificuldades e facilidades, Cecília respondeu:

Eu gosto. Assim, existem algumas dificuldades, tipo, têm poucos livros, as crianças podiam ter mais opções. É prazeroso ver o aluno levar o livro, chegar e contar uma história, e assim, não é todos que atingem o objetivo, mas já teve muito avanço. Todos os dias são determinados os horários por série e não todos, mas, quase todos vêm pegar livros. O ambiente é muito procurado na escola. Embora tenha crianças que ainda resistem, mas a maioria procura a biblioteca para pegar livros. Tem também os professores que sempre procuram. Eu acho que a gente precisava de mais livros. As facilidades é que diante das

carências nossa escola tem um ambiente adequado, dentro das possibilidades. (Cecília, maio de 2016).

Outro fato interessante é que Cecília, em diversos momentos, citou a colega de trabalho que atua na biblioteca no turno matutino. E um desses momentos está descrito a seguir:

Na volta do intervalo, organiza alguns livros em uma estante, mas já exclama:

– Vou colocar aqui. Amanhã Ruth arruma melhor [risos]. Eu digo isso porque eu sempre achei que esta biblioteca é dela [risos]. Ela sempre cuida daqui, gosta muito de arrumar direitinho e tal.

Em outros momentos sempre se refere à colega que trabalha pela manhã:

– Amanhã Ruth arruma!

– Amanhã Ruth vê como fica melhor [risos].

Ou seja, confia e acaba deixando a tarefa de organizar para a colega. (Diário de Campo, 9º Dia de Observação, 18/abril/2016).

Para Bueno (2007, p. 65) “[...] quando se aprende uma habilidade específica, não se adquire apenas um saber-fazer técnico, mas entra-se também em uma comunidade moral, adquire-se lugar social, valores, formas de conduta e hábitos comportamentais que farão parte da identidade do sujeito”. A organização é uma característica de Ruth reconhecida na escola. A convivência permite que colegas de trabalho reconheçam as habilidades uns dos outros, atribuindo assim às práticas características que são resultados de condutas e hábitos.

3.3 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS

A mãe de Cecília lhe possibilitou o acesso a livros e foi para ela uma contadora de histórias, mas, isto não foi fator suficiente para a construção da habilidade leitora. O *habitus* é produto das condições de existência em consonância com a trajetória social do indivíduo. Para Bueno (2007, p. 62) “[...] é preciso que haja todo um trabalho de apropriação do sujeito para que, de fato as ações socializadoras e de aprendizagem possam surtir efeito. A construção de uma habilidade não é um simples trabalho de moldagem ou incorporação passiva.” Além disto, a autora afirma que:

[...] Não se pode esquecer que, mesmo considerando todas as mobilizações e influências familiares, o eixo condutor será sempre o próprio sujeito, pois sem sua adesão e participação não há possibilidade de ela [a habilidade] vir a se constituir. Exercer um papel ativo, que envolva ações e mobilizações próprias é, de fato, condição para a aquisição de uma habilidade. (BUENO, 2007, p. 61).

Embora o contato com a leitura e livros tenha acontecido desde cedo, parece não ter havido uma adesão de Cecília à leitura como uma prática exercida com constância. Isto pode

ser revelado pelo fato dela não se considerar uma leitora. Cecília admitiu que não lê com frequência e nem tem mais o hábito da leitura. Além disto, embora reconheça sua importância e o fato de trabalhar em um ambiente cujo maior objetivo é promover a leitura e o acesso aos livros, isto parece não ser suficiente para torná-la leitora. Os dados obtidos não são suficientes para compreender quais situações de sua trajetória culminaram para isto.

Para tentar compreender o que constitui o ser leitor, é interessante considerar, que além de o eixo condutor ser o próprio sujeito, parafraseando Bueno (2007), é necessário analisar que ser leitor depende de diversos fatores. Para Britto (2009), é necessário além de condições objetivas, também as condições subjetivas.

[...] ser leitor depende de diversos fatores que estão além do interesse, hábito ou gosto pela leitura; é necessário que a pessoa disponha de condições objetivas (tempo e recursos materiais) e, principalmente, subjetivas (formação, disposição pessoal), as quais estão desigualmente distribuídas na sociedade de classes. Os processos de compreender e buscar o conhecimento, bem como a capacidade de escrita e de leitura, estão relacionados mais com formas de acesso à cultura do que com métodos de ensino e aos programas de formação (BRITTO, 2009, p. 194).

As condições *objetivas* que Cecília dispõe hoje e desde a infância são a posse de alguns bens materiais: livros e revistas. Hoje, o tempo diário de Cecília é destinado ao trabalho, às obrigações do lar e ao cuidado com a mãe idosa. Até pouco tempo, Cecília trabalhava três expedientes e em apenas um deles no ambiente escolar. Além disto, já era casada e tinha duas crianças pequenas. Ou seja, dois turnos do seu dia eram destinados a um trabalho que não lhe exigia ou “obrigava” a leitura. Além disto, tinha tarefas de mãe, dona de casa e filha. Portanto, a leitura não parecia estar ou devia estar em primeiro plano na sua vida.

No que se refere às condições *subjetivas*, foi durante sua formação profissional, que Cecília afirmou ser a época em que mais leu. Entretanto, hoje, ela não tem a mesma disposição para tal ação. Cecília admite e reconhece “*Eu acho que já tive o hábito de ler. Atualmente, eu não tô com hábito de leitura não*”. A leitura esteve presente em dois principais momentos de sua vida: na infância – por meio da mãe – e na época em que fez faculdade – quando tinha o dever de ler. Desta forma, a leitura sempre lhe foi proporcionada pelo outro: no ambiente familiar, de forma afetiva e, de forma obrigatória, no ensino superior.

O fato de Cecília não conhecer o acervo de cerca de 1.700 livros pelo tempo que trabalha na biblioteca, embora reconheça “*que a função do bibliotecário é conhecer o acervo, ter algum conhecimento de todo o acervo e registrar os empréstimos*”, e não ter o hábito de ler neste ambiente e fora dele, tudo isso dificulta o seu trabalho e impossibilita uma prática de sugestão e orientação, portanto, seu trabalho fica restrito ao registro de empréstimo dos livros.

Os anos em que trabalhou na biblioteca não foram consecutivos e, em todos eles, ela desempenhava outras funções, como de orientadora educacional na escola. Desta forma, não conseguia se dedicar, exclusivamente, às atividades da biblioteca, razão pela qual talvez ainda não conheça o acervo. O fato de não trabalhar anos sucessivos na biblioteca pode ser um problema para o profissional que atua neste espaço, pois a cada mudança, as estratégias e planejamentos precisam ser interrompidos. Para Silva (2009, p. 133), este profissional não pode ser anualmente substituído por outro porque a mudança desestrutura as estratégias realizadas e “[...] assim, até o novo profissional aprender o trabalho e conhecer o acervo, o ano letivo praticamente terminou”.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de Cecília achar que a biblioteca “é de Ruth”. Tal ideia pode influenciar a sua readaptação e trabalho neste espaço. Pode fazer com que ela não se sinta pertencente àquele lugar e que esteja ali, apenas, para cumprir obrigações profissionais, obrigações estas que, à primeira vista, são mais burocráticas do que pedagógicas, como é o caso do registro dos empréstimos e devoluções de livros.

4 ANA MARIA – QUE EMPRESTA OS LIVROS E PRONTO!



Imagem 04 – Biblioteca da Escola II, 2016
Fonte: Pesquisa direta

Assim, não é uma biblioteca bem adequada né, que deveria ser assim [...] com computador para pesquisa. Ter mais livros.
 (Ana Maria)

A biblioteca escolar, em que Ana Maria trabalha, possui um acervo com aproximadamente 1.550 livros. Na escola, estão matriculados cerca de 290 alunos nos turnos matutino e vespertino, divididos em 14 turmas de ensino fundamental maior.

A biblioteca está localizada entre uma sala de aula e a sala de vídeo. No espaço, é possível ouvir barulho e até mesmo a explicação do professor e a fala dos alunos quando se expressam um pouco mais alto. A biblioteca é pouco atrativa, portanto, não é um espaço convidativo. As estantes não possuem identificação, eu só soube onde os livros estavam organizados porque Ana Maria me mostrou. O material existente, em sua maioria, são livros didáticos, que não são mais utilizados em sala e que hoje servem para recorte e pesquisa. Os demais livros são de literatura, distribuídos em três estantes, juntamente com outros livros que não são do mesmo gênero, tais como: livros do PNBE Professor. Existem ainda livros didáticos para consulta do professor, alguns dicionários, mapas e uma estante organizada por uma professora com livros da disciplina que ela ministra.

No espaço, ainda existem três mesas para estudo, algumas cadeiras e uma mesa para Ana Maria registrar os empréstimos. O lugar é espaçoso e dá para circular à vontade por ele e comportaria mais livros. Há alguns anos, os livros da Biblioteca Pública Municipal faziam

parte do acervo desta biblioteca, mas, por ordem municipal os livros tiveram que ser retirados e colocados em um lugar próprio. Na época da pesquisa, a “Biblioteca Municipal”, ou melhor, seu acervo, encontrava-se em um lugar fechado sem notícias sobre sua possível reativação.

Ana Maria afirmou que, dificilmente, chegam livros novos à escola. O material que mais recebem são dicionários que são colocados aos poucos nas estantes de acordo com a necessidade.

Ana Maria, a bibliotecária que atua neste espaço no turno matutino, é concursada desde o ano de 2000 para a função de auxiliar de biblioteca. Desde então, exerceu outras funções em outras repartições públicas, que não a Escola e, trabalha na biblioteca escolar, há quatro anos consecutivos. Ana Maria não possui uma formação específica para atuar neste espaço. Sua escolaridade é de ensino médio completo, formação escolar pré-requisito para concorrer ao concurso no qual foi aprovada para exercer a função de auxiliar de biblioteca.

Ana Maria tem idade entre 31 a 40 anos, é casada e mãe de um filho. A família mora em residência própria em uma comunidade rural da cidade em que trabalha. A renda familiar aproximada é de dois a três salários mínimos e sua renda individual é de até um salário. É filha de pais agricultores e analfabetos e neta de avós com a mesma profissão e igualmente analfabetos. Ana Maria tem três irmãs e nenhuma delas tem formação superior.

Ana Maria afirmou não ter o costume de viajar, mas, já passou por cidades tais como: São Paulo/SP, Natal/RN, Rio de Janeiro/RJ e Campinas/SP, cidade em que morou quase dez anos. Durante essas viagens realizou visitas: a igrejas, museus e a shoppings. Sobre programas culturais, disse nunca ter frequentado apresentações teatrais, cinema e espetáculo de dança. Frequenta o circo uma vez ao ano, acompanhada da família; vai a show musical em média duas vezes ao ano com o esposo e assiste a filmes animados e desenhos infantis no dvd em casa, em média, três vezes por semana com o filho. Nos finais de semana, suas atividades resumem-se a ficar em casa.

No que se refere à leitura, a primeira lembrança de Ana Maria foi aos sete anos na escola. Perguntada como eram esses momentos, relata:

Sim, ah eu gostava! Eu ficava bem quietinha para escutar. [Sobre as histórias que ouvia] Chapeuzinho Vermelho é uma história que a gente não esquece, né? do Saci-Pererê, essas histórias mais infantis. Eu só lembro isso, faz tanto tempo [risos]. [Sobre a biblioteca] Tinha a municipal, eu ia fazer trabalho lá, pesquisar, pegava livro emprestado, muito. Lembro-me de Lucinha [nome fictício da bibliotecária da época] que dizia: não se esqueça de vir entregar [risos]. (Ana Maria, agosto de 2016).

Em relação à leitura no âmbito familiar, afirmou não se lembrar desses momentos. Ela foi sucinta ao destacar que a sua família lhe incentivava “*a ler e a ir todo dia para a escola*”, e os livros que possuía eram “*só alguns livrinhos que os professores davam, para a gente: livrinhos infantis*”, mas, a sua principal referência em relação a livros e a leitura é “*mais a escola*”.

Ainda no âmbito familiar, relatou que não tinha rotina de estudos em casa e que seus pais não controlavam seus horários nem o cumprimento de tarefas escolares. Portanto, as atividades e deveres eram realizados por sua própria iniciativa.

Eu sempre fui muito de assim, se tivesse prova, trabalho [...], eu era muito empolgada para isso. Toda vida eu fiz só as tarefas. No meu quarto. Na hora que eu queria, não tinha horário não. Às vezes de noite, na hora que ia dormir eu lia [textos escolares], eu gostava muito de ler de noite. (Ana Maria, agosto de 2016).

Sobre o costume de ler, Ana Maria afirma que não possui essa prática, mas, quando o faz é nos finais de semana. Embora considere a leitura relevante, alega que o tempo para realizar esta atividade é pouco. Religião e culinária são em ordem de preferência seus assuntos de leitura preferidos.

[Sobre ler] Muito não. Hoje, atualmente, muito não. O tempo é bem corrido [risos]. Leio no alpendre, ou na sala deitada na rede, nos finais de semana, à tarde. [Lê] Sozinha. [Sobre o que significa a leitura] Ah, acho importante, porque é através da leitura que a pessoa tem uma aprendizagem melhor. (Ana Maria, agosto de 2016).

Ela reconhece o valor da leitura e a necessidade de ler, porém, as suas atribuições como mãe e esposa ocupam boa parte do seu tempo. A leitura, por ocupar um pequeno espaço de tempo em sua vida e acontecer em dias esporádicos, por conseguinte, não pode ser considerada como uma prática.

Ana Maria afirmou que não costuma comprar livros, mas, quando os compra é por meio de catálogo de revista. Quando solicitada para que enumere em ordem de frequência o que mais lê, destaca livros e especifica livros religiosos, que no momento da pesquisa estava lendo um.

Na sua casa tem acesso à internet por meio de um aparelho móvel, televisão com canais pagos, livros e rádio. Os programas televisivos que mais assiste são em ordem de frequência: telejornais, programas religiosos, novela e desenhos animados.

Durante toda a entrevista suas respostas são curtas. Ela aparentava timidez, embora em outros momentos [na observação] mostrava-se desinibida.

4.1 PRÁTICAS NA BIBLIOTECA E EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

Segundo Ana Maria, os professores que mais frequentam o espaço com seus alunos são os de Língua Portuguesa na busca de livros de literatura e as professoras de língua estrangeira para fazer uso dos dicionários. Durante as observações, os alunos frequentaram o espaço na busca de dicionários para fazer atividades em grupo e tomar livros emprestados. Esta última atividade é realizada com menos frequência.

Hoje, alguns alunos foram à biblioteca pegar livros emprestados. Eram alunos do 6º ano e foram durante a aula de Língua Portuguesa em pequenos grupos. Ao chegarem, dirigiram-se às estantes e, após a escolha, foram até à mesa em que Ana estava para registrar o empréstimo. Segundo Ana Maria, geralmente, os alunos que visitam o espaço são por orientação do professor.

– O professor não vem ajudar vocês a escolher não? - Pergunta Ana Maria.

– Não! - Responde um aluno.

– O movimento é parado mesmo, você está vendo. Por isso que, às vezes, eu fico na Secretaria. Quando as professoras ou alguém quer livro, eu venho e abro [a biblioteca]. - Diz Ana Maria para mim tentando justificar suas ações. (Diário de Campo, 2º Dia de Observação, 09/agosto/2016).

Segundo Ana Maria, os alunos normalmente frequentam o espaço para fazer atividades e pesquisas acompanhadas do professor. São poucos os alunos que pegam livros emprestados e quando o fazem são registrados em folhas de controle de entrada e saída de livros. Essas folhas são grampeadas e guardadas em uma pasta, nelas só existem os registros deste ano. As folhas são destinadas a qualquer saída de livro, por qualquer aluno sem pastas específicas para cada turma. Nessas folhas constam o título da obra, o nome do autor, a turma e assinatura do aluno, data de saída, devolução e assinatura da auxiliar de biblioteca confirmando o recebimento.

Ela afirmou que não tem muito conhecimento dos livros da biblioteca, embora já atue há quatro anos consecutivos neste espaço. Os alunos, por iniciativa própria, procuram algo quando querem tomar emprestado. Perguntada se costuma indicar ou sugerir livros, ela responde:

Não! Eles se sentem à vontade para pegar os livros que eles querem ler e os para recorte. Eles já vêm decididos, já sabem quais os livros que vão pegar. Geralmente, o professor vem, coloca os livros na mesa e eles escolhem aqueles ali e não ficam mexendo em outros livros. (Ana Maria, agosto de 2016).

Durante os dias observados, a frequência tanto de alunos quanto de professores foi baixa. Ana Maria comentou que o ritmo de visitas é fraco e, dificilmente, os alunos vão ao espaço. Foi possível perceber isto pelo número de registro de empréstimos. Desde o começo

do ano letivo de 2016 o número de livros emprestados está registrado em quatro folhas A4, na horizontal.

Alguns alunos vão buscar livros para fazer uma pesquisa da disciplina de História. Os livros que pegam são livros que chegaram até a escola para que os professores fizessem a escolha do livro didático para os próximos anos e, hoje, se encontram na biblioteca para consulta. Enquanto eles escolhem, Ana Maria não é solicitada, nem os ajudam. Apenas é avisada por um aluno:

– Vamos pegar uns livros para fazer um trabalho viu?!

– Certo. Cuidado para não deixar tudo bagunçado. Podem levar, depois trazem de volta. - Responde Ana Maria.

Um aluno de um grupo que não conseguiu terminar o trabalho hoje pediu para levar o livro para casa. Ana Maria ficou em dúvida sobre emprestar ou não, já que era livro do professor, mas, resolveu deixar justificando:

– Eu nem sei [...], ah, tudo bem, são para eles mesmos. [Querendo dizer que os livros que estão na biblioteca são mesmo para os alunos - Diz isto olhando para mim e esperando que eu concorde com sua decisão]. (Diário de Campo, 3º Dia de Observação, 10/agosto/2016).

Ela tem a concepção clara de que os livros da biblioteca são para os alunos e para ela não há problema algum que eles peguem e devolvam quando achar necessário. Os empréstimos registrados por Ana Maria são apenas os da estante com os livros que são considerados “de literatura” – porque é assim que ela e a auxiliar de biblioteca do turno vespertino classificam os livros que estão organizados em uma dada parte das estantes, embora existam outros livros que não de literatura neste mesmo lugar. O empréstimo de dicionários e livros didáticos não é registrado, por isso foi possível observar que alguns alunos entravam para pegar dicionários ou livros didáticos e depois de escolherem retiravam-se sem ao menos comunicá-la, depois voltavam para devolver sem falar nada, da mesma forma.

Comentei como o movimento de estudantes no espaço era pequeno. Ana Maria contou que, às vezes, vai à secretaria passar um tempo para não passar a manhã inteira só. Ela diz:

– De vez em quando eu olho o movimento, se tem aluno e tal, aí eu venho para não deixar eles aqui só né, mas, quando eu não vejo, eles vão lá me chamar. (Diário de Campo, 4º Dia de Observação, 11/agosto/2016).

Para ela, a tarefa do profissional, que ali trabalha, é organizar o espaço e orientar os visitantes com o fim de manter a ordem:

[A função é] organizar [...] para os alunos virem, fazerem seus trabalhos, pegarem os livros, não bagunçar a biblioteca, porque a biblioteca tem que estar direto organizada, né? Eu registro o livro, oriento eles a não ficarem mexendo nos livros, porque eles ficam mexendo, virando. Então, tenho que orientar para manter tudo organizado. (Ana Maria, agosto de 2016).

Em conversa, Ana Maria resumiu o trabalho na biblioteca na frase: “*não há muito que fazer*”. O fato de não ver muito que fazer no espaço é talvez a razão pela qual ela passe boa parte do seu expediente na Secretaria. A falta de uma formação específica faz com que realize seu trabalho como ela acredita que deva ser, baseando-se no dia a dia da escola e no que esse trabalho exige de si. Como, aparentemente, não lhe exige muito, suas práticas se resumem a registrar os empréstimos e devoluções.

4.2 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS

A prática exercida por Ana Maria, diariamente, pode ser assim resumida: registrar e aguardar a ida dos alunos ao espaço da biblioteca. A auxiliar trabalha na biblioteca dessa escola por causa da aprovação no concurso, embora já tenha exercido outras funções em outras repartições não escolares desde a sua aprovação. Perguntada se se sente preparada para trabalhar neste espaço, ela foi objetiva: “*Sim, é tranquilo*”, aparentando que o exercício de tal função não exige esforço ou preparação.

A ação de tentar manter a ordem e o controle da devolução também foi vivida por ela enquanto era estudante e lembra muito bem da fala da bibliotecária municipal da cidade: “*lembro-me de Lucinha que dizia: não se esqueça de vir entregar*”. Como não teve formação específica para atuar nesta função, as experiências e situações vivenciadas por Ana Maria podem lhe servir de orientação ou de referência na hora do exercício. Tal concepção de bibliotecária pode estar lhe servindo de modelo atualmente.

Ela assegurou que gosta de trabalhar na biblioteca e, principalmente, quando os alunos estão presentes. Perguntada sobre as dificuldades de trabalhar neste espaço, ela mencionou alguns detalhes importantes que devem ser considerados numa biblioteca:

Assim, não é uma biblioteca bem adequada né? Deveria ser assim [...] forrada, com computador para pesquisa, para os alunos, para chamar mais a atenção dos alunos né?! Ter mais livros. [Aqui] tem muitos livros antigos e para recorte. (Ana Maria, agosto de 2016).

As observações e sugestões dadas caracterizam uma biblioteca um pouco distante da realidade da escola em que trabalha, mas, vale destacar que tais detalhes são relevantes, fazendo parte de um conjunto de fatores que contribuem para tornar o espaço mais funcional, útil, agradável e convidativo.

Sobre as facilidades de trabalhar nesta biblioteca, Ana Maria destaca que “*É um espaço bem tranquilo, bem [...] amplo*”. O barulho externo chega a incomodar às vezes, mas, ela não citou isto como um problema ou não deve ter se lembrado desse detalhe. No que se

refere ao espaço ser amplo, devemos levar em consideração que a biblioteca possui apenas três mesas para estudo, o que não comportaria uma turma inteira de uma vez, por exemplo, pois caso tivesse mais duas mesas, o espaço já se tornaria pequeno.

O exercício de análise é repleto de questionamentos e com Ana Maria não é diferente. Uma das indagações é: o que esperar, em termos de mediação de leitura, de uma pessoa que não teve contato com essa prática cultural na infância, apenas na escola aos sete anos e cujo exercício profissional tem se dado em outros espaços não escolares? Segundo Paiva (2009), é comum que as pessoas tenham acesso a livros apenas na escola e depois perca esse contato ao sair deste espaço. Para a autora:

[...] faz-se necessário considerar a informação de que grande parte da população brasileira tem no ambiente escolar a única possibilidade de acesso a livros (didáticos e literários) e, também, de que a maioria perde frequentemente o contato com obras quando encerra o processo de escolarização. (PAIVA, 2009, p. 151).

A leitura não está presente na vida de Ana Maria, nem como capital cultural incorporado, nem como algo que precise para realizar seu trabalho, ou seja, nem como informação e conhecimento, nem como obrigação.

O fato de o professor selecionar os exemplares e indicar algumas leituras aos seus alunos retira de Ana Maria a tarefa da orientação/mediação, deixando ao seu encargo, apenas, o registro e a vigilância do espaço, ações que competem, segundo a sua compreensão, ao profissional que atua neste lugar.

A partir das informações coletadas, foi possível perceber que as condições objetivas e subjetivas, bem como os seus capitais, não favorecem para que Ana Maria seja uma leitora e para que ela possa desenvolver uma prática na biblioteca diferente da que realiza. Além disso, há de se mencionar o fato de que ela não possui uma formação específica, nem é professora. Tudo isto implica na dificuldade de reconhecer a biblioteca escolar como espaço educativo e de potencial formação de leitores. Os saberes que regem sua prática foram adquiridos no dia a dia desde que assumiu essa função e se reduzem a noções burocráticas que, a princípio, parecem ser suficientes para o funcionamento desse espaço.

5 LYGIA – QUE NÃO SE IDENTIFICA COM O POSTO



Imagem 05 – Biblioteca da Escola II, 2016
Fonte: Pesquisa direta

Dependendo da série e o nível dele [aluno], eu vou indicar o que ele está precisando, a gente vai orientando.
 (Lygia)

A biblioteca escolar, neste capítulo, corresponde ao mesmo espaço caracterizado no capítulo anterior, por isto, não será descrito novamente. A bibliotecária que atua neste espaço no turno vespertino é Lygia.

Lygia tem idade entre 31 a 40 anos, é casada, mãe de um filho, mora com ele e o esposo em residência própria na cidade em que nasceu e hoje trabalha. Neta e filha de agricultores, seu pai é analfabeto e sua mãe possui o ensino fundamental completo. Lygia tem três irmãs e nenhuma tem formação superior. Atualmente, a renda individual da família é de um a dois salários mínimos e sua renda individual aproximada é de até um salário mínimo.

Ela é pedagoga, trabalha no espaço da biblioteca há 10 anos não consecutivos e não possui formação específica. Há quatro anos consecutivos, ela está atuando nesta biblioteca escolar. Ela também passou no concurso para auxiliar de biblioteca, assim como a bibliotecária anteriormente citada.

Segundo Lygia, o primeiro ano em que trabalhou como concursada foi na Biblioteca Municipal, localizada na parte inferior do prédio da prefeitura da cidade, mas, “*era um trabalho monótono e era pouco frequentada*”. Com mudanças na gestão municipal, ela

conseguiu trabalhar em outra função e em outra repartição pública. Desta vez, em um programa de assistência social com adolescentes. Novamente, mudanças na gestão municipal a fizeram voltar para a biblioteca, desta vez, uma escolar. Ela afirmou gostar de trabalhar neste espaço, embora seja um pouco “parado”. “*Eu gosto de me movimentar, fazer as coisas, sabe?!*”.

Uma das perguntas do questionário se referia a lugares em que já visitou/ conheceu em viagens. Lygia afirmou não ter o costume de viajar e não citou nenhuma cidade quando perguntada quais já visitou. Embora em outros momentos [conversas informais], tenha citado idas a cidades vizinhas, não as mencionou por ocasião do questionário. Apenas assinalou que, durante viagens esporádicas, incluía idas aos shoppings e às igrejas.

Sobre idas a programas culturais, afirmou que nunca foi a apresentações teatrais e cinema. Os programas que mais tem acesso são: circo uma vez ao ano, o último em 2015; espetáculo de dança com frequência de três vezes ou mais por ano, e o último data de 2016; show musical também assiste três vezes ou mais por ano, o último data de agosto de 2016. A tais atividades, ela vai em companhia da família. Lygia também assiste dvd em casa, três vezes ou mais por mês para ver filmes ou ouvir música, atividade que realiza sozinha. Podemos perceber que os programas culturais, aos quais tem mais acesso, estão relacionados à música.

No que diz respeito à leitura, a primeira lembrança de Lygia se refere à escola, quando tinha sete anos e ingressou nesse espaço. Perguntada sobre as práticas de leitura na família ela diz apenas: “*Vagamente eu lembro. A pessoa que mais incentivava era minha mãe*”. Sobre as práticas de leitura na escola, é um pouco mais detalhada: “*Só a partir do ginásio, do primário não lembro. Na época do ginásio, a escola tinha biblioteca, e a gente costumava pegar livros emprestados e tinha a biblioteca da cidade também*”.

Lygia afirma que não tinha uma rotina de estudo em casa controlada por seus pais. Ela realizava as atividades escolares sozinha ou com colegas e não havia regras nem horários estabelecidos.

Para Lygia, auxiliar de biblioteca e hoje licenciada em Pedagogia, a leitura é “*a base de tudo*”. Embora não costume comprar livros, afirma que lê todos os dias, em especial, “*a liturgia, eu leio todos os dias. Leio aqui na escola, à tarde, ou à noite em casa*”. A liturgia é adquirida por assinatura com membros da igreja católica que frequenta. Os outros livros que possui são comprados em livrarias virtuais, onde costuma comprar livros religiosos para si e de literatura para seu filho.

Os assuntos destacados como preferidos por Lygia são: religião, culinária e moda. Em ordem de frequência costuma ler livros de religião e de autoajuda.

Ela costuma assistir novela, telejornal, documentários, filmes, programas educativos e a desenho animado. Em casa, tem acesso à internet por meio do celular e do computador, televisão com canais abertos, livros, revistas e ao rádio, que afirmou ouvir todos os dias, em especial, quando está fazendo as atividades domésticas.

5.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA

As práticas desenvolvidas por Lygia não diferem muito das práticas da auxiliar de biblioteca do capítulo anterior. Trata-se da mesma escola e as visitas de alunos e de professores são idênticas. As duas costumam passar algum tempo do expediente na Secretaria e a forma de registrar os livros também é igual. Os professores que mais frequentam o espaço, no turno vespertino, também são os de Língua Portuguesa e estrangeira, mas, em nenhum dos dias observados foi notada a presença deles, apenas dos alunos.

Durante a tarde, alguns alunos foram à biblioteca buscar dicionários, fazer atividades rapidamente ou pegar livros didáticos por terem esquecido em casa. Um aluno pegou um livro emprestado para fazer um trabalho de uma disciplina. Lygia comentou que os alunos costumam ir à biblioteca com a companhia do professor, principalmente o de Língua Portuguesa. Normalmente, o professor chega a selecionar alguns livros, espalha-os pelas mesas e os alunos escolhem. Após isto, o empréstimo é registrado. (Diário de Campo, 1º Dia de Observação, 08/agosto/2016).

Durante os dias observados, foi possível presenciar a biblioteca aberta sem a auxiliar, alunos a estudar no espaço sozinho, professor entrar e sair com livro sem registrar e até a auxiliar passar parte do horário fora da biblioteca, razão pela qual as observações nesta Escola foram poucas e restritas.

Ao chegar à biblioteca, a encontro aberta e com um aluno sentado a estudar. O espaço está aparentemente limpo como no dia anterior. Lygia demorou um pouco para chegar por causa de um imprevisto. Assim que chega, me convida a ficar um pouco na Secretaria. Lá, passamos a maior parte da tarde conversando com as pessoas que trabalham naquele lugar. Só voltamos à biblioteca quando duas estudantes a chamaram para abrir o espaço, que havia sido fechado durante o intervalo, para que elas pudessem fazer uma pesquisa no dicionário. Lá, ficamos até o final do horário. Neste tempo em que as alunas pesquisavam, chegaram outros três alunos que acabavam de sair da sala de vídeo. Rindo, eles seguiram para as estantes, disseram que iam ler, aparentavam estar tirando sarro, brincando. Lygia perguntou pelo o que procuravam, eles respondem que queriam ler, mas não escolheram nenhum livro. Então eles foram convidados a se retirarem, pois estavam de brincadeira e atrapalhando as alunas que respondiam à atividade. (Diário de Campo, 2º Dia de Observação, 09/agosto/2016).

Além de registrar os empréstimos, Lygia orienta os visitantes: fazer silêncio; se comportar na biblioteca e procurar livros nas estantes, por exemplo.

Havia momentos de barulho e Lygia teve que pedir silêncio algumas vezes. Ela perguntou também por que alguns estavam sem copiar ou pesquisar nada, apenas conversando. Um aluno alegou que estava esperando o colega passar o livro. Após a saída dos alunos, Lygia sempre organiza as mesas e cadeiras que ficam fora do lugar. Depois outro grupo de alunos chega. Alguns procuram livros e outros, revistas. Lygia pergunta se estavam em aula, e eles disseram que tinham acabado de fazer uma avaliação e iam ler alguma coisa.

– Pois pronto, então escolha um livro e leia. - Diz a auxiliar.

Uma das alunas do grupo pegou um livro emprestado para levar para casa. Ela registra o empréstimo. Após o toque, os alunos voltaram para a sala de aula. (Diário de Campo, 3º Dia de Observação, 10/agosto/2016).

Em um dos dias observados, Lygia ajudou alunas a encontrarem romances e evitou que elas saíssem da biblioteca com os livros errados e sem orientação:

Duas estudantes chegam e dirigem-se às estantes dos livros de empréstimo. De início, olharam devagar, dava para ouvir a conversa:

– São oito que a gente tem que levar - Diz uma estudante.

– Eu acho que isso aqui é romance, bora levar esses aqui mesmo (risos) – Responde a outra e já colhendo os livros para saírem.

Vendo a cena, Lygia pergunta o que estavam procurando, elas disseram que eram oito livros de romance que a professora de Língua Portuguesa pediu. Lygia então se aproxima, pega um livro e já diz:

– Isso aqui não é romance não, (pegando mais um) e esse também não. (Levanta-se) Vamos procurar outros livros aqui, me deixe ver. (Encontra um e logo me chama) Né, Ranieli?! Isso que é romance tem até atrás dizendo. Vocês iam voltar porque estavam errados. (Diário de Campo, 4º Dia de Observação, 11/agosto/2016).

O fato de observar os alunos e se preocupar em ajudá-los levou Lygia a intervir no momento certo, não só evitando que levassem os livros errados, como orientando em como identificar características do texto no verso do próprio livro, antes mesmo de ler.

Em outro momento, comentou sobre os livros que existem na biblioteca. Ela considera que há poucos e que, dificilmente, eles chegam à escola. Os últimos que chegaram eram do ensino fundamental menor e ela sugeriu à diretora da época que fizessem uma doação para a outra escola municipal da cidade que oferta ensino para alunos nessa fase. A auxiliar demonstra, assim, preocupação e desenvolve estratégias de uso do acervo de forma adequada.

A estrutura do espaço também foi destacada por Lygia, bem como a auxiliar do outro turno, ambas alegaram a necessidade de um espaço com teto forrado para evitar a poeira visto que os livros acumulam muito pó e é difícil mantê-los limpos todos os dias. Ela afirmou que sempre limpa as estantes e as mesas, mas, que era difícil manter os livros limpos.

5.2 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

Quando perguntada sobre o que a levou a trabalhar nesta biblioteca, Lygia não hesita em dizer: *“O concurso! Mas, se eu pudesse escolher, eu queria trabalhar em outro lugar, que tivesse mais o que fazer”*. Esta frase de que o trabalho não exige muito esforço e que gostaria de trabalhar em algo que exigisse mais dela foi dita não apenas após essa pergunta, mas, em outros momentos.

A mesma situação repete-se quando é perguntada se se sente preparada para trabalhar na biblioteca, *“Sim, até porque não tem muito que fazer, né?!”*. Semelhante à resposta de Ana Maria, sua colega de trabalho, remetendo à ideia de que é um trabalho de fácil execução e que não exige habilidade específica. Mas, nem só de livros vive uma biblioteca, segundo Arena (2009) “[...] não bastam espaços e livros guardados para caracterizar a existência de uma biblioteca escolar; não são os objetos físicos que dão a ela a existência e a vida [...]” (ARENA, 2009, p. 162). O que dá existência e vida à biblioteca são as práticas desenvolvidas dentro dela.

Para Lygia, a função do auxiliar de biblioteca ou funcionário que atua neste espaço é: *“No meu entender e no roteiro que eu andei lendo sobre o que é o bibliotecário, é [...] assim, manter o ambiente limpo, agradável, livros organizados e um ambiente saudável”*. Aparentando incerteza e receio em responder, embora afirme, que tenha lido um roteiro sobre a função e está falando em algo com fundamento.

Ela afirmou que para trabalhar na biblioteca escolar *“não tem dificuldade”* e que *“é regular trabalhar aqui [na biblioteca]”*. Regular no sentido de que não é bom, nem ruim.

Sobre indicar livros, ela disse que costuma indicar, em especial aos alunos, embora não tenha mencionado se esta tarefa estava no roteiro citado por ela:

Sim, quando precisa, quando vem um aluno sem saber o que quer, a gente vai orientando, né? Só indico aos alunos, se eu perceber que eles estão procurando algo e eu conheço e tal, dependendo da série e o nível eu vou indicar o que estão precisando, a gente vai orientando. (Lygia, agosto de 2016).

Durante as observações, Lygia não hesitou em ajudar aos alunos que foram ao espaço mesmo que não fosse solicitada. A auxiliar mostrou-se disposta a ajudar e a cuidar do espaço.

5.3 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS

O exercício da função de auxiliar de biblioteca aparenta não exigir maiores esforços de Lygia. Embora ela tenha afirmado se sentir preparada para exercer a função, ela mencionou o

fato de que gostaria de trabalhar em algo que exigisse mais dela, demonstrando a certeza de que é capaz de desenvolver um trabalho diferente. A biblioteca parece não ser esse lugar, ou pelo menos, ela não enxerga que seja. A escola em que trabalha é a mesma em que Ana Maria, portanto, a realidade e público que visita o espaço são muito parecidos.

Uma das possíveis razões pela qual as práticas de Lygia são restritas a organizar o espaço, registrar o empréstimo e orientar em alguns momentos os alunos, talvez se deva ao fato de desconhecer por que caminho seguir e inovar a sua prática, utilizando-se de suas disposições e conhecimentos para proporcionar novas ações nesse ambiente.

Vale destacar que a Lygia é concursada com nível de escolaridade médio, porém, fez Pedagogia e pretende fazer especialização, mesmo sabendo que isto não lhe garante melhorias salariais. O fato destas formações não serem específicas na área de biblioteca leva a perceber que ela pode está procurando alternativas para mudar de profissão embora não deixe isso explícito.

A prática executada pela auxiliar de biblioteca é baseada no seu conhecimento sobre o que deve ser a função de quem atua nesse espaço. Infelizmente, parece que os conhecimentos adquiridos durante a graduação em Pedagogia não a despertaram para o potencial educativo de uma biblioteca. Assim, a biblioteca não é enxergada por Lygia, como um espaço em que possa se realizar uma diversidade de atividades e de forma bem dinâmica. As bibliotecárias Lygia e Ana Maria desempenham suas funções de acordo com o que pensam que deve ser realizado nesse espaço da escola.

6 ÂNGELA – QUE JÁ ENJOOU DOS CONTOS



Imagem 06 – Biblioteca da Escola III, 2016
Fonte: Pesquisa direta

Trabalhar na biblioteca requer conhecimento sobre muita coisa, não é só assinar assim isso aqui de entrada e saída de livro não.
 (Ângela)

A biblioteca em que Ângela trabalha é localizada longe das salas de aula. Mesmo assim, ainda é possível ouvir os alunos em alguns momentos. O espaço é amplo. Nele, existem aproximadamente 900 livros em seis estantes fixas, numa estante móvel e em uma mala de viagem. Existe ainda uma mesa para estudos e outra em que Ângela faz seus registros. Nesta escola, estão matriculados cerca de 280 alunos divididos entre os turnos matutino e vespertino, em dez turmas, do ensino fundamental maior ao ensino médio.

O espaço da biblioteca é limpo todos os dias. No início das observações, as estantes não possuíam identificação e os livros de literatura estavam misturados com os livros do PNBE Professor, por exemplo. Em conversa com Ângela, me dispus a organizar os livros e a identificar as estantes. Ela concordou de que melhoraria o acesso dos alunos e professores e até mesmo o seu próprio. Ela contou, ainda, que os livros foram arrumados da forma como está pelas auxiliares de serviços gerais da escola no começo do ano, o que deu a entender que

antes a biblioteca funcionava em outro espaço e que quem tinha feito a mudança e organizado o espaço não tinha sido ela. Então, após alguns dias, a biblioteca estava com seus livros organizados por gênero e pelo tipo de livro, PNBE Ensino Médio, por exemplo. Organizamos os clássicos da literatura brasileira em um lugar distinto por se tratar de obras muito utilizadas em escolas de ensino médio, a fim de facilitar a localização pelos usuários.

Os livros da estante são para o ensino médio e para professores. Há, ainda, os dicionários, atlas e uma diversidade de livros e material de pesquisa de todas as disciplinas. Quase todos os livros são novos e bem cuidados. Os livros da mala são de literatura infantil, destinado às crianças do ensino fundamental menor, da época em que era ofertado esse nível de ensino na escola. Os livros da estante móvel são para o ensino fundamental maior da escola. Segundo Ângela, o acervo é formado por meio dos programas governamentais de distribuição de livros e por compra pela própria escola. No período de observação, o diretor da escola esteve na Feira do Livro, que acontece todos os anos em uma cidade vizinha e comprou mais de 80 exemplares de diversos gêneros literários de autores nacionais, locais e estrangeiros, com recursos da própria escola destinados para a compra de livros.

Ângela trabalha nessa biblioteca escolar há quatro anos não consecutivos, sem formação específica, e atuou na docência por 20 anos. Ela não é pedagoga, mas foi admitida pelo Estado após uma ordem judicial após anos de trabalhos prestados como professora. Ela possui ensino superior incompleto [desistiu] e está, atualmente, nesta função por condições de saúde que lhe garantiram readaptação de função [está também esperando o tempo para se aposentar].

Tem idade entre 41 a 50 anos, é divorciada e mãe de dois filhos. Atualmente, mora com os pais e duas irmãs na zona rural da cidade em que trabalha. Antes da separação, trabalhou em outras duas cidades em que já morou. Sua renda individual é de um a dois salários mínimos e a renda familiar gira em torno de três a quatro salários mínimos. Filha e neta de agricultores analfabetos, ela tem onze irmãos e nenhum deles possui ensino superior.

Ângela viaja esporadicamente e mencionou já ter conhecido as cidades de: Apodi/RN, Serra do Mel/RN, Natal/RN, Mossoró/RN e Canindé/CE. Ela destacou que durante essas viagens visita lugares como igrejas, mercados da cidade e museus, embora afirme que não costuma incluir atividades culturais em seus passeios. As cidades que citou são cidades vizinhas à cidade em que mora atualmente e as que mais se distanciam são a capital do estado e a cidade de um estado vizinho conhecida e visitada pelo turismo religioso.

Para Bourdieu e Darbel (2007a), o turismo está associado à instrução do indivíduo, “[...] o turismo não é independente da instrução já que a amplitude, a duração e a frequência

dos deslocamentos turísticos estão, de uma forma bastante estreita, associadas à profissão e à renda, portanto, à instrução [...]” (BOURDIEU; DARBEL, 2007a, p. 49). Os autores citam o exemplo das visitas ao museu, que aumentam na medida em que se sobe na hierarquia social.

[...] os deslocamentos turísticos podem oferecer, no máximo, algumas possibilidades suplementares de visitas aos sujeitos das classes populares que, na maior parte do tempo, não passam de visitantes por acaso. Enquanto os membros das classes cultas sentem-se convocados a respeitar determinadas obrigações culturais que lhes são impostas na qualidade do dever-ser constitutivo de seu ser social [...] (BOURDIEU; DARBEL, 2007a, p. 53).

Os deslocamentos e a escolha por determinadas atividades culturais estão intimamente relacionadas à instrução do indivíduo e à classe social da qual faz parte. As necessidades de frequentar cinema, museu, teatro e ler literatura, por exemplo, são chamadas de *necessidades culturais* por Bourdieu e Darbel (2007a, p. 161):

[...] ‘necessidade cultural’ como necessidade culta, diferentemente das necessidades ‘primárias’, aumenta à medida que é plenamente satisfeita [...] a consciência da privação decresce à medida que cresce a privação, de modo que os mais completamente desapossados dos meios de apropriação das obras de arte são os mais completamente desapossados da consciência desse desapossamento.

Ângela afirmou que nunca foi a apresentações teatrais, espetáculo de dança e show musical. Ao cinema foi uma única vez; as idas ao circo acontecem uma vez ao ano; o dvd, em casa, é assistido uma vez ao mês para ouvir música, sozinha.

Em relação à leitura, sua primeira lembrança foi aos sete anos na escola. Durante toda a entrevista, ela foi precisa e rápida em suas respostas. Perguntada sobre esse contato com a leitura respondeu: “*Só na escola*”, e sobre qual a pessoa que mais incentivava ela a ler e estudar: “*Só minha mãe mesmo*”. Além disto, afirmou que os livros que possuía em casa eram apenas “*os livros da escola*”.

Sobre as práticas de leitura na escola, diz: “*Não, lembro não. Muito pouco [cara de quem nada lembra]*”.

Ainda sobre as suas lembranças da infância, disse não ter rotina de estudos em casa, nem controle dos pais e que ela mesma controlava seus horários e realizava suas tarefas.

Era eu mesma que quando chegava em casa ia fazer. Só almoçava depois que fazia a lição de casa. Eu era muito [...] responsável, não precisava meus pais mandar não. Eu morei uns anos na casa de Dona Raimunda, ela controlava assim os horários, depois que a gente descansava do almoço a gente ia estudar, pegava os cadernos e íamos estudar, foi no tempo

que eu tive mais assim um controle, de uma pessoa impor para eu estudar foi nesse tempo. Mas, quando eu estudava em casa, eu que fazia meus horários. (Ângela).

Perguntada sobre o que a leitura significa, respondeu: *“Ah, é muito bom, né? Toda leitura deixa algo na mente da gente”*. A respeito de sua prática de leitura hoje, ela afirmou que lê esporadicamente e apenas no local de trabalho. *“Eu leio pouco, mas, aqui acolá eu leio, e depois que eu estou tralhando aqui, sem fazer nada, aí eu leio mais. Só aqui. Em casa, é difícil eu ler. Só tenho religioso e é bem pouquinho”*. Por essa fala, podemos perceber que o fato de trabalhar na biblioteca lhe possibilitou a oportunidade de ampliar seu repertório de leitura, porém, apenas o acesso a esse bem não é fator suficiente para a construção do hábito de ler, visto que ela afirma não ser uma leitora assídua.

– Eu gosto de livro que começa com Era uma vez... Pequeno e com letra grande. No começo, assim que eu vim trabalhar aqui eu lia muito, aí eu enjoiei. Dá uma preguiça. (Ângela, agosto de 2016).

Ela disse também que não costuma comprar livros, e quando compra é em uma loja de artigos religiosos da cidade. Em ordem de frequência, lê livros de religião, seu assunto preferido, seguido de livros de culinária.

Os programas televisivos a que assiste são: novela, telejornal, documentário e programas religiosos. Em casa, tem acesso à televisão com canais pagos e a livros. Não tem acesso à internet em casa, nem utiliza deste meio de comunicação na escola.

6.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA BIBLIOTECA

A biblioteca em que Ângela trabalha é visitada diariamente por alunos e professores. Não existe um cronograma e os visitantes a frequentam por livre e espontânea vontade e/ou necessidade. Existem alunos que a frequentam quase todos os dias, bem como, os que nunca a frequentaram, segundo Ângela. O espaço é utilizado para a realização de trabalhos em grupos, empréstimos de livros e para a leitura.

Conforme mencionado, na biblioteca, existe uma estante móvel, que é levada por ela para as salas de aula quando solicitada pela professora de Língua Portuguesa que sempre desenvolve projetos e utiliza tais livros. Além de levar os livros, ela registra os empréstimos lá mesmo na sala de aula.

Durante o intervalo, é comum alunos frequentarem a biblioteca, folhear livros, tomá-los de empréstimo e, após o toque, voltarem para a sala.

Os empréstimos são registrados em um livro de ata para entrada e saída dos exemplares. Neste livro, existem registros desde o ano de 2012. Os empréstimos, em sua maioria, estão organizados por ano. Porém, algumas vezes, estão classificados por turma. Parece que cada bibliotecária registra de um jeito e isto atrapalha a procura pelos registros. O fato de o livro ter registros antigos torna possível que Ângela tenha acesso a quem deve livros e ainda estuda na escola, ou ver quem tomou mais livros emprestados e quais os exemplares mais solicitados, permitindo assim, que vários levantamentos possam ser feitos.

Ela comentou que existem muitos livros emprestados há um bom tempo, desde o início do ano, e sempre que tem oportunidade pede para que os alunos avisem aos colegas, que estão em débito com a biblioteca, que precisam devolver. Não há um prazo estipulado para a devolução. Os alunos têm, em média, 15 dias para devolver ou um pouco mais, depende do tamanho e da dificuldade da leitura.

Ângela costumava ficar observando o livro de empréstimos e disse em um desses momentos que tem muitos empréstimos sem devolução, alguns desde o ano de 2012. Ela comentou ainda que sempre procura que os alunos devolvam, já colocou uma lista em cada sala, mandou bilhete e etc. Alguns professores também deviam livros e até mesmo alunos de outra escola. Ela pareceu preocupada com isto. Disse que iria agora fazer uma lista e colocar no quadro de avisos, bem na entrada da escola, e então, listou os nomes de alunos que, possivelmente, ainda estivessem na escola. No caso dos professores, outra providência seria tomada. (Diário de Campo, 2º Dia de Observação, 24/agosto/2016).

Após terminar de listar todos os alunos que estão em débito, deixou na Secretaria para que fosse digitado. O diretor ficou espantado com o número de empréstimos. O intuito de Ângela em tornar público tal lista é de que todos tomem conhecimento, devolvam e, além disso, que os próprios alunos chamem a atenção uns dos outros.

6.2 EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

Durante as observações, foi possível perceber que a principal preocupação de Ângela é com a devolução dos livros. Ela listou o nome dos alunos que deviam, pediu para que a secretária digitasse e colocasse no mural. Sempre que um aluno vinha tomar algum livro emprestado, ela antes verificava se ele não estava em débito e ainda pedia, gentilmente, que ele/a avisasse aos colegas, que viessem até à biblioteca devolver os livros caso estivessem em débito.

Ângela argumenta que quando o recado é enviado pelos próprios colegas é mais fácil de conscientizar, e completa: a gente vai e é mesmo que nada. Quando um colega diz eles ficam mais envergonhados, tomam consciência. (Diário de Campo, 6º Dia de Observação, 31/agosto/2016).

A vergonha dos mais próximos neste caso parece ter uma eficácia maior do que de um profissional. Para Berger (2001, p. 89), “[...] a desaprovação, a perda de prestígio, o ridículo ou o desprezo nesse grupo mais íntimo têm um efeito psicológico mais sério que em outra parte”. A família e o círculo de amigos também se constituem como um sistema de controle. Por esse motivo, Ângela acredita que os avisos surtem um efeito maior.

Em outros momentos, ainda folheando o livro de registros Ângela disse:

– *Dá uma tristeza olhar esse monte de livros faltando. (Ângela, agosto de 2016).*

Durante vários dias, foi possível vê-la folhear o livro de entrada e saída, e sempre tinha algo para comentar, não só sobre os alunos que estavam devendo, como também: alunos que tomavam muitos livros emprestados durante um determinado período; os assuntos que eles mais liam; e os livros que eram mais procurados pelos estudantes. Fazendo, assim, levantamentos e tirando conclusões.

Normalmente, os alunos procuravam por livros sem a ajuda de Ângela. Durante os dias observados, os alunos não a solicitaram, nem foram ajudados por ela. A iniciativa e escolha eram próprias de cada aluno.

Após organizarmos os livros na estante, Ângela aparentou satisfação. Transparecia que era como se aquele lugar agora tivesse sua marca. Ela reconheceu que a organização iria ajudar na hora de encontrar livros e, até mesmo, quando precisasse orientar os alunos sobre um dado exemplar.

Terminamos de fazer e fixar as fichas de identificação das estantes. Ângela pareceu satisfeita: “ah como ficou legal, não foi?! Agora é ter cuidado para eles não revirem, colocarem sempre nos lugares. Ficou bom!” [sorrindo].

Neste mesmo dia, um professor estava na biblioteca a fazer uma atividade e Ângela falou para ele o seguinte: – Tem um monte de livros para os professores, nós arrumamos e agora estão todos ali [apontando para a estante].

O professor olhou alguns, mas, não tomou nenhum emprestado. Ele já havia tomado três livros emprestados há poucos dias. Já deveria conhecer os outros exemplares. Não se tratava de livros novos, agora apenas estavam organizados em um lugar específico para os docentes. (Diário de Campo, 6º Dia de Observação, 31/agosto/2016).

O fato dos livros estarem organizados por gênero é de grande valia na hora de procurar algum exemplar. Além disto, a arrumação serviu para que Ângela tomasse conhecimento dos livros que existem no espaço e para encontrá-los mais facilmente. Os alunos frequentam a biblioteca no intervalo entre uma aula e outra, portanto, as fichas servem de orientação, quando Ângela não é solicitada.

Ângela afirmou que não conhece muitos livros do espaço. Um exemplo foi o descrito a seguir:

Um fato interessante ocorrido hoje foi quando uma pessoa externa à escola veio devolver um livro que, por sinal, eu estava à procura de algo do tipo: Biblioteca Escolar: Curso de Atualização de Professores. No mesmo momento, tomei o livro emprestado e já comecei a ler o sumário em voz alta compartilhando o quanto a obra era rica em informações. Trata-se de um manual sobre o professor de biblioteca, a organização e dinamização do espaço, o uso da informação e outros assuntos sobre esse tema. Ângela ficou curiosa sobre o livro e disse: - Eu nem sabia que aqui tinha esse livro. Preciso ler ele, hein? Para saber qual a função do bibliotecário né?! Leia e me diga, viu?! [risos]. (Diário de Campo, 8º Dia de Observação, 02/setembro/2016).

Ângela aparentou interesse pelo livro, embora tenha dito que queria saber por mim o que há nele de importante para a sua prática como bibliotecária.

6.3 COMPREENDENDO AS PRÁTICAS

Ângela afirmou que o que a levou a trabalhar na biblioteca “*foram as condições de saúde. Fiquei sem poder ir para sala de aula. Foi tipo uma imposição*”. Essa situação é muito comum nas escolas do país, não é necessário, aqui, trazer dados ou pesquisas para comprovar que a readaptação é corriqueira, no sistema educacional e, principalmente, nas bibliotecas.

Perguntada se se sentia preparada para trabalhar neste espaço, Ângela respondeu que não, mas, afirmou que poderia se sentir preparada caso tivesse uma formação específica e explicou:

Não, porque eu não tenho muito conhecimento de todos os livros assim. Trabalhar na biblioteca requer conhecimento sobre muita coisa, não é só assinar assim isso aqui de entrada e saída de livro não. Requer muitos trabalhos que eu não sei fazer. Com uma preparação, eu podia até aprender a fazer. (Ângela, agosto de 2016).

Ela não negou seu desconhecimento do acervo com o qual trabalha há quatro anos não consecutivos e reconhece que trabalhar na biblioteca requer, acima de tudo, conhecimento e que seu trabalho, assim como o de quem atua neste espaço, não pode se restringir a registrar empréstimos. Embora tenha consciência destes aspectos, ainda não sabe como melhorar o seu trabalho. A sugestão que dá é que tenha uma formação/preparação específica.

Para Ângela, a função de quem trabalha na biblioteca escolar é “*Incentivar os alunos a ler, fazer projetos, registrar e procurar receber os livros também*”. Embora suas ações sejam “*registrar e cobrar os livros, só o que eu faço é isso, arrumar os livros eu também, às vezes, eu arrumo*”, ela tem consciência da responsabilidade e do trabalho que o profissional que atua na biblioteca deve ter e de que sua prática não corresponde ao que acredita que deve ser.

Perguntada sobre como é trabalhar neste espaço, ela foi concisa: *“Não é ruim não, tem dificuldade não”*.

Ela afirmou, ainda, que não costuma indicar livros, mas, justificou que o motivo é porque os alunos passam pouco tempo na biblioteca e quando vão até lá procuram um livro muito rápido. E completa, *“Quando as turmas vêm é cada um mais rápido que o outro, correndo, para voltar às salas. [...] Eles não têm aquele tempo disponível para chegar aqui e, por exemplo, vir só olhar os livros, para eu indicar um livro para ele ler, não, não tem esse tempo não. Falta esse tempo também né?! Já os professores, procuram por conta própria mesmo”*.

Ela sente necessidade de passar mais tempo com os alunos e é otimista ao sugerir essa alternativa e de ter uma formação específica na área. O fato de ter consciência de suas necessidades e dificuldades é um indício de que alguma ajuda externa poderia melhorar o seu trabalho, mas, a falta de acesso e uso da internet, por exemplo, deixa de ser um meio de obter informações e ideias de como melhorar as suas ações. A formação na área, ainda, parece ser algo distante para essas bibliotecárias, ou melhor, para as agentes que atuam nas bibliotecas escolares do nosso país.

No que se refere a sua prática de leitura, ela não se considera uma leitora e tal fator também influencia bastante na sua prática como bibliotecária, visto que o principal material que existe nesse espaço são livros. Nos textos e livros lidos durante a construção deste trabalho, diversas vezes foi mencionada a importância de que o bibliotecário ou o profissional que atua no espaço de leitura da escola seja, antes de tudo um leitor, e que conheça seu principal material de trabalho: os livros. Quando isto não acontece, a prática desenvolvida tende a não corresponder aos objetivos desse espaço educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar e compreender as práticas de professoras que atuam em bibliotecas escolares e não possuem formação específica para tal exercício. Os instrumentos de pesquisa aqui utilizados para a obtenção das informações, bem como a disponibilidade das bibliotecárias e o acesso às escolas foram de extrema relevância para a construção da análise aqui empreendida. Não se pode deixar de mencionar que, mesmo assim, foi um desafio essa tentativa de compreensão das práticas, como toda tentativa dessa natureza tende a ser, principalmente, quando estas práticas são restritas. Mas, este é o papel do pesquisador. As observações realizadas permitiram um olhar mais de perto sobre as ações das colaboradoras desta pesquisa, assim como as entrevistas nas quais as agentes consentiram contar um pouco de seu passado e de suas vidas. Porém, certamente, houve limitações dos dados fornecidos.

Vale agora rememorar alguns aspectos que guiaram as conclusões.

A cidade em que as bibliotecárias moram, Severiano Melo/RN, é uma cidade de pequeno porte e como mencionado no início deste trabalho, não possui teatro, cinema ou museu, ou seja, espaços destinados a atividades culturais. Esta é uma das possíveis razões pelas quais as pesquisadas não são frequentadoras assíduas destes lugares visto que só existem em cidades como Mossoró/RN, por exemplo, distante a pouco mais de 100 km. Portanto, não é fácil o acesso a esses lugares para as pessoas que moram e trabalham em Severiano Melo. As dificuldades de deslocamento e as condições financeiras nem sempre possibilitam a ida a esses espaços.

No que diz respeito às escolas, as unidades da zona urbana do município investigado são as únicas que possuem bibliotecas. Embora as bibliotecárias que ali trabalham afirmem que os acervos são pequenos, pode-se considerar que eles são até satisfatórios em termos quantitativos se comparados ao número de alunos, mas essa afirmação pode ser refutada quando se considera elementos tais como: diversidade de materiais, atualização e estado das obras.

Quanto às visitas dos professores a esse espaço da escola, foi possível perceber que o número ainda é baixo se se levar em conta o fato de que a leitura é algo primordial em planos e leis que regem a Educação e a biblioteca é o espaço da escola que reúne materiais de leitura. Vale, também, destacar como a biblioteca e a caracterização do espaço mudam na medida em que o grau de escolaridade ofertado naquela instituição aumenta. A biblioteca da escola de Educação Infantil é colorida, e lá acontece contação de histórias pela bibliotecária, mas nas

outras duas escolas, a biblioteca tem outra aparência, são apenas pintadas de cor clara, e as atividades são mais técnicas e burocráticas.

Sobre as atividades culturais a que as agentes colaboradoras têm acesso, o circo é a atividade mais citada por elas. É fato: todos os anos, um circo se desloca até a cidade e passa alguns dias por lá. A maioria das bibliotecárias frequenta show musical e espetáculo de dança, pois são atividades que também acontecem na cidade, portanto, as possibilidades são maiores do que o teatro ou o cinema, por exemplo. Elas vão a esses programas culturais acompanhadas da família ou em grupos, e isto está relacionado ao que Bourdieu e Darbel (2007a) chamam de ritmos coletivos, típico das classes populares, no que se refere ao lazer.

A cidade também não dispõe de biblioteca pública, embora já tenha existido uma, nem de livraria. É possível encontrar apenas livros religiosos em uma loja que vende artigos do gênero e em outra que vende material escolar e livros paradidáticos, ambas no comércio local. Três das cinco bibliotecárias compram livros por meio de catálogo de vendas. Este tipo de compra as impede de folhear o livro ou de ter uma variedade maior em opções, visto que tal catálogo oferece inúmeros outros produtos além de livros. Porém, é sempre uma alternativa para a aquisição de um novo exemplar.

O assunto religião foi indicado como o preferido de todas. O acesso à leitura desse gênero é facilmente encontrado na cidade e no catálogo de vendas também. Ainda sobre religião, quatro das cinco entrevistadas citam os programas religiosos como programas televisivos de preferência. Além disto, a Igreja está entre os espaços visitados por todas quando realizam viagens. Pode-se concluir, então, que o sentimento religioso está bastante presente nas vidas destas agentes.

Sobre a leitura, quatro das cinco bibliotecárias tiveram contato com livros pela primeira vez na escola e com a idade de sete anos. As lembranças desses contatos e dos momentos vividos com o livro e a leitura são poucas, tanto na família quanto na escola. Pelas observações e informações obtidas pelo questionário e pela entrevista, é possível perceber que o modo de apropriação da leitura está mais relacionado à escola e o modo de ler é mais instrumental do que literário.

Duas das bibliotecárias afirmam que lê todos os dias, principalmente, livros religiosos e três leem esporadicamente ou apenas nos finais de semana. Embora todas tenham acesso a livros, apenas duas afirmam ter o costume de comprar este bem material e cultural. Assim como possuem livros, todas têm televisão e a maioria possui acesso à internet e rádio em casa. Os telejornais, as novelas e os programas religiosos são, nesta ordem, os programas televisivos mais vistos.

O objetivo deste trabalho foi saber quem eram as professoras de biblioteca escolar do município de Severiano Melo/RN, como desenvolvem suas práticas e por que razões agem de tal maneira. Foi possível identificar que das cinco participantes da pesquisa, duas delas não são professoras e que estas agentes, embora desenvolvam a mesma função, realizam suas práticas de maneira distinta.

Todas elas registram os empréstimos e as devoluções de livros. Além desta atividade, algumas organizam o espaço, orientam alunos e professores, organizam cronograma de visita dos alunos à biblioteca, elaboram projetos de leitura, selecionam atividades de compreensão da leitura e contam histórias.

A mudança da função de professor para bibliotecário exige outras práticas e posturas profissionais, assim como toda readaptação de cargo requer. No caso específico dessa mudança, é necessário levar em consideração que, geralmente, tal transição acontece no final da carreira profissional e/ou quando surge algum problema de saúde, que o impossibilite de estar em sala de aula, o que pode ocasionar algumas dificuldades de adaptação.

Nos casos aqui observados em que as bibliotecárias desenvolviam ações e práticas tais como: orientação, organização, contação, elaboração de projetos e etc. – percebeu-se como o resultado do esforço em superar os desafios que o exercício de uma nova função impõe, bem como, de se manter numa atividade educativa. Os casos de práticas restritas às atividades burocráticas – ao registro dos empréstimos, por exemplo – podem estar associados às dificuldades de adaptação à nova função e/ou a ausência de conhecimento, especificamente, de uma formação na área.

As agentes que já exerceram a docência tinham uma bagagem de conhecimento que pôde auxiliar na atuação da nova função, visto que continuaram no mesmo espaço de trabalho e convivendo com o mesmo público. As bibliotecárias que nunca exerceram a docência e, portanto, não tiveram a possibilidade de acesso aos conhecimentos pedagógicos, têm suas práticas restritas às noções que vão adquirindo no dia a dia.

O fato de desconhecerem a função do bibliotecário e não buscar descobrir que caminho seguir é um dos maiores empecilhos porque uma formação específica ainda é uma realidade distante. Portanto, o profissional que assume uma função como esta deve procurar conhecer quais as suas atribuições e quando isto não acontece qualquer conhecimento pode ser o seu guia e as chances de desenvolver um trabalho pouco eficiente e eficaz aumentam.

Não se pode deixar de mencionar, também, graus de iniciativas distintos no que diz respeito ao desempenho de suas funções e desenvolvimento de tarefas. O *habitus* profissional é reflexo do passado do indivíduo, de toda uma formação e uma trajetória de vida. Segundo

Bourdieu (2009), as disposições individuais são uma variante das disposições da classe, do grupo social do qual o indivíduo faz parte e o que os diferencia são as trajetórias sociais. Para Bourdieu (2009, p. 100):

O princípio das diferenças entre os *habitus* individuais reside na singularidade das *trajetórias sociais*, [...] o *habitus* [...] estrutura em função das estruturas produzidas pelas experiências anteriores as experiências novas que afetam essas estruturas nos limites definidos pelo seu poder de seleção [...].

São as trajetórias sociais que diferenciam e dão singularidade às ações de cada bibliotecária, razão pela qual, por mais que tenham histórias de vidas parecidas, pais com o mesmo grau de escolarização e dificuldades de acesso à cultura, cada uma realiza seu trabalho de determinada maneira, com base no seu *habitus* e nas suas disposições, o que leva cada uma delas a enxergar o exercício desta função de diferentes formas. Sem esquecer, que as práticas incorporadas e desenvolvidas e as práticas que o ambiente escolar exige são capazes de influenciar o trabalho que se realiza na biblioteca escolar. Os desafios ou empecilhos provocam ações diferentes nas pessoas: ou acomodação ou iniciativa de mudança. O que é capaz de determinar as práticas das bibliotecárias é o *habitus* de cada uma.

No Brasil, a despeito do que dispõe os documentos legais e as políticas públicas, a biblioteca e, de modo particular, a escola, sempre foi encarada como um espaço para guardar livros e esse lugar parece que pode ser qualquer espaço. Enquanto não são projetadas como devem, as bibliotecas tendem a funcionar como e onde podem. Da mesma forma, o agente que é destinado a desempenhar a função de bibliotecário tende a desenvolver o seu trabalho com o conhecimento que já possui como professor, visto que uma formação específica ainda não é uma realidade consolidada para a maioria em exercício. E quando não se é docente, o saber adquirido na prática dá suporte para as ações diárias. Vale lembrar que todas as entrevistadas destacam a importância que uma formação específica iria possibilitar.

Enquanto a biblioteca não for considerada um espaço importante da escola e, até mesmo da cidade, continuará a ser apenas um amontoado de livros. Este é um problema com raízes profundas. As pessoas precisam sentir a necessidade de ler e preservar os livros e, ainda, preparar e formar pessoas para cuidarem destes lugares.

Mas, como surge a necessidade de consumo de um bem cultural? Para responder a esta pergunta seria justo recorrer novamente a Bourdieu e Darbel (2007a, p. 90) que afirmam: “[...] o amor pela arte nasce de um convívio bem prolongado e não de um golpe repentino”. Tal afirmação poderia ser assim reescrita: “o amor pela leitura nasce de um convívio bem

prolongado e não de um golpe repentino”. Portanto, o gosto pela leitura e a necessidade do consumo desse bem cultural nasce do convívio prolongado e, de preferência, quanto mais cedo melhor, quer seja na família, na escola ou nos grupos de convivência dos agentes. Daí, a importância das bibliotecas escolares e dos profissionais que nelas trabalham para a formação dos leitores e para a construção do amor pela leitura e pelos livros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de.; BORTOLIN, Sueli. (2009). Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata J. de et al. *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, pp. 205-218.
- ANDRADE, Maria da C. L. de.; CARVALHO, Ranieli A. *Educação e virtude: uma investigação a partir de livros infantis*. In: Semana de Ciência, Tecnologia e Inovação da UERN: ciência, saúde e esporte. Mossoró: Anais do IX Salão de Iniciação Científica, 2013a.
- ANDRADE, Maria da C. L. de.; CARVALHO, Ranieli A. *Experiências de leitura em espaços não escolares: as virtudes e a educação dos pequenos*. Anais Fiped (2013) - Volume 1, Número 2. Vitória da Conquista: Realize editora, 2013b.
- ANTUNES, Walda de Andrade. *Biblioteca Escolar – Curso de atualização para professores: Manual*. São Paulo: Global, 2002.
- ARENA, Dagoberto B. (2009). Leitura no espaço da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata J. de et al. *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 157-185.
- BERGER, Peter. A perspectiva Sociológica – O Homem na Sociedade. In: BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Trad. de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOGDAN, Roberto C. BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Trad. Maria J. Alvarez, Sara B. dos Santos e Telma M. Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Trad. de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007a.
- BOURDIEU, Pierre. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de Educação*. 9. ed. - Petrópolis: Vozes, 2007b. p. 71-79.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Trad. de Mariza Corrêa – Campinas: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger et al (Orgs.). *Práticas de leitura*. Trad. de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 149-168.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Trad. de Paula Montero e Alícia Auzemend. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81.

BRASIL. *Portaria nº 584, de 28 de abril de 1997*. Ministério da Educação e do Desporto, Brasília, DF, 28 abr. 1997. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

BRASIL. *Lei nº 4.084, de 30 de Junho de 1962*. Presidência da República, Brasília, DF, 30 jun. 1962. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

BRASIL. *Decreto-lei nº 12.244, de 24 de Maio de 2010*. Presidência da República, Brasília, DF, 24 mai. 2010. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

BRITTO, Luiz, P. L. (2009). Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis. In: SOUZA, Renata J. de et al. *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, pp. 187-203.

BUENO, Kátia M. P. *Construção de habilidades: trama de ações e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

FELIPE, Eliana da Silva. *Redes de leitores: configurando uma história da leitura de crianças de assentamento da reforma agrária no sudeste do estado do Pará*. 34ª Reunião Anual da Anped. Natal/RN, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

GIROTTI, Cyntia G. G. S.; SOUZA, Renata J. de . (2009). A Hora do Conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens. In: SOUZA, Renata J. de et al. *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 19-47.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Indicadores sociais municipais: Severiano Melo. Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiro em 01.07.2015*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos meios populares. As razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2008.

MACEDO, Neusa D.; OLIVEIRA, Helena G. de. *Diretrizes da IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar*. Tradução de Neusa Dias Macedo e Helena Gomes de Oliveira. São Paulo: 2005. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

MASSOLA, Gisele; BONIN, Iara T. *Significações e práticas de leitura em uma biblioteca comunitária*. 34ª Reunião Anual da Anped. Natal/RN, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

MAY, Tim. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OS FANTÁSTICOS livros voadores do Sr. Morris Lessmore. Direção de William Joyce e Brandon Oldenburg. Realização de Estúdios Moonbot. 2011. Disponível em: <<https://youtu.be/8CMt6-xwAls>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

PAIVA, Aparecida. (2009). A trama do acervo: a literatura nas bibliotecas escolares pela via do Programa Nacional Biblioteca da Escola. In: SOUZA, Renata J. de et al. *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 137-155.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliâne; SANTANA, Marcelo. *Biblioteca escolar*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry at AL. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, Ester Calland de Sousa. *A professora na biblioteca escolar: identidade e práticas de ensino na formação de leitores*. . 34^a Reunião Anual da Anped. Natal/RN, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

SANTOS, Caroline C. S dos; SOUZA, Renata J. de. (2009). Programas de leitura na biblioteca escolar: a literatura a serviço da formação de leitores. In: SOUZA, Renata J. de et al. *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 97-114.

SILVA, Rovilson J. da (2009). Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata J. de et al. *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, p. 115-135.

SILVA, Lilian L. M. da; FERREIRA, Norma S. de A.; SCORSI, Rosalia de A. (2009). Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata J. de et al. *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 49-67.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *A prática pedagógica do professor de didática*. 1988. 286 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário aplicado às bibliotecárias de Severiano Melo/RN

APÊNDICE B: Entrevista realizada com as bibliotecárias de Severiano Melo/RN

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS BIBLIOTECÁRIAS DE SEVERIANO MELO/RN
2016**

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
POSEDUC – Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado em Educação
Linha de Pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente
Orientadora: Dr^a Maria da Conceição Lima de Andrade
Mestranda: Ranieli Amorim Carvalho

Prezado (a) Professor (a) de Biblioteca:

Este questionário faz parte de uma pesquisa que estou desenvolvendo cujo objetivo é investigar, por uma perspectiva sociológica, o que predispõe professores (as) de bibliotecas escolares a desenvolverem determinadas práticas pedagógicas. Responda, por favor, as perguntas na sequência apresentada. Na análise, a sua identidade será mantida em sigilo.

Obrigada pela sua participação e colaboração.

Nome:

1) Sexo:

- Masculino
 Feminino

2) Faixa etária:

- Menos de 20 anos
 20 a 30 anos
 31 a 40 anos
 41 a 50 anos

3) Local de nascimento (cidade/estado):

4) Nível de escolaridade:

- Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo
 Magistério
 Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo (especificar) _____
 Especialização (especificar) _____

Mestrado (especificar)_____

Doutorado (especificar)_____

6) Possui curso específico para atuar na biblioteca:

Não

Sim (especificar)_____

7) Estado Civil:

Solteiro(a)

Casado(a)

Separado(a) ou divorciado(a)

União estável

Viúvo(a)

Outro

8) Número de filhos:

0

1

2

3

4 ou mais

9) Tempo de atuação:

Na docência_____

Na biblioteca_____

Em outro (especificar)_____

10) Informações sobre o pai:

Profissão do Pai:_____

Escolaridade do Pai:

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Magistério

Ensino superior incompleto

Ensino superior completo (especificar)_____

Especialização (especificar)_____

Mestrado (especificar)_____

Doutorado (especificar)_____

11) Profissão dos avós paternos:

Avô:_____

Avó:_____

12) Informações sobre a Mãe:

Profissão da Mãe: _____

Escolaridade da Mãe:

 Ensino fundamental incompleto Ensino fundamental completo Ensino médio incompleto Ensino médio completo Magistério Ensino superior incompleto Ensino superior completo (especificar) _____ Especialização (especificar) _____ Mestrado (especificar) _____ Doutorado (especificar) _____

13) Profissão dos avós maternos:

Avô: _____

Avó: _____

14) Número de irmãos:

 0 1 2 3 4 ou mais15) Com quem você mora? Descreva sua composição familiar (quem e quantos): _____

16) Mora em residência:

 Própria Alugada Cedida Outro (especificar) _____

17) Renda mensal aproximada (individual):

 Menos de um salário mínimo Até 01 salário mínimo 01 a 02 salários mínimos 02 a 03 salários mínimos 03 a 04 salários mínimos 04 salários mínimos ou mais

18) Renda familiar aproximada:

- Menos de um salário mínimo
- Até 01 salário mínimo
- 01 a 02 salários mínimos
- 02 a 03 salários mínimos
- 03 a 04 salários mínimos
- 04 salários mínimos ou mais

19) Qual a sua primeira lembrança em relação a leitura e com que idade?

20) Existe algum membro de sua família que você costumava ou costuma ver lendo?

- Não
- Sim (especificar) _____

Em que momentos: _____

Que tipo de leitura: _____

21) Alguém de sua família já trabalhou ou trabalha em biblioteca escolar/pública/privada?

- Não
- Sim (especificar) _____

22) O que você costuma fazer nos finais de semana?

23) Você costuma viajar?

- Não
- Sim

Em caso afirmativo, quais cidades você já visitou?

24) Durante as suas viagens, que tipo de atividade você inclui em seus passeios?

- Ida ao shopping
- Igreja
- Mercado da cidade
- Cinema
- Museus
- Parques
- Teatros
- Bibliotecas
- Feira livre
- Livrarias

Outros (especificar) _____

25) Com que frequência você tem acesso a esses programas culturais?

Teatro

- 1 vez ao ano
 2 vezes ao ano
 3 vezes ou mais ao ano
 Nunca frequentei

Último espetáculo assistido (especificar ano): _____

Com quem você foi: _____

Cinema

- 1 vez por semana
 2 vezes por mês
 1 vez por mês
 Nunca frequentei

Último filme assistido (especificar ano): _____

Com quem você foi: _____

Circo

- 1 vez ao ano
 2 vezes ao ano
 3 vezes ou mais ao ano
 Nunca frequentei

Último espetáculo assistido (especificar ano): _____

Com quem você foi: _____

Espectáculo de dança

- 1 vez ao ano
 2 vezes ao ano
 3 vezes ou mais ao ano
 Nunca frequentei

Último espetáculo assistido (especificar ano): _____

Com quem você foi: _____

Show musical

- 1 vez ao ano
 2 vezes ao ano
 3 vezes ou mais por ano
 Nunca frequentei

Último show assistido (especificar ano): _____

Com quem você foi: _____

Dvd em casa

- 1 vez por semana
- 3 vezes por semana
- 3 vezes ou mais por mês
- Nunca frequentei

Último assistido (especificar ano): _____

Com quem você foi: _____

Outros (especificar): _____

Último assistido (especificar ano): _____

Com quem você foi: _____

26) Costuma comprar livros:

- Não
- Sim (especificar) _____

Em caso afirmativo (enumere por ordem de preferência onde costuma comprar livros):

- Livrarias (físicas)
- Livrarias (virtuais)
- Sebos
- Catálogo de revistas
- Outros (especificar): _____

27) Você tem o hábito de viajar e incluir nas suas viagens programas culturais?

- Não
- Sim (especificar) _____

28) Na sua casa existe:

- Geladeira
- Televisão
- Máquina de lavar
- Aparelho de som
- Dvd
- Telefone móvel
- Telefone fixo
- Computador
- Computador com acesso a internet
- Tablet
- Carro
- Moto

29) Assinale as opções a que você tem acesso em sua casa:

- Internet
- Televisão (canais abertos)
- Televisão (canais pagos)
- Livros
- Jornais (com assinatura)
- Jornais (sem assinatura)
- Revista (com assinatura)
- Revista (sem assinatura)
- Rádio
- Outros (especificar)_____

30) Como você chega até a escola:

- Carro
- Moto
- Ônibus
- Outro (especificar)_____

31) Enumere, em ordem de frequência, o que você mais assiste:

- Telejornais
- Novelas
- Filmes
- Programas educativos
- Documentários
- Desenhos animados
- Programas esportivos
- Programas de auditório
- Programas religiosos
- Outros (especificar)_____

APÊNDICE B

ENTREVISTA REALIZADA COM AS BIBLIOTECÁRIAS DE SEVERIANO MELO/RN 2016

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
POSEDUC – Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado em Educação
Linha de Pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente
Orientadora: Dr^a Maria da Conceição Lima de Andrade
Mestranda: Ranieli Amorim Carvalho

Prezado (a) Professor (a) de Biblioteca:

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa que estou desenvolvendo cujo objetivo é investigar, por uma perspectiva sociológica, o que predispõe professores (as) de bibliotecas escolares a desenvolverem determinadas práticas pedagógicas. Na análise, a sua identidade será mantida em sigilo.

Obrigada pela sua participação e colaboração.

PERGUNTAS

1. Relate sobre suas práticas de leitura durante a infância NA FAMÍLIA (Como sua família via a leitura? Que membro da sua família mais incentivava? Você tinha livros? A família tinha livros? Onde eles eram guardados? Você tinha acesso? Como eles foram adquiridos? Sua família ou alguém incentivava o estudo? Qual a principal referência que você tem sobre a ler/leitura/livros?).
2. Relate sobre suas práticas de leitura durante a infância NA ESCOLA (Lembra-se de ouvir histórias contadas pela professora? Você gostava desses momentos? Tinha acesso a livros? Quais livros você tem mais lembrança? Existia biblioteca?).
3. Como era sua rotina de estudos em casa? (Seus pais controlavam seus horários e o cumprimento das tarefas escolares? Alguém ajudava nas tarefas? Em que lugar da casa era realizado? Tinha um horário de dia específico?).
4. Atualmente você tem o costume de ler? (Descreva esses momentos em que lê: onde costuma ler, que horário, na companhia de quem, por quanto tempo).
5. O que significa a leitura para você?
6. O que levou você a trabalhar na biblioteca?

7. Você se sente preparada para trabalhar na biblioteca?
8. Para você qual a função da pessoa responsável pela biblioteca? E o que você faz na biblioteca?
9. Como é trabalhar neste espaço? Quais dificuldades? Quais facilidades encontradas?
10. Você costuma indicar livros? Que critérios você estabelece para indicar livros para alunos? E para professores?